

DURVAL MUNIZ DE ALBUQUERQUE JÚNIOR

XENOFOBIA

DURVAL MUNIZ DE ALBUQUERQUE JÚNIOR

XENOFOBIA

MEDO E REJEIÇÃO AO ESTRANGEIRO



CORTEZ
EDITORA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Albuquerque Júnior, Durval Muniz de Xenofobia : medo e rejeição
ao estrangeiro / Durval Muniz de Albuquerque Júnior. — São
Paulo : Cortez, 2016.

Bibliografia.

ISBN 978-85-249-2468-2

1. Comportamento (Psicologia) 2. Conflito social 3. Preconceitos
4. Xenofobia I. Título.

16-04727

CDD-303.385

Índices para catálogo sistemático:

1. Preconceito : Sociologia 303.385

DURVAL MUNIZ DE ALBUQUERQUE JÚNIOR

XENOFOBIA

MEDO E REJEIÇÃO AO ESTRANGEIRO

CORTEZ
EDITORA

Este livro trata de um dos grandes problemas da contemporaneidade: a xenofobia, ou seja, o medo e a rejeição ao estrangeiro, ao estranho. Em um mundo cada vez mais globalizado, em que grandes levas de pessoas se deslocam entre países e continentes, em busca de oportunidades de trabalho ou em busca de fugir de situações de extrema pobreza, de guerras e conflitos sociais que ameaçam suas próprias vidas, as tensões entre as populações dos espaços de recepção e esses novos nômades que perambulam em busca da construção de uma nova vida têm se acentuado de forma dramática.

O livro procura abordar o problema em suas várias dimensões e dedica-se a mostrar como a xenofobia encontra-se espalhada pelo mundo afetando as relações internacionais, dando origem a tensões e conflitos que envolvem povos e países dos diversos continentes, fazendo emergir, por toda parte, discursos e práticas de não reconhecimento do outro, de rejeição e de medo diante da presença do estrangeiro. A construção de muros se espalha pelo mundo, muros destinados a fechar as fronteiras nacionais, a impedir a entrada de imigrantes, a bloquear a passagem dos indesejáveis, violando permanentemente o direito humano de ir e vir. A xenofobia se faz presente de forma cada vez mais intensa, inclusive no Brasil, apesar do mito de que somos um país de povo hospitaleiro.

XENOFOBIA

MEDO E REJEIÇÃO AO ESTRANGEIRO



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 Estranhos corpos	13
CAPÍTULO 2 Diferentes modos	29
CAPÍTULO 3 Invasores	43
CAPÍTULO 4 Indesejáveis misturas.....	59
CAPÍTULO 5 Evitando contatos.....	73
CAPÍTULO 6 Predadores.....	87
CAPÍTULO 7 Ameaças do outro	101
CAPÍTULO 8 Desclassificados.....	117
CAPÍTULO 9 Distintas convicções.....	133
CAPÍTULO 10 Diversa crença.....	151
CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
FONTES	173
BIBLIOGRAFIA	185
ICONOGRAFIA	191

INTRODUÇÃO

A palavra xenofobia vem do grego, da articulação das palavras *xénos* [ξένος] (estranho, estrangeiro) e *phobos* [φόβος] (medo), significando, portanto, o medo, a rejeição, a recusa, a antipatia e a profunda aversão ao estrangeiro. Ela implica uma desconfiança e um preconceito em relação às pessoas estranhas ao território, ao meio, à cultura a que pertence aquele que julga, que observa, que se considera como estando em seu lugar. A xenofobia implica uma delimitação espacial, uma territorialidade, uma comunidade, em que se estabelece um dentro e um fora, uma interioridade e uma exterioridade, tanto material quanto simbólica, tanto territorial quanto cultural, fazendo daquele que vem de fora desse território ou dessa cultura um estranho ao qual se recusa, se rejeita com maior ou menor intensidade. A xenofobia pode se manifestar de diferentes maneiras, desde como uma simples recusa de aproximação, convivência ou contato com o estrangeiro até através de atitudes extremadas de agressão e tentativa de eliminação física ou simbólica do ser estranho. O estrangeiro, o estranho tende a ser visto com suspeita, pois seus comportamentos, atitudes, códigos de valores não obedecem às mesmas regras que definem aquela cultura que o está recepcionando. Até mesmo seu corpo pode ser completamente diferente dos corpos daquele agrupamento humano em que está ingressando. A xenofobia tende, assim, a ser uma

maneira de expressão dos choques culturais causados pelo encontro de grupos e culturas humanas distintos.

O medo da perda da identidade individual ou coletiva pelo contato com esse outro, representante de formas distintas de ser humano, é um dos motivos da xenofobia. Como grande parte dos medos humanos, das fobias humanas, ela nasce da insegurança do próprio ser, do desamparo dos homens diante da possibilidade constante da mudança do seu ser próprio, da possibilidade de que algo ou alguém faça com que se deixe de ser o que se pensa ser. O estrangeiro é ameaçador pois pode levar à perda daquilo que foi construído como a forma de ser da pessoa ou do grupo que vive em um dado espaço. Ele tende a ser visto como capaz de arrastar cada um e a todos, literalmente, para a perdição, para a perda daqueles traços culturais e/ou étnicos que definiriam o ser de um dado grupo humano, habitantes e construtores de um dado território. Em casos extremos, a xenofobia pode levar, a pretexto de se manter a pureza da "raça" ou da cultura, a tentativas de extermínio, à matança do estrangeiro, definido, muitas vezes, como um invasor do território e um predador dos recursos naturais, das oportunidades de trabalho e riqueza que pertenceriam, naturalmente, ao grupo que estaria sendo invadido e predado.

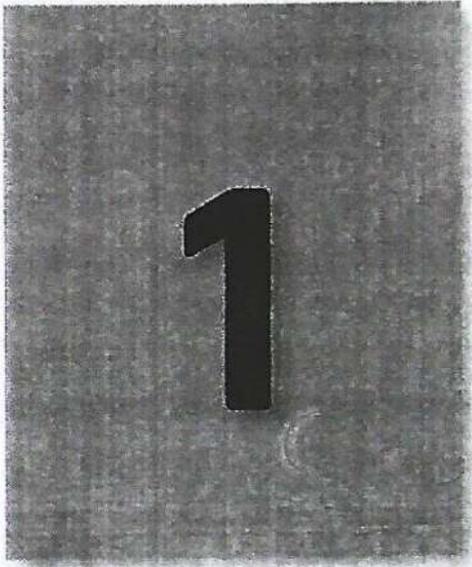
Mas, como tentarei mostrar ao longo deste livro, a xenofobia, como todo sentimento humano, como toda atitude humana, está carregada de ambiguidades, de conflitos entre o nível racional, consciente e o nível pulsional, inconsciente. Tudo aquilo que inspira medo pode também ser objeto de fascínio e desejo. Os maiores medos humanos podem ser motivados, justamente, por aquilo ou aquele que inspira desejo, que provoca reações libidinais de difícil controle. Muitas vezes, a atitude de agressão, de evitação, de rejeição funcionam como mecanismos de defesa em relação àquilo ou àquele que afeta, que provoca afecção, afeição, comoção, emoção em quem assim reage. O medo de aproximação pode revelar-se como o medo de não resistir a esse outro. Da mesma forma que o corpo estrangeiro, que o corpo estranho pode causar incômodo e aversão, pode ser objeto de

abjeção, ele pode causar curiosidade, excitação, desejo, ele pode ser objeto de fantasias eróticas que, como sabemos, não estão nunca dissociadas de certo grau de perversidade, de perversão, de agressão. O corpo exótico pode inspirar desejo e, por isso mesmo, parecer ameaçador. O corpo que atrai, a cultura que fascina pela diferença, as maneiras que seduzem pelo inesperado e pela novidade podem, num momento seguinte, num momento de racionalização, tornarem-se o corpo recusado, a cultura ameaçadora, as maneiras inadequadas. Seres situacionais e relacionais que somos, podemos vivenciar constantemente a reversibilidade, a inconstância, o duplo significado, a ambivalência de nossas atitudes e convicções, de nossos sentimentos e posições.

A xenofobia é um dos maiores problemas do nosso tempo. O mundo contemporâneo, mesmo naquelas sociedades que se julgam as mais civilizadas e avançadas, tanto do ponto de vista tecnológico, como do ponto de vista dos valores e costumes, têm que conviver com crescentes manifestações de intolerância, de racismo, de violência em relação aos estrangeiros, à medida que se caracteriza por ser um mundo marcado pela constante e ampla mobilidade das populações, dada, por um lado, pelas maiores facilidades de transportes, mas, por outro, pela convivência, lado a lado, de sociedades e economias com níveis de desenvolvimento econômico profundamente desiguais. A globalização dos fluxos de capitais e das empresas foi acompanhada pela globalização dos fluxos de mão de obra e de trabalhadores, desde os mais qualificados, até a grande massa de deserdados, de subempregados, de desempregados do mundo, que se lançam à aventuras, bastante perigosas, em busca de um lugar que lhe dê acesso a um posto de trabalho e das mínimas condições para viver. Some-se a isso os distintos conflitos bélicos, as guerras civis, as perseguições religiosas e étnicas, as perseguições políticas, que levam milhares de pessoas a saírem de seus territórios e procurarem novos locais para habitar ou, pelo menos, sobreviver. Todas as sociedades, todos os países tendem a se tornar multiétnicos e multiculturais, o que intensifica os contatos culturais e, ao mesmo tempo, os choques,

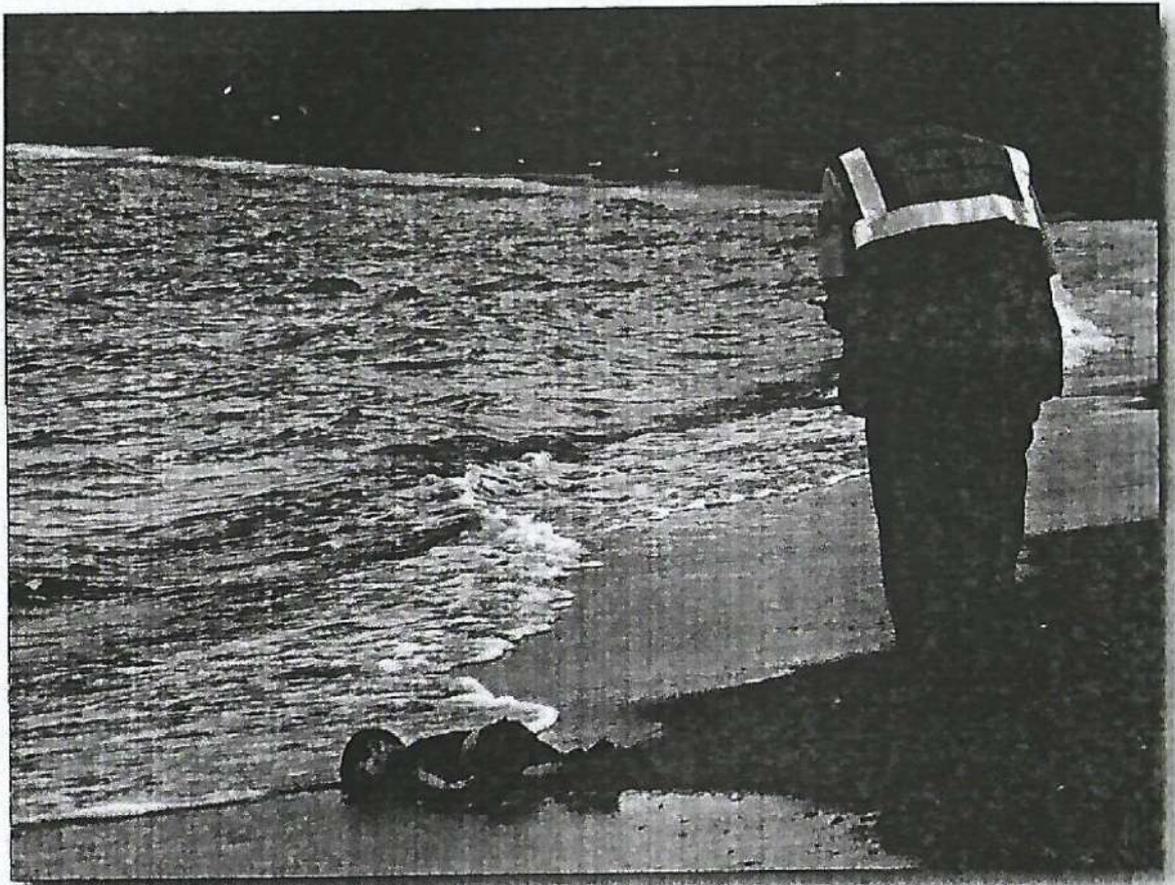
os conflitos entre suas distintas formas. Se os gregos antigos cunharam a palavra, deixando explícito que tal sentimento de rejeição e de medo do estrangeiro já existia naqueles tempos de menor contato entre os povos, no mundo contemporâneo, com meios de transporte e comunicação marcados pela rapidez, com a globalização dos fluxos populacionais, a xenofobia tende a ser uma presença cada vez mais marcante nas várias sociedades e é preciso que saibamos mais sobre esse sentimento, para podermos lidar com ele e combatê-lo.

Mesmo no Brasil, uma sociedade constituída por gente vinda de todas as partes do mundo, um país de pessoas desterritorializadas, que desde o período colonial se constituiu pela chegada de povos estrangeiros a estas terras, como os europeus e africanos, que aqui encontraram inúmeros povos indígenas, que se consideravam estranhos e estrangeiros entre si, as manifestações de xenofobia vêm numa crescente, ocorrendo não apenas casos de agressão verbal ou simbólica, mas de agressões físicas, assassinas contra pessoas estrangeiras, contra imigrantes. A educação, a discussão do problema em casa ou na escola, me parece ser o caminho mais adequado para que aprendamos a lidar com esse medo e, ao mesmo tempo, com o desejo, a sedução e a rejeição que o estranho, que o estrangeiro nos infunde. É visando colaborar com essa tarefa decisiva para que tenhamos uma sociedade mais inclusiva, mais respeitadora dos direitos humanos, das diferenças, uma sociedade mais tolerante em relação ao outro, ou seja, uma sociedade mais democrática e republicana, que este livro foi escrito.



ESTRANHOS CORPOS

Foto autorizada pela Associated Press (AP)/DHA/Nilufer Demir 02/09/2015.



Bebê morto durante imigração.

Agora ele é apenas um corpo, um pequeno corpo jogado à beira da praia de Bodrum, na Turquia. Como um resto de um naufrágio (o naufrágio da própria humanidade, da ideia de humanidade?), como uma tábua ou uma mala, ele jaz ali, de bruços, as mãozinhas para trás, como o que sobrou de um projeto de ser humano (ele seria humano?). Talvez, apenas a camisinha vermelha, o short azul e a sandalhinha, aquisições culturais, próteses para além do corpo, criadores de um corpo cultural, nos lembre que se trata de uma figura humana. Um corpo de criança, um corpo de infante, parece dormir ao rés das águas, como escolho, como o que sobrou das pretensões humanas de se constituírem como seres civilizados, como uma unidade universal e racional. Aquele corpo jogado fora, aquele corpo pequenino atirado à areia, é um doloroso e lacerante documento de que o projeto iluminista do Homem, do ser metafísico e universal, é um fracasso; que o discurso humanista nunca deu conta de todos os homens, que o humanismo parece sempre ter enxergado apenas alguns homens — nem mesmo as mulheres e as crianças, como mostra esse acontecimento —: os homens ocidentais. Aquela criança que voltou ao pó — irônica e dolorosa, cruel reminiscência bíblica —, aquela sobra que se recolhe nas bordas das fronteiras do Ocidente, é um corpo nomeado de sírio, por isso, e não apenas por sua idade, um corpo considerado menor. Ele é a própria encarnação do desamparo, da solidão, condição mesma de todo humano, ao mesmo tempo que já é cadáver, desencarnação do ser do homem (ele seria mesmo uma encarnação do humano?).

O menino sírio encontrado morto na praia turca, no dia 02 de setembro de 2015, é um acontecimento doloroso e lancinante, uma ferida aberta em nossas convicções e certezas sobre afinal quem é humano, o que define o ser humano, quais corpos são humanos, que figura tem um corpo humano. Através da história, encontramos muitos outros acontecimentos como esse, que puseram frente a frente povos, etnias, culturas que não se reconheciam entre si como iguais, como pertencentes à mesma espécie, como tendo a mesma carne, como fazendo parte das mesmas maneiras de ser. A xenofobia, o medo e a rejeição ao estrangeiro, nasce, quase sempre, do estranhamento, da percepção da existência de uma estranheza, de uma hierarquia, de uma defasagem entre o que no Ocidente chamamos de a humanidade de uns e de outros. Até mesmo do ponto de vista corporal, da imagem dos corpos, não é uma unanimidade o que seria um corpo humano, um corpo de humanos. A recusa e a aversão ao corpo do outro nasce, muitas vezes, do não reconhecimento da sua humanidade. Sempre que manifestamos o sentimento de xenofobia estamos atribuindo um certo déficit de humanidade ao outro, estamos pondo em questão seus direitos nascidos de sua pertença à nossa mesma espécie. Uma das mais básicas manifestações de xenofobia nasce da rejeição do corpo estranho, estrangeiro, do corpo exótico, bizarro, distinto que, em muitos casos extremados, sequer enxergamos como pertencentes à nossa espécie. O corpo de Aylan Kurdi, um corpo de três anos, não foi rejeitado apenas pelo mar Mediterrâneo, ele foi atirado fora também pelas dissensões em torno do que afinal é um ser humano, quais corpos merecem ser assim definidos e quais os direitos que esses corpos, por serem reconhecidos como tal, passariam a ter.

Nem sempre, portanto, quando um homem enxerga outro homem, quando uma mulher se vê diante de outra mulher, os identificam como pertencentes à sua mesma espécie; nem sempre se acham diante de um corpo, de um rosto que consideram idênticos a si mesmos, nem sempre contemplam o que consideram ser uma figura humana, pois dada a diversidade das formas dos corpos humanos, de seus

traços, de suas cores, de seus gestos, de seus jeitos, daquilo que os complementa e adorna, daquilo que os marca como pertencentes a um dado grupo cultural, o estranhamento, a recusa, o medo, inclusive a agressão, podem vir a acontecer. Após o estudo e observação de várias comunidades tribais, o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss afirma:

[...] a humanidade cessa nas fronteiras da tribo, do grupo linguístico, às vezes mesmo da aldeia; a tal ponto, que grande número de populações denominadas primitivas se designam por um nome que significa **os homens**, ou, às vezes, diremos com mais discrição, **os bons**, **os excelentes**, **os completos**, implicando assim que as outras tribos, grupos ou aldeias não participam das virtudes ou mesmo da natureza humana, mas são, quando muito, compostas de **maus**, de **malvados**, de **símios da terra** ou de **ovos de piolho**. Chegam muitas vezes a privar o estrangeiro deste último degrau de humanidade, convertendo-o num **fantasma**, ou numa **aparição** (Lévi-Strauss, 1970, p. 223).

Portanto, aquele corpo humano que não habita o mesmo território, que não apresenta a mesma aparência, a mesma forma de aparecer em público, que não possui os mesmos traços físicos e marcas culturais, tende a ser enxergado e dito como inferior, como incompleto, como mau, como privado, inclusive, da condição humana, sendo reduzido à condição de animal inferior, desprezível. Por não partilharem da mesma aparência, podem ser reduzidos à condição fantasmática de aparições, o que pode gerar medo, pânico, rejeição. Sair correndo de medo ao se deparar com um corpo humano estranho foi uma atitude bastante comum na história humana. Não se identificar com o outro, estranhá-lo, não vê-lo como partilhando da mesma natureza humana, ver o estranho e o estrangeiro como alguém inferior, que não partilha das mesmas qualidades humanas, vê-lo como uma ameaça, são traços fundamentais daquilo que denominamos hoje de xenofobia que, como podemos perceber, reproduzem atitudes bastante ancestrais dos seres humanos e implica em comportamentos que o fundador da psicanálise, Sigmund Freud, chamou de regressivos,

ou seja, comportamentos que expressam e remetem a emoções bastante primitivas da espécie, que nos fazem retornar a desejos, a pulsões agressivas, medos e aversões que perduram ao longo do tempo, apesar de todo o processo civilizatório pelo qual a espécie humana passou, que fazem com que reajamos diante de dadas situações como os hominídeos vivendo nas formas mais primárias de organização social reagiram.

Um dos motivos fundamentais para a existência da xenofobia, portanto, é a própria reação de estranhamento que nós humanos tendemos a manifestar diante de corpos que diferem dos nossos, de corpos que por sua cor, estatura, proporções, traços, gestos, movimentos, performances, atitudes, comportamentos nos parecem não idênticos ao nosso próprio corpo e àquilo que a cultura a que pertencemos definiu como sendo o humano. Muitas vezes tendemos a naturalizar o conceito de humano, de humanidade. Achamos que é a natureza, que é o simples fato de algum ser nascer com a forma humana, que ele será imediatamente assim identificado, considerado. Se observarmos, no entanto, a história dos homens, aprenderemos que humano e humanidade são conceitos que nem sempre estiveram disponíveis, não fizeram parte de todas as culturas e que nem todos aqueles que nasceram com a forma humana assim foram vistos e ditos. Como é um conceito, ser humano, pertencer à humanidade não é uma decisão tomada pela natureza, embora dela dependa, mas é uma atribuição que é feita no contexto de uma dada comunidade de homens e mulheres, que utilizam critérios que são culturais, para dizer quem pode ou não pertencer a humanidade, pode ser dito e visto como humano. Por exemplo, os índios Krahôs, que vivem no nordeste do Estado de Tocantins, na terra indígena Kraolândia, designam a si mesmos, àqueles que pertencem ao grupo como sendo "mehii", ou seja, "os da mesma carne", "o mesmo jeito", enquanto para o estrangeiro utilizam a designação "krepeu", "aquele que não tem a mesma carne". Ou seja, é a partir da carne, é a partir do corpo que os Krahô definem quem pertence ao grupo e quem é estrangeiro, quem é estranho. O estranhamento do corpo do outro, de sua carne, do jeito como ela se

movimenta, se apresenta, se configura, como ela faz figuras é um dos elementos que explicam a existência do sentimento de xenofobia, de medo e rejeição ao estrangeiro, ao estranho. A aversão ou o desejo em relação ao outro começa a partir de sua carne, de seu corpo.

Não possuir a mesma carne, o mesmo corpo, pode levar ao questionamento da própria condição de humanidade do outro, ou, pelo menos, considerar que aquele corpo ocupa um lugar inferior na escala do que seria o humano. Quando os europeus se depararam com a novidade do nativo americano, quando se viram diante dos indígenas, indagaram sobre o seu caráter humano. No famoso debate ocorrido na cidade de Valladolid, na Espanha, nos anos de 1500 e 1501, quando o rei Carlos V reúne quatorze teólogos para discutir se era justa a conquista espanhola do Novo Mundo, muito se discutiu sobre a condição de humanidade dos índios, com o filósofo Juan Ginés de Sepúlveda defendendo a tese de sua inferioridade enquanto humanos. Ele se apoiava na argumentação do filósofo grego Aristóteles que já advogara que os bárbaros, ou seja, todos aqueles que não eram gregos, possuíam uma natureza inferior, apesar de humanos, por isso mesmo, não havia injustiça ou impedimento de que fossem reduzidos à condição de escravos. Portanto, historicamente, os grupos humanos tenderam a ver no estranho, no estrangeiro, um certo déficit de humanidade, quando não sua mais completa inexistência; formas de ver e pensar que continuam atuando na contemporaneidade, como o retorno de sentimentos recalcados, de emoções e experiências vividas pelos homens em outros tempos, que sobrevivem e reaparecem de formas variadas, mediadas e motivadas pelas condições do presente.

Para Aristóteles, o pertencimento à cidade grega, o pertencimento a uma entidade política era fundamental para que o corpo, que a vida se tornasse propriamente humana. Um corpo, uma carne, uma figura só se tornava propriamente humana ao ser dotada de uma condição política, daí porque o estrangeiro, que não detinha direitos políticos nas cidades gregas, era considerado uma vida, uma existência inferior. Aristóteles, em seu livro *A Política*, vai fazer a distinção

entre duas formas de vida, entre o que hoje chamaríamos de uma mera vida biológica, a vida como *zoé*, o mero fato de estar vivo, de ser um corpo vivo e a vida como um modo distinto de viver, uma vida definida pelo pertencimento a uma dada entidade cultural e política, a vida como *biós*. Se o estrangeiro era alguém visto como destituído da cultura e dos direitos políticos do cidadão grego, era, portanto, percebido como vivendo uma forma de vida inferior, não propriamente ou totalmente humana. O filósofo italiano Giorgio Agamben vai argumentar que essa distinção entre a vida humana, entendida como vida política, o corpo humano como corpo cultural e político, e a vida entendida como mero dado biológico, o que ele chama de vida nua, continua reverberando no mundo contemporâneo. Quando uma vida, quando um corpo perde todos os seus direitos políticos, quando ele é colocado numa posição de total estranhamento, quando ele é colocado na condição radical de estrangeiro, ele perde a sua condição propriamente humana, ele perde, inclusive, a prerrogativa de reivindicar os direitos humanos. Transformado em mera carne nua, ele se torna matável, ele pode ser submetido a todo tipo de sevícia, de tortura, de desrespeito, pois ele perde, inclusive, a sacralidade, já que corpo que nasce do divino ou se relaciona com alguma divindade, dos seres humanos. O mundo contemporâneo está repleto de situações como essa, em que corpos considerados totalmente estranhos, estrangeiros, pertencentes a universos culturais, políticos e religiosos completamente distintos perdem sua condição de corpos, de vidas humanas, tornam-se mera carne nua que pode ser torturada, seviciada, desrespeitada, humilhada, destruída sem maiores remorsos. O estranhamento radical é assassino. Podemos citar a situação dos prisioneiros árabes mantidos pelos Estados Unidos na base de Guantánamo, sem direito sequer à identificação, sem direito à defesa, sem direito de expressão, sujeitos a toda sorte de maus-tratos; os prisioneiros iraquianos seviciados sexualmente, humilhados, submetidos a toda sorte de torturas na prisão de Abu Ghraib, inclusive corpos já mortos, cadáveres sendo profanados por soldados americanos, ou as vidas, os corpos de distintos reféns ocidentais torturados, humilhados, degolados a sangue-frio por grupos

radicais islâmicos, que em suas ações terroristas podem vir a atingir e matar indiscriminadamente qualquer corpo visto e dito como ocidental, ou ainda os corpos de haitianos atingidos por disparos na Baixada do Glicério, região central da cidade de São Paulo.

Essa rejeição ao corpo do outro, ao corpo estranho, é o que dá origem a um comportamento que está muito associado à xenofobia: o racismo. O fato de os corpos humanos apresentarem cores, traços diacríticos e formas variadas e diferentes fez com que emergisse a noção de raça para classificá-los e, inclusive, hierarquizá-los. Embora já se possa encontrar o termo raça nas línguas europeias desde a Idade Média, ela significava, no entanto, o pertencimento a uma linhagem de sangue, a uma dada genealogia. É a partir da emergência dos Estados Nacionais europeus e das Grandes Navegações, com o encontro dos europeus com povos ditos exóticos, estranhos, bárbaros, que o termo começa a ser usado para classificar grupos humanos. Mas é com o Iluminismo, no século XVIII, que emerge o que podemos chamar de doutrinas racialistas, ou seja, aquelas que utilizam a noção de raça para o estudo da história e dos grupos humanos. A própria tese de que a humanidade não tivera uma origem comum, como era defendida pelo pensamento cristão, mas teria surgido a partir de diferentes matrizes raciais, o que se chamou de tese poligenista, contribuiu para dar um caráter científico ao racismo, ou seja, a uma visão hierarquizadora das raças, depreciando e inferiorizando os corpos pertencentes ao que se vai denominar de raças inferiores. O filósofo francês Michel Foucault vai chamar a atenção para essa relação entre o surgimento dos Estados Nacionais, entre o surgimento das nações modernas e a emergência do racismo. Ele vai chamar a atenção para o vínculo estreito que se vai estabelecer entre a ideia de nacionalidade, a ideia de pertencimento a uma nação e a ideia da existência de raças inferiores e superiores. O Estado Nacional emerge como instituição responsável pelos corpos que habitam a sua nação, tornando-se hostil aos corpos daqueles que dela estão excluídos. Se antes o corpo estranho, o corpo estrangeiro era aquele que não pertencia à tribo ou à aldeia, se depois passou a ser aquele que não pertencia a uma dada cultura como a grega ou a persa, ou não pertencia a um

império como o romano, não pertencia à cristandade, agora ele é o corpo que habita outra nação. Para Michel Foucault, as práticas de governo realizadas pelos Estados Nacionais nunca estão desligadas da prática de dadas formas de racismo, pois ela implica a necessária criação da figura do estrangeiro, ao qual será dado, inclusive, estatuto jurídico especial. As políticas de governo dos Estados Nacionais estão sempre apoiadas na criação e reprodução da diferença entre corpos que são admitidos como sendo pertencentes à nação, como corpos nacionais e corpos vistos, ditos e tratados como estrangeiros.

O aumento da presença do sentimento de xenofobia nas sociedades contemporâneas se dá à medida que, justamente, os Estados Nacionais cada vez são mais pressionados no sentido de admitirem como sendo nacionais, corpos que são vistos como estranhos, que são ditos estrangeiros, corpos que eles terão que despender recursos para gerir e cuidar. Michel Foucault vai estabelecer uma diferença entre as práticas de governo dos chamados Estados absolutistas ou do Antigo Regime e os Estados modernos, aqueles surgidos das revoluções burguesas. Para ele, no Estado Absolutista, o principal poder do soberano se refere a sua prerrogativa de fazer morrer ou deixar viver os corpos de seus súditos. Nesse tipo de regime político, o soberano dispõe da vida de seus súditos, ele tem o poder de vida ou de morte, ele decide quando e como matar mais do que como as pessoas viverão. Já no Estado moderno, o governante não dispõe do poder discricionário de vida ou de morte; agora um aparato legislativo põe limites a esse poder. Ao mesmo tempo, torna-se uma obrigação do governante cuidar da vida daqueles que agora deixam de ser súditos para serem cidadãos de seu Estado. O governante deve fazer viver mais do que fazer ou deixar morrer. Cuidar da vida do que passa a ser chamado de população passa a ser a obrigação maior daquele que governa. Gerir a vida da população dá origem ao que Michel Foucault nomeou de uma biopolítica, ou seja, uma atividade de governo voltada para gerir e ter ingerência em aspectos fundamentais ligados à existência biológica e corporal dos humanos: o nascimento, a procriação, a gestação, o crescimento, a educação dos corpos, a mortalidade, a morbidade etc. O Estado torna-se um gestor de corpos, um

responsável pela manutenção da vida, ao mesmo tempo em que exige dessas vidas cuidadas e preservadas que se dediquem ao serviço daquele Estado e da sociedade, através do trabalho e das atividades de defesa do próprio Estado. O corpo do trabalhador e do soldado passam a ser uma preocupação de governo.

Esse Estado da biopolítica vai exercer um governo cuja preocupação se centra nos corpos, ele vai gerir, adestrar, educar, extrair o máximo de rentabilidade desses corpos, o que implica que ele termina por hierarquizar, classificar, definir, diagnosticar, produzir distinções entre esses corpos. Uma das distinções mais importantes vai se dar, justamente, entre os corpos que pertencem à nação, à população desse Estado e aqueles corpos que são estrangeiros, inclusive os corpos clandestinos, ilegais, em situação irregular diante das leis do país. Atualizando a distinção grega entre *zoé* e *biós*, essas vidas, esses corpos que não possuem reconhecimento e direitos políticos tornam-se vidas e corpos disponíveis e sujeitos a todo tipo de violência e exploração. Pela própria condição de ilegalidade e clandestinidade, esses corpos estão sujeitos a serem marcados não apenas com o estigma e o preconceito, mas submetidos a todo tipo de exploração e abuso. O filme mexicano *Biutiful*, realizado em 2010, aborda a situação de um grupo de chineses e africanos vivendo clandestinamente na cidade de Barcelona, na Espanha. Os africanos sem documentos vivem do comércio ambulante ilegal, terminando por se envolverem com o tráfico de drogas. Eles são agenciados e “protegidos” pelo personagem principal da trama, um espanhol que cobra propina de quem os utiliza tanto para vender drogas quanto para vender as mercadorias baratas e repassa parte dela para um agente da polícia, que deveria garantir a não perseguição das atividades ilegais que realizam. Sujeitos a serem presos e espancados a qualquer momento, tendo que fugir sempre que uma viatura policial se aproxima, eles são corpos expostos constantemente ao perigo, à exploração e à deportação. Um empresário chinês, por seu turno, que mantém uma indústria clandestina de fabricação de réplicas de bolsas femininas de grife, explora um grupo de cerca de vinte compatriotas, que vivem na clandestinidade, morando no próprio lugar onde trabalham, dormindo

trancados em um porão, de onde saem todas as manhãs direto para um dia inteiro de trabalho. O agente espanhol garante que o negócio não seja molestado pela polícia e ainda agencia outros tipos de trabalho para o grupo de chineses ilegais. Uma noite morrem todos, vítimas de intoxicação por gás que se desprende de aquecedores de má qualidade. Seus corpos, sem nenhum direito, são vidas nuas, carne a ser jogada ao mar, como o menino sírio, vindo todos, também, terminar jazendo na areia da praia.

A xenofobia contemporânea, portanto, continua repercutindo essa distinção entre vidas que contam, entre vidas que são humanas e vidas que vivem num estado à beira do humano ou do inumano. Em várias situações, os Estados que deveriam fazer viver, garantir a vida, não deixar morrer, pelas próprias exigências legais e jurídicas que implicam, pela própria discricionariedade dos agentes públicos que os compõem, condenam a situações de perigo à vida os muitos corpos que são definidos e marcados com a condição de estrangeiros. Não sei se poderíamos falar de uma crise ou de uma falência da biopolítica diante da situação em que todos os refugiados e imigrantes vivem hoje, a maioria sujeitos à semiescravidão, ao abuso físico e sexual, à violência e, inclusive, em muitos casos, à morte. Talvez, como nos chamou a atenção Michel Foucault, a biopolítica sempre foi atravessada por uma ambiguidade à medida que, ao ser centrada sobre o governo dos corpos, implicou sempre uma dada presença do racismo, da produção de classificações, hierarquias e exclusões de dados corpos. Nós humanos ainda continuamos tendo nos corpos, na presença, na linguagem dos corpos nossa primeira forma de apresentação, de percepção e de recepção. Sermos acolhidos e recepcionados pelo outro como um igual, como um semelhante, como um humano, passa ainda pelo corpo que temos, pela aparência, pela presença que fazemos, por sermos vistos, ditos, considerados, inclusive legalmente, pertencentes à mesma comunidade, sociedade, unidade de corpos.

O filósofo italiano Giorgio Agamben vai também se referir a uma outra figura do direito na Antiguidade romana para tratar de algumas situações a que estão expostos os estrangeiros e toda e qualquer

existência, no mundo contemporâneo: a figura do *homo sacer*. O *homo sacer* era alguém que, na sociedade romana antiga, havia cometido um crime hediondo, um crime de suma gravidade e que, por isso, perdia todos os seus direitos, tornava-se matável, mas, ao mesmo tempo, o fora do comum de seu crime impedia que fosse punido pelos ritos e práticas normais de punição. O caráter aberrante de seu crime o tornava uma espécie de figura sacra, um corpo que não se pode tocar, um corpo que não se pode profanar, abrindo-se o que Agamben chamará de um estado de exceção. No mesmo momento em que aquele corpo instaurava um Estado de exceção, exigia uma forma de atuação do Estado fora de seus regramentos. A situação de muitos imigrantes clandestinos, de muitos refugiados, acampados em zonas fronteiriças entre os Estados, vagando entre um Estado e outro, instaura uma espécie de Estado exceção, faz com que esses corpos oscilem entre a situação de corpos humanos e, portanto, sagrados, não matáveis e corpos que vivem uma situação de sub-humanidade ou de inumanidade, tornando-os carnes nuas, disponíveis para o uso, o abuso, a matança, como os setenta corpos de imigrantes achados mortos, no interior de um caminhão baú, abandonados na beira de uma rodovia da Áustria. Ao se propor a cuidar dos corpos de seus cidadãos, os Estados, por definição, excluem do cuidado os corpos dos estrangeiros, dos clandestinos, dos ilegais, embora tratados e códigos internacionais os submetam e obriguem a tal cuidado. Mas o que vemos é uma oscilação nas políticas dirigidas para esses corpos, políticas que oscilam entre o fazer viver e o deixar morrer.

Mas, como sabemos, o corpo estrangeiro, estranho, ele não nos causa apenas medo e rejeição. O corpo exótico é também motivo de desejo e sedução. O mesmo corpo que amedronta, fascina, atrai pela diferença. Muitas vezes a atitude de evitação, recusa e rejeição do corpo estranho está na ordem direta da intensidade do desejo, da atração, da afecção, da comoção que ele provoca. Sabemos que o corpo negro e mestiço se constituiu em fetiche sexual e em objeto erótico muito desejado pelos europeus. Um caso abominável de racismo, ocorrido na Europa, no século XIX, explicita essa ambiguidade entre o desejo e a recusa, entre o fascínio e a abjeção do corpo estranho:

foi o caso de Sarah "Saartjie" Baartman (Yahima Torres), mais conhecida como a Vênus Hotentote, uma mulher zulu, procedente de tribos que viviam na atual África do Sul, que, após ser levada para Londres, foi exibida como atração de feira e circo em várias cidades da Europa, por ter nádegas, seios e vagina bastante avantajados. Mediante pagamento extra podia-se tocar as suas nádegas. Tendo sido comprada, em 1814, por um francês, domador de animais, terminou por se tornar prostituta e alcoólica. Seus restos mortais foram mantidos em formol no Museu Nacional de História Natural, em Paris, até serem reivindicados pelo governo de Nelson Mandela, para merecerem o enterramento. É explícito, nesse caso, o misto de curiosidade, rejeição e sedução diante de um corpo estranho, estrangeiro, um corpo outro, inclusive do ponto de vista racial, já que se tratava de um corpo negro, e de gênero, já que se tratava de um corpo feminino. A atração, o desejo por um outro corpo não significa que necessariamente o consideremos portador da mesma humanidade, da mesma figura que o nosso, do mesmo status e possuindo os mesmos direitos que o nosso. O erotismo humano, como tão bem explicitaram os filósofos franceses Georges Bataille e Michel Foucault, não está separado do exercício de relações de poder e domínio, da explicitação de hierarquias e desigualdades. Como bem demonstra a existência da zoofilia, os humanos também são capazes de desejar, de erotizar, de gozar com os animais ou com um outro humano equiparado a essa situação. Os colonizadores europeus foram capazes de sentir desejo, atração sexual e, inclusive, vir a se apaixonarem por aqueles considerados de raças exóticas, sem abrir mão da ideia de que eram seres superiores. Muitas vezes a agressão, a violência contra o estrangeiro nasce do medo do próprio fascínio que eles exercem, do perigo que seus corpos desejáveis e desejanter representam. Vivemos, nesse momento, na Europa, notadamente na Alemanha, forte tensão política e social, motivada pelos recorrentes casos de ataques sexuais que estariam sendo cometidos por grupos de árabes e norte-africanos contra mulheres europeias, inclusive com casos de estupro. Na noite de Ano Novo de 2015, perto da estação central do metrô da cidade de Colônia, onde reside a direção de um movimento contra a imigração, teriam

sido registrados cerca de noventa casos de ataques sexuais cometidos por estrangeiros. Eventos que explicitam o funcionamento duplo da xenofobia: por um lado os alemães acusam imediatamente os árabes e africanos de serem responsáveis pelos ataques, porque os veem como perigosos e lúbricos, e os árabes e africanos atacam as mulheres europeias por julgá-las mulheres fáceis, disponíveis, indignas de respeito e consideração. O ataque sexual explicita, ao mesmo tempo, o desejo pelo outro corpo e o desprezo por sua humanidade, pelos seus direitos enquanto cidadão, pessoa e mulher. Esse corpo torna-se carne, objeto de desejo e erotismo, mas, ao mesmo tempo, perde sua condição de humanidade. Sendo a prática sexual uma prática que remete a nossa condição de animal, condição que tendemos a negar, pois na sua negação é que se constrói a própria noção de humano, de ser humano, o conceito de humanidade se elabora nos afastando e, em grande medida, negando a nossa animalidade, tem o condão de fazer os corpos serem novamente tratados como animais, notadamente aqueles corpos que julgamos estranhos, estrangeiros, distintos da nossa cultura e excluídos da cidadania tal como a entendemos. O cidadão era, para os gregos, justamente, o habitante da cidade; aquele que a ela não pertencia, o estrangeiro, não tinha os mesmos direitos. Em casos extremos de manifestação de xenofobia, o estrangeiro torna-se semelhante a um mero animal, e torna-se objeto de ações que costumamos realizar com os animais (embora, hoje, em determinadas sociedades e camadas sociais, se tratem melhor os animais do que os humanos vistos como estrangeiros), ele se torna alvo dos mesmos maus-tratos, das mesmas sevícias e abusos, inclusive sexuais. O corpo estranho torna-se não apenas matável, mas violável, brutalizável, usável, coisa, objeto, inclusive de desejo.

2

DIFERENTES MODOS

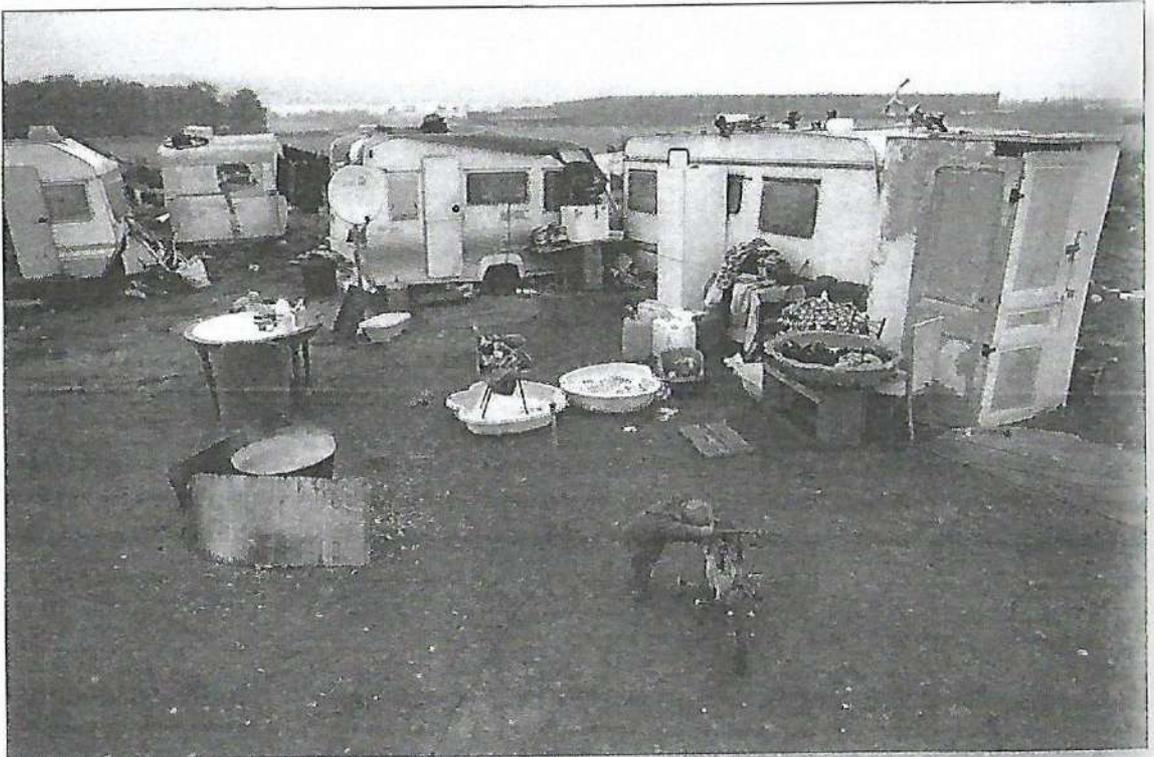


Foto: Beroi, Tessier.
Foto organizada pela LatinStock/Reuters, 18/10/2013.

Acampamento de famílias ciganas romenas em Triel-sur-Seine perto de Paris (França).

Num terreno abandonado da rua Truillot, pertencente à Assistência Pública dos Hospitais de Paris, duas crianças brincam com seu velocípede, em meio à lama e gordas ratazanas que transitam todo o tempo sem a menor cerimônia. Corpos infantis, corpos vivos, atirados à lama e ao lixo. Acampamento precário formado por algumas barracas improvisadas com plásticos, pedaços de madeira, folhas de zinco, sacos, pedaços de papelão, restos de cartazes, lonas e um trailer usado para o deslocamento do grupo. Estamos não em um país do terceiro mundo, onde tais cenas são comuns, mas em Ivry-Sur-Seine, um subúrbio de Paris, a capital da França. Nesse acampamento precário, contando com apenas três fontes de água comum, fios elétricos amarrados a árvores fornecem energia que vem de geradores, e estufas individuais movidas a combustível proporcionam o aquecimento para cerca de trezentos imigrantes romenos, jovens e adultos. Esse é um dos quatrocentos acampamentos espalhados por toda a França, onde vivem entre dezessete e vinte mil ciganos, sendo um quarto deles composto por crianças, que vêm, principalmente, da Romênia e da Bulgária. No ano de 2010, no governo do presidente Nicolas Sarkozy, decidiu-se pela expulsão de cerca de setecentos ciganos ilegais e o desmantelamento de seus cinquenta e um acampamentos.

Tendo chegado a Europa, vindos da Índia, ainda na Idade Média, os ciganos têm sido vítimas constantes de xenofobia e racismo, em todos os países europeus e em vários outros países. O medo e a rejeição aos ciganos levou a que o rei francês Luís XIV, no século XVII,

decidisse que todos os homens adultos deveriam ser trancafiados por toda a vida em calabouços e que as mulheres e crianças fossem enviadas para sanatórios. Os ciganos foram considerados uma raça inferior e classificados como um grupo antissocial durante a vigência do domínio nazista na Alemanha; eles eram obrigados a usarem um triângulo preto quando levados para os campos de concentração; calcula-se que cerca de duzentos e vinte mil ciganos foram exterminados pela máquina de morte alemã. O primeiro ministro da Itália, Silvio Berlusconi, em apoio à medida de expulsão tomada pelo seu colega francês, nomeou os ciganos de “horda de bárbaros” vindas dos países do leste europeu. Em 2013, o governo socialista francês, chefiado pelo presidente François Hollande, voltou a evacuar acampamentos ciganos, que se tornaram um dos temas centrais na campanha para as eleições municipais de 2014, que registrou um crescimento significativo do partido de extrema-direita Frente Nacional, cujo discurso xenófobo dirigido contra todos os imigrantes, não apenas contra os ciganos, vem tendo cada vez maior receptividade por parte da população francesa. Nomeados de *romanechéis* ou simplesmente *roms*, por causa da origem romena da maioria deles, são também nomeados pejorativamente de “viajantes”, por causa de seu modo de vida, que gera desde desprezo, desconfiança até aberta hostilidade.

Os ciganos nos permite tratar de um segundo elemento que está na base de comportamentos e sentimentos de xenofobia: a diferença cultural. Quando abordamos, no capítulo anterior, a questão da identidade dos povos Krahô, vimos que eles utilizam a palavra *mehii* para se designarem e essa designação teria o sentido de “o de mesma carne” e “o mesmo jeito”. O que podemos notar é que com a mesma palavra os índios Krahô nomeiam os dois principais elementos que definiriam o ser dos humanos: a dimensão corporal, biológica, carnal e a dimensão cultural, o modo, o jeito de ser. Nós, humanos, somos seres biológicos, naturais, mas também e, principalmente, seres culturais. Nossos próprios corpos são educados, moldados, adestrados, ornamentados, suplementados, produzidos a partir de dados padrões

e regras culturais. Podemos demonstrar medo, aversão, desconforto, rejeição em relação a um outro ser humano por sua aparência física, por seu corpo, por sua carne, mas também pelos seus modos de ser, seus comportamentos, os ornamentos e roupas que porta, sua língua e seu modo de se expressar, seus costumes, suas ideias, suas crenças. Se a xenofobia em relação aos ciganos tem um componente de racismo, dado que eles são povos quase sempre negroides, por terem sua origem étnica na Índia, é o seu modo de vida, o seu jeito de viver, os costumes, as tradições e códigos culturais que obedecem que causam grande parte da rejeição, da desconfiança e do medo de que são objeto.

Não é uma mera coincidência que o primeiro ministro italiano os tenha comparado a uma "horda de bárbaros". A palavra bárbaro foi cunhada pelos gregos antigos para se referirem, justamente, ao estrangeiro, ao estranho, aos povos que não partilhavam os seus valores e códigos culturais. Bárbaro (βάρβαρος) seria o não grego, aquele que teria costumes, modos de vida, jeitos e maneiras estranhos de se comportar. A palavra nasceu do estranhamento dos gregos em relação ao modo de falar, à linguagem dos persas, que soava como "bar-bar-bar". Embora fossem chamados de bárbaros pelos povos helênicos, os romanos terminaram por adotar a palavra e empregá-la para nomear todos os grupos humanos e as culturas distintos, aqueles povos e culturas exteriores às fronteiras do Império Romano. Mas, na expressão "horda de bárbaros" há também que se prestar atenção à noção de "horda", pois ela remete a um aspecto do modo de vida cigano, que é responsável por parte do preconceito xenófobo de que são vítimas: o modo de vida nômade. Na linguagem popular, há uma sinonímia entre o viver de forma nômade e o viver como ciganos. A horda se caracteriza por ser um agrupamento humano em deslocamento, em movimento. A partir do momento em que grupos humanos se tornaram sedentários, ou seja, a partir do momento em que se fixaram em um dado território, os nômades, aqueles sem lugar fixo, passaram a ser objeto de temor e desconfiança. Os potentes muros que foram erguidos em torno das cidades, desde a Antiguidade, os castelos e mosteiros fortificados da Idade Média, constituíam-se em construções de defesa contra ameaças militares de estrangeiros ou de

inimigos políticos, mas também como um meio de defesa contra os nômades vistos como bárbaros. A sedentariedade foi associada ao processo de civilização humana, considerada uma etapa superior na evolução da espécie, tornando o nomadismo um estágio inferior na escala da civilização e evolução humanas. A palavra *horda* tem origem turca (*urdu* do tártaro, *orda* do quirguizo, *ordu* do osmanli, *ordu* do mongólico) tendo sido usada pelo Império Otomano para nomear as tribos nômades da Tartária e posteriormente outros povos errantes. Se consultarmos, ainda hoje, um dicionário, veremos como a noção de horda está carregada de sentidos negativos: bando indisciplinado de pessoas, grupo malfazejo, horda de bandidos, caterva. Esses sentidos pejorativos da noção de horda, que também estão associados à noção de bárbaro, advém da desconfiança, do medo e da rejeição que os povos sedentários passaram a ter em relação aos povos nômades.

Os ciganos continuam a inspirar os mesmos sentimentos negativos, a mesma desconfiança, a mesma rejeição e a provocar o mesmo medo que os nômades sempre infundiram nos povos sedentários, que viam os nômades como ameaçadores, como invasores, como predadores em potencial, além de pouco civilizados, malvados e tendentes à prática de crimes, percepções que continuam circulando no mundo contemporâneo em torno dos povos nômades, notadamente dos ciganos. Eles são vistos como malfeitores em potencial, como tendentes ao roubo e ao assassinato, como trapaceiros e espertalhões. Por se dedicarem, muitas vezes, à mendicância, dada as poucas chances de trabalho que lhes são oferecidas, e as condições de vida em que vivem, são vistos como sujos, como preguiçosos e indolentes. Um dos elementos sempre presentes na definição do que seria uma horda talvez nos faça compreender a xenofobia estatal, oficial, em vários países, em relação aos povos nômades, notadamente aos ciganos: o caráter indisciplinado, desorganizado que teriam os agrupamentos nômades. Embora saibamos que, pelo contrário, as comunidades ciganas obedecem a estritos códigos de conduta e tenham suas formas próprias de gestão, organização e, inclusive, de punição à desobediência a esses códigos, eles são vistos como potenciais geradores de conflito, de badernas, como destabilizadores da ordem, como gru-

pos humanos desobedientes às leis, como possíveis e prováveis criminosos. Os filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari fazem uma reflexão acerca das tensas relações entre o Estado, um poder sedentário e territorializado, e os grupos nômades, notadamente aqueles que, no passado ou no presente, se constituíram e se constituem como grupos armados, como grupos guerreiros, como o que eles nomearam de “máquinas de guerra”, o que não é o caso da maioria dos grupos ciganos. Os grupos nômades, por serem apátridas, por não terem territórios fixos, por não respeitarem fronteiras, por se constituírem em grupos culturalmente distintos, com costumes e tradições próprias, por obedecerem a formas de organização social e política autônomas, vão ser vistos como ameaçadores, como invasores, como disruptores da ordem, como promotores do caos e da desobediência. Desenvolveremos mais essa discussão no capítulo seguinte.

O que queremos destacar, neste capítulo, é aquilo que nos parece ser o motivo mais decisivo para que os ciganos e outros grupos minoritários sejam objeto de xenofobia, no mundo contemporâneo: as diferenças culturais, o choque cultural entre dados grupos humanos e as sociedades em que tentam viver e se inserir. Um dos traços marcantes das comunidades ciganas, que é responsável por parte da rejeição xenófoba de que são objeto e que pode delas também advir, num círculo vicioso, é o de serem comunidades fechadas culturalmente, resistentes a se integrarem na cultura das sociedades em que vivem. Em nome da preservação de suas tradições, evitam a integração na cultura dos *gadjês*, os não ciganos. É o que ocorreu durante séculos com as comunidades judaicas que, vítimas de rejeição e preconceito por parte dos cristãos, fechavam-se na defesa de suas tradições culturais, notadamente das tradições religiosas e morais. O mesmo ocorre hoje com grupos de origem muçulmana que, ao mesmo tempo em que rejeitam radicalmente os valores e a cultura ocidental, são rejeitados na mesma intensidade nos países do Ocidente. Esses grupos temem o desaparecimento de seus traços culturais, de seus valores, de seus costumes, neles se aferram e por causa deles são malvistas e discriminados, quando não perseguidos. Numa época e num mundo em que a circulação de pessoas é intensa, em que os

contatos entre grupos humanos e pessoas de diferentes culturas são muito mais constantes, as posturas de defesa intransigente de dados códigos e valores culturais, levando a atitudes que podem ser chamadas de etnocêntricas, ou seja, aquela atitude de fechamento ao diferente, ao outro, à evitação do contato cultural, por julgar o outro grupo humano e sua cultura como inferiores, atrasados ou degenerados, pecaminosos ou decadentes, leva à intolerância e à xenofobia por parte de todos os grupos envolvidos nesse choque de culturas.

Os ciganos, por exemplo, sempre foram malvistas pelo catolicismo e pelas demais religiões cristãs, por se dedicarem a atividades ligadas ao sobrenatural como o ocultismo, a cartomancia e a quiromancia. Ou seja, na disputa pelo domínio e pelo poder no campo das crenças, as religiões cristãs tendem a combater como sendo superstição, fraude, práticas diabólicas ou de bruxaria toda e qualquer atividade que lide com o mundo sobrenatural e que seja realizada fora de suas instituições. As mulheres ciganas, que secularmente se dedicam a predizer o futuro das pessoas lendo as cartas e as mãos, são vistas como trapaceiras ou praticantes de atividades ligadas às forças do mal. Os ciganos foram apresentados como sendo descendentes de Caim, o filho assassino de Adão e Eva; como tendo sido aqueles que fabricaram os pregos usados na crucifixão de Jesus. Na disseminação desses mitos em torno dos ciganos, vemos atuar uma das atitudes mais comuns ligadas à xenofobia: a construção de imagens e narrativas depreciativas e estigmatizadoras do grupo considerado estranho ou estrangeiro. As fantasias negativas, as fantasmagorias depreciativas, as lendas negras servem para expressar os medos e ansiedades que são gerados pela presença dessa cultura estranha e, ao mesmo tempo, se tornam formas de agressão, aversão e rejeição desse outro, buscando seu rebaixamento e desclassificação, quando não a sua expulsão ou extermínio.

A distinção cultural entre os homens costuma ter como um dos elementos-chaves a linguagem. Os ciganos, assim como vários outros povos minoritários, que vivem no mundo contemporâneo, integrados a várias nações ou em busca de seu próprio território, habitando fronteiras incertas e indefinidas, se mantêm com uma identidade

definida por falarem uma língua própria, que serve de veículo para a expressão de valores, costumes e traços culturais comuns: como os curdos que vivem numa vasta área entre a Turquia, o Iraque, o Irã, a Síria e a Armênia, tendo sido vítimas de um dos mais terríveis massacres xenófobos do século passado, quando cerca de cem mil curdos foram assassinados pelo regime de Saddam Hussein, entre os anos de 1987-1988, através de bombardeios e envenenamento massivo com o uso do gás mostarda. Os ciganos falam uma língua própria, o *rumani* ou *rumanez*, que é expressamente proibida de ser ensinada a um não cigano. Ela é uma língua ágrafa, ou seja, um idioma sem forma escrita, transmitido apenas através da fala oral. Poderíamos dizer que a língua dos ciganos é também uma língua nômade, não sedentarizada pela escrita, já que justamente por viverem se deslocando entre povos que têm diferentes sistemas de escrita (o sânscrito, o árabe, o grego, o aramaico) ela terminou por não adotar nenhum deles. Essa maneira estranha de falar torna os ciganos, como qualquer outro grupo que fale uma linguagem muito diferente, suspeitos de estarem tramando complôs ou planejando algo que não se pode saber. Lembremos que os gregos inventaram a palavra *bárbaro* a partir da não compreensão do que os persas, seus oponentes, falavam.

A maneira como os ciganos se vestem, os ornamentos e joias que utilizam, suas músicas e danças, tanto podem ser objeto de curiosidade, interesse e até sedução e simpatia, como motivo de estranhamento, rejeição e preconceito. Naquelas cidades e países em que se fixaram, em que abandonaram a vida nômade e se integraram paulatinamente à vida social e cultural local, alguns de seus costumes e atividades culturais passaram a ser objeto de interesse e de aceitação, sem que o preconceito tenha desaparecido de todo. É o caso das comunidades ciganas da província de Andaluzia, na Espanha, que são responsáveis pela emergência e manutenção de duas manifestações culturais, que hoje são consideradas típicas do próprio país: a música e a dança flamenca. Ao lado das atividades comerciais, já praticadas pelos grupos ciganos nômades, que aproveitavam seus deslocamentos para venderem objetos de artesanato por eles fabricados, tapetes, especiarias e artefatos de metal, as atividades artísticas do canto, da dança e do

uso de instrumentos musicais se constituíram nas principais formas de integração desses grupos em distintas sociedades, como grupos minoritários. Se as atividades ligadas ao comércio foram mais um traço cultural que marcou negativamente as comunidades ciganas, notadamente durante a Idade Média, em que o catolicismo tratava pejorativamente essa atividade, contribuindo para a imagem do cigano como um ser interesseiro e astuto, muito apegado a objetos de luxo e a dinheiro, traços que também marcarão negativamente as comunidades judias, suas atividades artísticas serão motivo de fascínio, sedução e encantamento. As diferenças culturais tanto podem causar choque e recusa como podem atrair e produzir empatia e interesse.

Uns dos traços culturais dos grupos ciganos que mais tendem a produzir estranhamento e recusa nas sociedades ocidentais contemporâneas são: o nomadismo e a conseqüente irregularidade quanto ao trabalho e os rígidos códigos de conduta que regem as famílias, o matrimônio e a hierarquia muito definida entre homens e mulheres. Numa sociedade capitalista em que a ética do trabalho prevalece, em que o trabalho é apresentado como atividade indispensável para a vida e atribuidor de dignidade, respeito e um lugar na vida social, a recusa dos grupos ciganos ao trabalho regular, embora muitos estejam hoje perfeitamente integrados à classe trabalhadora, notadamente por lhes serem oferecidas as piores ocupações, as mais desqualificadas e de pior remuneração, o que por si só já se constituem em manifestações de xenofobia e preconceito, leva ao fato de que o estereótipo de vagabundos e preguiçosos continue sendo reproduzido. Por outro lado, em sociedades onde o feminismo fez intensos progressos no questionamento dos lugares tradicionalmente reservados a homens e mulheres, no questionamento da autoridade patriarcal no interior das famílias, no questionamento da heteronormatividade, os costumes, valores e tradições dos grupos ciganos são vistos como machistas, misóginos, homofóbicos e atrasados. O fato de as mulheres ciganas serem proibidas ou pelos menos coibidas a não se casar com não ciganos, de serem prometidas pelos pais, desde muito novas, a um noivo cigano, promessa que leva em conta interesses econômicos e laços familiares muito mais do que o desejo individual e o sentimen-

to que possa existir entre o casal, remetem a costumes e tradições que foram sendo deixados para trás nas sociedades ocidentais, principalmente ao longo do século passado, com uma grande contribuição da luta política das mulheres. As tradições matrimoniais ciganas ainda estariam muito mais ligadas a uma cultura e organização social centrada na família, na hereditariedade, na transmissão do sangue, sociedades que o filósofo francês Michel Foucault nomeou de sociedades que obedeciam ao regime da “sanguinidade” e não sociedades centradas na sexualidade, na centralidade e importância do sexo. Essa centralidade da simbólica do sangue nos grupos ciganos se expressa também através das “vendetas de sangue”, ou seja, dos duelos e assassinatos cometidos contra outros grupos ou famílias, ciganos ou não, em torno de um evento envolvendo questões de honra e masculinidade. O matrimônio, para os grupos ciganos, deve, antes de mais nada, garantir a continuidade desse grupo étnico, deve garantir a continuidade do sangue cigano, daí o rigoroso controle do corpo das mulheres e a restrição aos casamentos interétnicos, o que repercute negativamente em sociedades multiétnicas e nas quais as mulheres já se emanciparam do poder patriarcal, pelo menos na hora da escolha de seus parceiros, embora isso não seja uma realidade para todas as mulheres. A centralidade do masculino nas comunidades ciganas revela-se até quando o casamento com uma pessoa estranha à comunidade é permitido: isso se dá geralmente quando um cigano se interessa por uma mulher não cigana. Uma mulher cigana está sujeita à expulsão da comunidade se vier a se casar com um não cigano. O adultério feminino é punido com enorme rigor, chegando, em alguns casos, ao assassinato da mulher considerada adúltera e de seu parceiro. A cerimônia em que a noiva, depois de casada, e após três dias que se manteve ainda casta, mostra os lençóis manchados de sangue pela perda da virgindade, é motivo de condenação e recusa por parte de sociedades onde tais práticas soam infamantes para as mulheres. Para sociedades marcadas pelo o que Michel Foucault chamou de dispositivo da sexualidade, ou seja, por um conjunto de discursos, práticas, instituições, imagens que giram em torno do sexo e pela liberdade sexual, essa exposição machista de um emblema de

sangue parece não só estranho, como retrógrado, anacrônico, desrespeitoso e humilhante para as mulheres, gerando o preconceito e a rejeição, quando não o medo em relação a esse grupo cultural distinto.

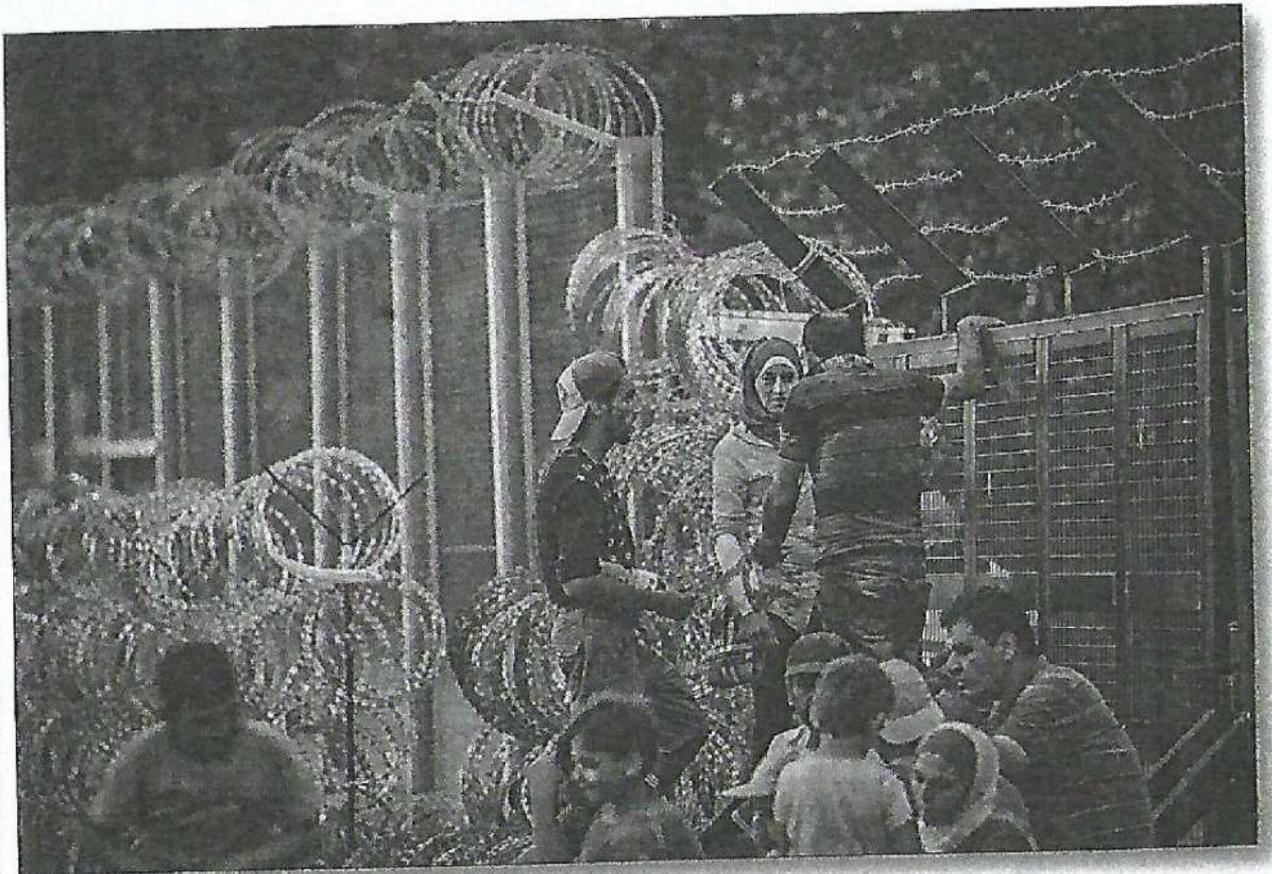
Embora vivamos, no Ocidente, em sociedades em que muitos pensadores e discursos defendam o relativismo cultural, ou seja, a capacidade de aceitar as diferenças culturais, de valorar da mesma maneira distintas formas de cultura, de tomá-las e tratá-las todas em pé de igualdade, de respeitar quase que absolutamente as diferenças culturais, esses discursos esbarram nessas práticas e valores que vêm de outras culturas e que são difíceis de serem aceitos por irem de encontro àquilo que se considera como avanços e ganhos civilizacionais humanos: o uso da burca por parte das mulheres muçulmanas; a clitorectomia, ritual de passagem em que o clitóris das mulheres é retirado em várias sociedades africanas e asiáticas; a condenação à morte por apedrejamento, a chamada lapidação de mulheres consideradas adúlteras, como o famoso caso de Amina Lawal, na Nigéria; a condenação a trabalhos forçados, à prisão ou à morte de homossexuais em países como São Cristóvão e Neves, Tanzânia, Nigéria, Sudão, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Irã; a prática da autocrucifixão em rituais da Semana Santa nas Filipinas; as corridas de touros e touradas na Espanha e em alguns países da América Latina. Essas são práticas culturais bastante difíceis de serem aceitas por quem não pertence a essas sociedades e não partilha de seus valores e culturas, que tendem a ser imediatamente vistas como mais atrasadas e até não civilizadas, gerando medo, rejeição, aversão e preconceito em relação a qualquer pessoa que provenha desses lugares. Cada sociedade tende a colocar sua própria cultura no topo, considerá-la superior, melhor, normal, mais civilizada, mais justa, mais verdadeira, mais de acordo com os desejos e desígnios de seus deuses e de suas crenças morais e religiosas. É a tal atitude que chamamos de etnocentrismo, à qual não apenas as sociedades ocidentais estão afeitas, embora, por terem sido historicamente sociedades imperialistas e colonialistas, as sociedades europeias e, mais recentemente, a sociedade norte-americana, tendem a ser vistas como aquelas que por excelência praticaram e praticam o etnocentrismo, quase

sempre acompanhado da desqualificação e rejeição da cultura do outro e da tentativa de modificação, colonização também dessas culturas, tudo feito em nome do progresso da civilização. A expansão europeia por todo o mundo trouxe não apenas o extermínio de milhões de pessoas, de centenas de povos, como de inúmeras culturas e línguas, por terem sido consideradas inferiores. Isso não significa que outros povos não partilhem da mesma atitude etnocêntrica e xenófoba. Se a xenofobia, não se pode esconder, foi um dos motores da empresa colonial, também estava presente como um dos elementos motivadores das guerras de libertação das colônias. A expansão imperial persa, muçulmana, otomana, russa ou japonesa teve no racismo e na xenofobia uma das suas motivações. As culturas dos vencidos nas guerras e invasões tendem a ser desqualificadas, consideradas inferiores, embora, com o passar do tempo, traços e contribuições culturais importantes não deixem de ser assimilados pelos vencedores. A própria curiosidade e admiração pela cultura do outro pode ser motivo para a tentativa de conquista e assimilação, como foi o caso dos tártaros-mongóis em relação aos chineses; do domínio das cidades gregas antigas por macedônicos e romanos e a viagem de Napoleão e suas tropas ao Egito. Portanto, os diferentes jeitos e modos com que os homens vivem suas vidas, praticam suas atividades mais cotidianas, dão sentido às suas vidas e à sociedade em que vivem, a diversidade cultural humana, ao mesmo tempo que é uma de suas mais importantes características, é motivo de conflito, incompreensão, preconceito e inclusive de violência xenófoba.

3

INVASORES

Foto: Artur Widdik/NurPhoto/Corbis.
Foto autorizado pela LatinStock/Reuters. 16/09/2015.



Migrantes na fronteira da Sérvia com a Hungria.

Mês de setembro de 2015, perto da aldeia de Horgos, na Sérvia, centenas de imigrantes se aglomeram em frente à cerca mandada erguer pelo governo da Hungria para barrar a passagem do fluxo migratório vindo dos países em conflito na Ásia (Síria, Iraque e Afeganistão) e dos países africanos. Homens, mulheres e crianças espremem-se visando atravessar uma fronteira nacional, que deixou de ser mera convenção para se materializar através de barras de ferro, telas de metal e arame farpado, que simbolizam a agressiva rejeição de que são objeto aqueles seres humanos que por ali tentam chegar aos países do centro e do norte da Europa. Do outro lado da cerca, um forte aparato policial, formado por soldados de uma tropa de choque prontos para reprimir qualquer tentativa do que seria uma invasão do país. A cerca, após ser concluída, deverá se estender por cento e setenta e cinco quilômetros. Só para a fronteira com a Sérvia, o governo húngaro deslocou novecentos policiais e quatro mil e trezentos soldados de suas forças armadas, visando evitar a passagem de imigrantes pelo seu território. No lado sérvio, ao fundo da fotografia, um detalhe dá um toque de profunda ironia à cena: uma placa indica o pertencimento da Hungria à União Europeia, iniciativa que pretendia acabar com as fronteiras internas ao continente europeu. O governo húngaro, chefiado pelo primeiro-ministro Viktor Urban, ligado a seitas religiosas de ultradireita, expressa assim a xenofobia que, nesse caso, como em muitos outros no mundo contemporâneo, deixa de ser uma atitude de pessoas e grupos no interior da sociedade civil, para

vir a se tornar uma ideologia e uma prática oficial de alguns Estados nacionais e de alguns governos.

Se os homens e as mulheres são seres biológicos e culturais, os humanos também se caracterizam por serem seres territoriais. Mesmo quando vivem em estado de nomadismo, os grupos humanos, onde chegam, tratam de traçar e constituir um dado território. Mas o que constitui um território? Assim como vários outros animais, os grupos humanos sempre trataram de demarcar fronteiras, de definir e traçar um dentro e um fora, um interior e um exterior do espaço que ocupam, mesmo que temporariamente, e em que habitam. O primeiro traço de uma territorialidade humana é o recorte do espaço, é a definição num espaço mais amplo, indefinido, de um lugar específico, com fronteiras reconhecíveis para viverem. Os homens têm dificuldade em viver num espaço aberto, num espaço não demarcado, não marcado. Como defendem os filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, os homens não suportam viver num espaço liso; eles precisam marcá-lo, produzir nele demarcações, estriá-lo. Assim como os animais usam urina, fezes, cheiros corporais e até sons para demarcarem seus territórios, os homens lançam mão daquilo que os particulariza em meio aos animais: o fato de produzir cultura. Os grupos humanos lançam mão de artefatos culturais, de símbolos, de signos, de linguagens como o ícone e a cartografia para delimitar um dado território. Portanto, o território se constitui através da marcação do espaço com traços humanos, através da humanização do espaço. Os homens buscam, como nos fala o geógrafo sino-americano Y-Fu Tuan, transformar espaços, abertos, indiferenciados, multivetoriais e multidirecionais em lugares, espaços com fronteiras definidas, espaço fechado, diferenciado pelas marcas humanas aí colocadas, com vetores e direções limitados e definidos. Traçar limites, estabelecer fronteiras, é uma atividade humana fundamental na definição, justamente, daquilo e daquele que é forasteiro, estranho, estrangeiro. O estrangeiro é aquele que, por definição, habita fora das fronteiras definidas por um dado agrupamento humano, é aquele que chega de fora do território de domínio de um dado grupo humano.

Quando falamos em domínio, estamos abordando outro aspecto importante do caráter territorial da vida humana: ela é marcada por uma política e por uma polícia dos lugares de habitação. Os grupos humanos, ao necessitarem de e definirem territórios para habitar, assim como ocorre com outros animais, têm como uma das tarefas fundamentais da sua existência a defesa desse território, a tarefa de impedir que ele seja invadido e tomado por outro grupo humano, considerado estranho a ele. O medo do estranho, do estrangeiro, passa pelo temor de que ele venha a se apropriar, a dominar o território em que se vive. Ao definir uma linha demarcatória, uma fronteira entre um dentro e fora, o que vem desse exterior passa a ser visto com desconfiança e cautela, quando não com dado grau de rejeição. O que vem de fora da territorialidade definida passa a ser visto como um provável fator de dissolução e ameaça, como agente caotizador dessa ordem territorial estabelecida. Estabelecer território implica a tomada de posse, o domínio e o poder sobre uma dada parcela da terra, do espaço disponível e, com ele, obrigação de vigiá-lo, de policiá-lo contra qualquer invasão e de defendê-lo, de lutar em sua defesa, quando essa ameaça vier a se concretizar. O fato de que o tracejar de um território implica, imediatamente, a atitude de posse e domínio dá às questões territoriais humanas um caráter político também imediato.

As formas de territorialidade humanas variaram enormemente ao longo da história, mas nunca deixaram de possuir esses traços definidores: estabelecimento de fronteiras, produção cultural e social de um lugar e a vigilância e luta pelo seu domínio. Mesmo as hordas nômades se territorializavam temporária e precariamente onde paravam, onde estabeleciam parada e acampamento. Ainda hoje, quando inúmeros agrupamentos humanos vivem uma espécie de retorno do nomadismo, tangidos pela miséria, pela fome, pelas guerras, instalados em precários acampamentos de refugiados, em acampamentos de sem terra (como no Brasil), em acampamentos de sobreviventes de catástrofes naturais (como no Haiti), em cidades de lona, de plástico, de papelão, como aquelas surgidas com a grave crise da moradia nos Estados Unidos e em vários outros países, esses grupos humanos

não deixam de construir simbologias, rotinas, costumes, rituais que deem um sentido mínimo de territorialidade para aqueles que ali vivem. Uma bandeira feita de trapos, fincada em um precário mastro já é suficiente para definir uma territorialidade. Mesmo a cerca de arame farpado que delimita e, pretensamente, protege o acampamento, pode vir a ganhar o sentido de fronteira e, portanto, territorializar quem está em seu interior. Os humanos não conseguem viver completa e permanentemente desterritorializados, precisam inventar um lugar para habitar. A própria identidade do humano, aquilo que define o seu ser, aquilo que julga ser, passa por seu vínculo com o espaço, com um dado território. Perder sua territorialidade, ver-se desvinculado de sua terra, é para um humano uma violência contra seu próprio ser, contra sua própria identidade, que é, quase sempre, marcada e definida por um pertencimento territorial. O estrangeiro seria, assim, um ser humano já fragilizado por se ver em território estranho, por se ver fora de seu território, aquele que era como se fosse não só a sua casa, pois lugar de habitação e morada, mas como se fosse sua pele, seu corpo, pois o lugar que o viu nascer e ganhar corporeidade. A xenofobia é um sentimento cruel, entre outras coisas, por incidir sobre um ser humano já em estado de fragilidade, já em situação de estranhamento e precariedade territorial.

Esse vínculo entre o território e o ser de quem o habita, entre a terra e a identidade de quem ali nasceu, cresceu e ali vive, explicita-se desde as mais antigas formas de organização social humanas. Os gregos antigos viviam em cidades e elas eram tão fundamentais para a definição da identidade de quem nelas viviam, que os cidadãos, portanto, aqueles que compunham e, ao mesmo tempo, habitavam a cidade a levavam em seu próprio nome. Quando lemos ou ouvimos falar sobre Tales de Mileto, tendemos hoje a achar que Mileto tratasse de seu sobrenome, quando, na verdade, Mileto era o nome da cidade em que vivia o famoso filósofo, matemático e engenheiro da Antiguidade. O seu território, a cidade em que vivia era tão importante na definição de quem ele era, de sua identidade enquanto homem e cidadão, que o nome dela definia o seu próprio nome. Por isso, um dos maiores castigos para um grego, uma das mais

graves penas no sistema jurídico de várias cidades gregas era a pena de banimento, era a expulsão da cidade. Na cidade de Atenas, no século V, quando da instituição da democracia, foi implantada a pena de ostracismo, que condenava todo homem público, todo cidadão que realizasse algum ato de ameaça ao sistema democrático, à pena de banimento, de exclusão das fronteiras da cidade, passando a viver em outra cidade na condição de estrangeiro. Vê-se, portanto, que ser estrangeiro entre os gregos não era uma situação confortável. O estrangeiro, normalmente, era excluído dos direitos políticos nas cidades gregas, não era um cidadão, não era incorporado, assim, definitivamente ao território da cidade. A maioria dos escravos, nas cidades gregas, partilhava dessa situação de estrangeiros. Isso se acentuará e será uma marca de todas as ditas civilizações humanas que adquiriram a forma política de império. Ao se expandirem e constituírem um vasto território, à custa de conquistas militares e da subordinação, quando não da destruição, de uma variedade de outros povos e territórios, os impérios implicam a vivência, no interior de suas fronteiras, como escravos ou não, de uma grande quantidade de pessoas consideradas estrangeiras, pois, embora habitando o interior das fronteiras do império a ele não pertenciam do ponto de vista político, à medida que eram destituídos de direitos. Ao não pertencerem ao que poderíamos nomear de corpo político do império, seus corpos permaneciam vistos e ditos como estrangeiros, mesmo habitando o interior das fronteiras territoriais do Estado imperial, e, por isso, sujeitos à violência e à morte. Eles serão permanentemente suspeitos de conspiração contra a integridade territorial do império, mesmo que, muitos deles, fossem assimilados, à medida que se colocavam a serviço, que colocavam suas habilidades, fosse em que ramo da atividade humana fosse, a serviço das causas imperiais e do seu grupo dirigente. No Império Romano, por exemplo, o geógrafo e historiador grego Políbio, que pertencia à casta dirigente da cidade de Megalópolis, ao ser preso e conduzido como escravo à Roma, depois que sua cidade foi conquistada pelos romanos, terminou por se tornar preceptor do jovem pertencente à nobreza Cipião Africano, que se tornará um dos grandes comandantes militares na

terceira guerra empreendida contra os cartagineses, a chamada Terceira Guerra Púnica, da qual Políbio fará o relato histórico.

Esse caráter territorial das vidas humanas ainda fica mais claro quando olhamos para as formas de organização social, política e territorial que resultou da chamada queda do Império Romano, das chamadas invasões bárbaras e do esfacelamento de vários impérios menores que resultaram da tentativa de substituir, com maior ou menor sucesso, a dominação romana. A maioria da população passou a habitar feudos, muitos foram reduzidos à condição de servos de gleba, ou seja, foram territorializados de forma tão adstrita que passaram a estar presos a uma dada terra, dela não podendo se ausentar. As chamadas invasões dos povos bárbaros, povos que habitavam para além das fronteiras do Império Romano, que possuíam culturas e origens étnicas, muitas vezes, distintas dos povos que habitavam o território romano, tornou-se uma imagem indelével na cultura dos povos europeus, um verdadeiro paradigma, que tende a ser lembrado e acionado cada vez que os europeus se veem às voltas com o contato com povos estranhos e estrangeiros. A figura do bárbaro atravessando fronteiras, invadindo e depredando cidades e campos, matando e destruindo tudo e todos à sua passagem, saqueando, roubando e profanando templos, destruindo divindades passou a habitar o imaginário da cultura europeia, imagem sobrevivente que tende a ser retomada e atualizada a cada vez que o estrangeiro passa a ser visto como uma ameaça para os europeus. As chamadas invasões bárbaras tornaram-se um modelo cultural para o pensar, o ver e o dizer qualquer outro tipo de afluxo populacional não desejado, temido e rejeitado. O estrangeiro passou a ser associado ao bárbaro e esse tomado como um invasor, aquele que ameaça as fronteiras da civilização e, em casos extremos, da própria humanidade. Não é mera coincidência, portanto, que o ex-primeiro ministro da Itália, Silvio Berlusconi, tenha se utilizado do termo "horda de bárbaros" para nomear os grupos de imigrantes ilegais que chegam à Europa.

O medo do bárbaro, o medo do estranho, do estrangeiro foi um dos fatores que levaram a que as populações europeias, após o declínio

do Império Romano, tenham passado a viver em cidades fortificadas, em castelos, mosteiros, aldeias, preferencialmente protegidos por muros, fossos e toda sorte de aparatos de defesa, o que já ocorria na Antiguidade, mas que se generaliza nesse momento visto como de total insegurança. Toda uma ordem social é fundada a partir dos vínculos dominiais sobre a terra, toda uma hierarquia social e de poder se define a partir da posse sobre as terras, já que durante alguns séculos a vida urbana sede espaço para a vida rural. Profundamente territorializados e sedentarizados, circunscritos a dados territórios, com uma redução crescente da mobilidade territorial da maior parte da população, as fronteiras passam a definir de maneira ainda mais profunda a vida das pessoas, contribuindo para um intenso arraigamento aos lugares, aprofundando o medo, a rejeição e a desconfiança em relação a todo forasteiro, a todo estrangeiro. A xenofobia é uma presença marcante nas sociedades do medievo. Se o comerciante e, mais tarde, o burguês, o habitante de um burgo, de uma cidade, gera desconfiança, isso se deve a sua mobilidade e sua condição, quase sempre, de gente estranha, estrangeira. Quando as Cruzadas, a partir do século XI, deram início ao primeiro grande movimento de populações na Europa, depois de alguns séculos de sedentariedade, o fez a partir do medo, da rejeição e do desejo de extermínio dos povos islâmicos, notadamente, do desejo de expulsão desses povos da Terra Santa. O Islã, que se constituía através do que chamava de guerras santas, chegando a conquistar a Península Ibérica, passou a representar, desde o século VII, o outro da cristandade, o estrangeiro por excelência em relação às sociedades definidas como seguidoras de Cristo e da Igreja Católica, o que, como sabemos, continua tendo repercussões no mundo contemporâneo. Tratarei mais detalhadamente dessa questão em outro capítulo.

Mas essa relação entre vida humana, identidade humana e territorialização ganha um capítulo decisivo com a emergência dos chamados Estados Nacionais, a partir do século XVIII, na Europa. Diferentemente da vida em tribos, aldeias ou clãs, distinta da vida em cidades, impérios ou feudos, a vida em uma nação implica uma

nova maneira de organização e governo territorial, uma nova forma de vínculo jurídico, existencial e afetivo com o território e uma nova maneira de vivenciar e elaborar intelectualmente esse território. A palavra nação já existia antes de servir de base para a criação de Estados que, pretensamente, seriam seus representantes, defensores e gestores. A palavra nação vem do latim *natione*, e era usada, antes do mundo moderno, para designar uma comunidade de pessoas que possuíam origem étnica comum (nos termos da época, que pertenciam à mesma raça), que partilhavam a mesma língua e que possuíam os mesmos costumes, crenças, tradições culturais. Para retomar um exemplo aqui discutido, os ciganos, por exemplo, constituíam uma nação, assim como os judeus, mesmo que não possuíssem um território fixo e definido para habitarem, mesmo que vivessem nomadizando ou fixados em diferentes sociedades e lugares. Antes do mundo moderno, para definir uma nação não era necessário que ela possuísse um território definido, que habitasse no interior de dadas fronteiras. Essa passa a ser a novidade trazida pelos chamados Estados Nacionais, que nascem das chamadas revoluções burguesas, que vieram pôr fim aos Estados Absolutistas, criados a partir de uma reação de linhagens aristocráticas às pretensões do Papa de ser um governante universal, um governante de todas as nações. Católico vem do grego *katholikos* e significa para todos, universal. Ao ter por base a mensagem de Cristo, o cristianismo seria católico, pois destinado a todos os homens. A instituição que pretendia ser a sua encarnação e o homem que pretendia ter herdado o lugar, atribuído pelo próprio Cristo ao apóstolo Pedro, de líder daqueles responsáveis por levar sua doutrina a todos os povos, independente de raça, língua, costumes, também deveriam ser Católicos, também deveriam ter dimensões e domínio universal. Contra essa pretensão de universalidade do poder da Igreja e do Papa é que reis, príncipes, nobres, em articulação com a burguesia emergente, instituíram Estados que pretendiam representar não mais toda a cristandade mas determinadas nações, nesse momento entendidas como determinados grupos humanos com origens de sangue comum. Embora muitos desses Estados tenham rapidamente evoluído para Estados imperiais, com

o domínio sobre uma quantidade de povos e espaços nunca antes vista na história, alguns deles, alcançando dimensões globais, como o Império espanhol e em seguida o Império inglês, a simples emergência da ideia de nação, ligada agora a um território, ampliou sobremaneira a noção de estrangeiro. Se, como vimos, o racismo e o etnocentrismo são fatores determinantes para a emergência de práticas e sentimentos de xenofobia, o nacionalismo também vai se tornar e se mostrar, ao longo da história, como um fator decisivo na propagação e sustentação desse sentimento.

Ao mesmo tempo em que a crise do feudalismo, o processo de expansão marítima europeia e a emergência paulatina do capitalismo vieram promover a primeira grande transmigração humana em escala universal, dando início ao que hoje chamamos de globalização; ao mesmo tempo em que homens e mercadorias começam a circular em escala global, os Estados Absolutistas nas disputas que empreendem por mercados para seus produtos, fontes de riqueza e lucro, e por territórios adotam políticas econômicas que chamam de nacionais: tentam unificar a cunhagem de moedas em todos os seus domínios, tentem restringir a produção artesanal e o comércio de certas mercadorias a seu espaço dito nacional. Mas é com a crise dos Estados Absolutistas e com as revoluções burguesas que o princípio das nacionalidades passa a reger as políticas de Estado e a condicionar definitivamente a vida das pessoas. Como nos diz o historiador britânico Benedict Anderson, as nações são comunidades imaginárias já que seu território adquire uma dimensão que torna impossível que alguém tenha sobre ele conhecimento e domínio completo, como ocorria quando a identidade humana estava ligada a espaços menores como uma aldeia ou uma cidade. Como cada homem e mulher vive e mora apenas numa pequena parcela do território da nação, sentir-se pertencente ao seu todo é uma operação mental, uma operação do imaginário. Se, embora vivendo em Louveira, uma pequena cidade do interior de São Paulo, eu considero um acreano, alguém que vive na cidade de Cruzeiro do Sul, que não conheço, como sendo tão brasileiro quanto eu, se eu o vejo como um conterrâneo, ou seja, alguém que nasceu e vive na mesma terra que eu, embora fisicamen-

te habitamos pedaços de terra muito diferentes, em vários aspectos, desde os naturais até os culturais, é porque eu tenho introjetada a ideia de nação, de que vivo num todo, num único território chamado Brasil. Para que as populações assimilassem essa ideia de nação, para que substituíssem suas antigas fidelidades e identidades territoriais (de habitantes de uma cidade, de um burgo, de uma aldeia, de um condado, de um ducado, de um principado, de um mosteiro) pela identidade nacional de francês, de inglês, de português, os Estados Nacionais investiram em políticas e polícias de nacionalização, de propaganda da ideia da nação. Anderson discute como a adesão da população à ideia de nação é inseparável de gestos como a adoção de uma língua nacional e a pressão para que seja falada por todos, aliada à repressão a outros falares locais rebaixados à condição de dialetos. A criação da instituição escolar pública foi fundamental para a nacionalização das populações à medida que essa passou a ensinar a língua nacional, a definir o que seriam manifestações intelectuais de uma cultura dita nacional, de um pensamento nacional, de uma ciência e uma técnica nacionais, à medida que passou a veicular o que seria a geografia e a história nacionais, fazendo com que a população memorizasse e aprendesse o que seriam as fronteiras nacionais, a configuração e particularidades de seu território e os grandes acontecimentos e grandes figuras que teriam feito emergir essa nacionalidade. A propaganda da ideia de nação se dá, também, através do uso da imprensa e da adoção de símbolos e datas nacionais, momentos em que a ideia de nação é comemorada através do que teriam sido seus feitos e homens mais brilhantes e significativos. Por exemplo, ainda hoje, parece vigorar uma lei informal entre os realizadores cinematográficos de Hollywood: a bandeira americana deve aparecer invariavelmente em alguma cena dos filmes que são aí produzidos.

A intensa propaganda realizada em torno da ideia de nação, resultando na construção de uma identificação profunda entre os homens e mulheres e o país em que se nasce, terminou por gerar, ao longo do século XIX, a emergência do sentimento nacionalista, com o conseqüente sentimento de diferenciação daquele que pertencia a outra nação. O nacionalismo dá um novo sentido ao fato de se ser

estrangeiro: o estrangeiro não é apenas aquele que possui origens étnicas distintas ou que possui costumes ou modos diversos, mas, principalmente e, sobretudo, aquele que nasceu em uma outra nação. O sentimento nacional exacerbado vai ter como corolário a recusa do estrangeiro, sua rejeição. O nacionalismo vai contribuir para a disseminação de sentimentos e atitudes agressivas em relação ao estrangeiro, àquilo e àquele que não é nacional, o que terminou por contribuir decisivamente para a deflagração das duas grandes guerras mundiais, que marcaram o século XX. O discurso nacionalista amplia o sentimento de xenofobia à medida que tende a fazer comparações e estabelecer hierarquias entre as nações e seus habitantes. O ser nascido em outra nação, por esse simples fato, parece ter um certo déficit de humanidade, parece ocupar um lugar inferior na escala da humanidade, a não ser para casos muito comuns entre países que foram colônias, e cujas elites continuam possuindo uma identidade degradada, idolatrando o colonizador, considerando-o melhor ou superior ao nacional. O nacionalismo estimula o que seriam atitudes de defesa do espaço nacional, afinal tido como o espaço de vida para seus próprios habitantes, o espaço vital para sua população, ideia muito explorada pelo nazismo. O estrangeiro, o ser nascido em outra nação, torna-se uma ameaça de invasão territorial e de dissolução dos valores, da cultura, do próprio imaginário que sustenta a ideia da nação.

O nacionalismo, apesar de ser um dos responsáveis por ter levado a duas carnificinas, no século XX, quando a xenofobia atuou como um dos motivadores psicológicos para mobilizar populações inteiras para a guerra; apesar de ter motivado a criação de instituições como a Organização das Nações Unidas e a Comunidade Econômica Europeia, visando o combate ao nacionalismo mais radical, foi capaz, inclusive, de capturar posições políticas e ideológicas que inicialmente eram internacionalistas, como o socialismo e o anarquismo, levando a propostas de revoluções nacionais. O nacionalismo e a ideia de construção de um Estado Nacional, herdados dos colonizadores europeus, esteve na base, por mais contraditório que pareça ser, da maior parte dos movimentos de descolonização de territórios na Ásia e na África, ao longo do século XX, como estivera na base dos processos

de independência das colônias americanas nos séculos XVIII e XIX. Muitas das populações que hoje vagam pelo mundo, em busca da sobrevivência, provêm de várias dessas nações surgidas no pós-guerra, muitas delas governadas por Estados bastante frágeis e até, em casos extremos, com Estados praticamente inexistentes, como é o caso da Somália, onde a ideia de nação, herdada do colonizador e cultivada por uma elite dita nacionalista tem que se defrontar com realidades sociais e culturais às quais a ideia de nação pouco se adequa. Em vários desses países, as populações ainda se organizam a partir de divisões tribais, clânicas e étnicas, onde a identidade territorial é dada por outras formas de organização e recorte espacial que não o de nação. Some-se a isso o surgimento de posturas políticas e religiosas que tendem a desconhecer as divisões nacionais, a maioria delas criadas ou impostas por acordos entre as nações europeias, buscando a criação de divisões supranacionais ou extranacionais.

O que assistimos, hoje, notadamente na Europa, mas também nos Estados Unidos e, em menor grau, em vários outros países, é o crescimento da xenofobia motivada pela chegada em massa de imigrantes vindos dos países mais pobres ou que vivem sérios problemas de conflitos políticos e religiosos internos, muitos deles motivados pela herança colonial aí deixada pelos europeus, bem como por intervenções militares, econômicas e diplomáticas desastradas feitas em nome da defesa dos interesses ocidentais. Se hoje, na visão de europeus, milhares de sírios tentam invadir a Europa, é porque as potências ocidentais interferiram na guerra civil do país apoiando os grupos rebeldes que combatem o ditador Bashar al-Assad, em nome de se instalar a democracia no país, dando origem a uma prolongada guerra civil, que vem destruindo o país. O mesmo ocorreu com o Talibã, no Afeganistão, apoiado pelas potências ocidentais quando se opuseram à invasão soviética ao país ou o ditador Saddam Hussein, no Iraque, sustentado pelo Ocidente como contraponto ao governo do Irã, até se tornarem inimigos dos interesses americanos e europeus na área. As intervenções militares levaram esses países ao caos político em que se encontram, sendo de onde sai grande parte das levadas de imigrantes que assediam hoje as fronteiras da Europa.

Se a catástrofe de duas guerras mundiais havia colocado em suspeição o nacionalismo e movimentos importantes foram feitos no sentido de relativizar as fronteiras nacionais, de torná-las mais porosas e abertas não apenas ao fluxo de capitais e mercadorias, para os quais o capitalismo sempre tratou de mantê-las o mais abertas possível, mesmo que às vezes o capital tivesse e tenha que financiar guerras e revoluções para isso, mas também para o fluxo de pessoas, de trabalhadores e de turistas, já que o turismo também se tornou uma importante indústria mundial, o medo ao estrangeiro, a rejeição à chegada constante de imigrantes, a percepção de que são invasores que, se não ameaçam ainda a integridade territorial, são vistos como uma ameaça política dado o crescimento da presença de grupos ditos terroristas, de fieis a religiões e admiradores de culturas distintas daquelas vistas como sendo nacionais. O ataque ao World Trade Center em Nova York, no ano de 2001, por terroristas de religião islâmica parece ter inaugurado uma nova forma de luta política, em que a ameaça ao Estado Nacional se dá, muitas vezes, de forma isolada e provém de pessoas nascidas no próprio país, mas que não mais se consideram a ele pertencentes, seja pela situação de marginalidade econômica e social em que vivem, seja pela marginalidade cultural em que muitos dos filhos de imigrantes vivem nos países em que nasceram, nos quais não são vistos propriamente como iguais por terem costumes e tradições advindas dos territórios e culturas de onde provieram seus pais, sendo vistos como cidadãos de segunda categoria, como é o caso dos filhos de latino-americanos nos Estados Unidos. A xenofobia atua não apenas tentando barrar a entrada de imigrantes, vistos como invasores, mas também marginalizando e atirando à condição de cidadãos de segunda classe os filhos de imigrantes nascidos nas próprias nações que os recebem, produzindo gerações de jovens pouco territorializados, disponíveis para serem recrutados por grupos e crenças que ofereçam uma territorialidade, uma identidade substituta para esses jovens.

Vemos, tal como no exemplo húngaro, se reerguerem as cercas, os muros, as paredes que tentam proteger de uma invasão de estrangeiros e de estrangeiros os países e as cidades. Israel ergue muros para

evitar contato com os palestinos, jordanianos e sírios, ao mesmo tempo em que constrói acampamentos em terras palestinas, tudo sob o olhar complacente das potências ocidentais. O mesmo Ocidente que comemorou a queda do muro de Berlim, como o marco do fim da guerra fria, vê cercas de arame serem construídas para evitar o afluxo de imigrantes, os novos invasores, os novos bárbaros.

4

INDESE JÁVEIS MISTURAS



Foto: Marko Djurica.
Foto autorizada pela LatinStock/Reuters. 08/09/2015.

Refugiado sírio com filho caindo após rasteira de cinegrafista húngara no vilarejo de Roszke, Hungria.

Terça-feira, 09 de setembro de 2015, fronteira entre a Sérvia e a Hungria. Após ficarem dias detidos no campo de refugiados de Roszeke, centenas de imigrantes, que tentavam entrar em território húngaro, conseguem furar o cerco policial e iniciam uma desesperada corrida na direção de seu objetivo. Um homem, trajando calça jeans, tênis e um casaco marrom, com uma mochila nas costas, corre carregando nos braços seu filho e um saco de papel onde está uma pequena parte do que transporta. Ao se aproximar de um grupo de jornalistas e cinegrafistas que cobriam a situação de caos e tensão em que se encontrava esse passo fronteiriço, é surpreendido pela atitude da cinegrafista Petra Laszlo, que trabalhava para a emissora húngara N1TV, ligada ao partido de extrema-direita Jobbit. Ela, portando uma câmera e tendo o rosto parcialmente coberto por uma máscara cirúrgica, ao ver o homem se aproximar, com seu filho nos braços, coloca propositadamente sua perna no caminho para que ele tropece e caia. Ela, literalmente, passa-lhe uma rasteira, fazendo com que se precipite ao chão. Mas, quem primeiro cai de costas, batendo a cabeça no solo, é o menino, por cima de quem vem terminar o pai. Em seguida, ela se volta para o grupo de imigrantes que corria em sua direção e chuta uma menina loira, trajando um blusão preto e uma calça, tipo moletom, verde.

Talvez, em meio a cenas tão chocantes, diante de imagens estarecedoras, como essas, que dizem muito a que extremos pode chegar alguém movido pelo sentimento de xenofobia, um detalhe significativo tenha passado despercebido. Enquanto a atenção de todos, ao

assistir ao vídeo ou ao ver fotos das agressões se volta para as pernas e os pés da cinegrafista, usados para agredir e jogar por terra os imigrantes, gestos que em nossa cultura são profundamente humilhantes e desclassificadores, pois implicam a humilhação da queda e do rebaixamento à condição de animalidade (chuta-se um cachorro sarnento, por exemplo), o fato de a cinegrafista ter o rosto, notadamente a região do nariz e da boca, coberto por uma máscara cirúrgica quase não foi reparado, não merecendo maiores comentários ou questionamentos. No entanto, esse detalhe aparentemente insignificante, essa anedota, indicia outro elemento, que poderíamos chamar de fantasmático, dado, muitas vezes, seu caráter inconsciente ou pouco tratado racionalmente, que faz parte, que compõe e que motiva o sentimento de xenofobia: o medo da contaminação, o medo da morte que poderia ser trazida pelo contato, pela mistura com um elemento estranho, com um outro que não se conhece e do qual se duvida da humanidade ou que, pelo menos, é visto como estando num estágio inferior do que seria o processo de evolução humana.

Ao se utilizar de uma máscara cirúrgica, ao se utilizar de um recurso médico e sanitário para ir fazer a cobertura jornalística da tensão na fronteira de seu país, provocada pelo ajuntamento de imigrantes que tentavam cruzá-la em direção aos países do norte da Europa, Petra Laszlo demonstra temer a contaminação de seu corpo por alguma doença que pudesse ser transmitida pelos imigrantes. Não faz parte das vestimentas tradicionais de jornalistas e cinegrafistas o uso de máscaras cirúrgicas. Após a repercussão negativa de suas atitudes, o que resultou, inclusive, em sua demissão, ela justificou o que fez referindo-se ao sentimento de pânico, de medo que teria se apossado dela ao ver os imigrantes virem em sua direção. Embora possamos questionar essa declaração, já que ela se dirigiu ao grupo de imigrantes para chutá-los, não podemos descartar o medo, o pânico diante da aproximação de corpos estranhos, de corpos estrangeiros, de corpos pelos quais se tem pouco apreço, de corpos pelos quais se tem aversão, como um dos elementos que levam a uma atitude de agressão e de vilipêndio como as que perpetrrou. O gesto

de colocar por terra um homem levando no colo uma criança mostra todo seu despreço por essas pessoas, mas também pode ser resultado do medo provocado pela aproximação desses corpos cujo único contato deve ser no sentido de fazê-lo beijar o pó, voltar ao pó: o desejo de morte desse outro fica explícito nesse gesto, desejo de morte que pode nascer, exatamente, do medo de morrer, do pânico provocado pela aproximação de um corpo que pode vir a te contaminar, adoecer e matar. Pode-se, ainda, supor que o fato de portar uma máscara cirúrgica, acrescida de um lenço vermelho sobre a boca e o nariz, teria a finalidade de protegê-la, justamente, da poeira que circularia naquele local. Mas, se analisamos as suas atitudes em relação aos imigrantes, não era apenas a poeira que se constituía em uma ameaça para ela e, por extensão, para todo o corpo social do seu país. Naquela fronteira, não eram apenas os detritos do solo que lhe ameaçavam, mas os detritos humanos, que ela fez se misturar à poeira. Aquela criança, para ela, se constituía apenas em um corpo estranho, ameaçando seu corpo e o de sua gente, branca e europeia.

Se um corpo que julgamos humano, se um corpo outro é capaz de provocar desejo, fascínio, sedução, erotismo, um corpo de humanos que, por algum motivo ou por alguma situação, consideremos em déficit de humanidade, muito próximo da animalidade podem vir a ser motivo de abjeção, de aversão, de recusa e de medo. Como nos diz o antropólogo José Carlos Rodrigues, a reação de nojo se aproxima da reação de medo, já que ambas nasceriam do confronto com o perigo representado por coisas anômalas, ambíguas, intersticiais, transgressoras, que ameaçam o controle que o homem exerce sobre o mundo, controle indispensável para seu sentimento de segurança. Para a cinegrafista húngara, como para muitas outras pessoas, a aproximação de um corpo estranho, de um corpo estrangeiro, um corpo que, neste caso, literalmente, está na fronteira entre o humano e o inumano, configura uma ameaça, infunde nojo, aversão e causa medo por representar um perigo para o que seria a integridade física, à vida daquele que, por isso mesmo, se sente ameaçado, inseguro por uma situação que lhe parece fugir de seu controle. Esse medo que se

configura como nojo tem como motivação mais a dimensão simbólica, imaginária, inconsciente do que real. Os imigrantes não representavam nenhum perigo real e imediato para Petra Laszlo e, no entanto, ela se sentiu ameaçada e considera todo seu país ameaçado pela presença dos imigrantes que, na verdade, nem querem permanecer na Hungria, país governado por um partido de extrema-direita, que pratica a xenofobia de Estado. Como todo animal, o homem, ao se sentir ameaçado, reage agressivamente, tenta ferir, destruir, matar aquele corpo que é fonte de ameaça. Se a cinegrafista húngara portasse, em vez de uma câmera, um fuzil, podemos imaginar o que teria acontecido ao grupo de imigrantes que atacou a pontapés.

A atitude de evitação do corpo estranho, do corpo estrangeiro, é um capítulo daquilo que os antropólogos costumam nomear de tabu do corpo. Desde as formas mais simples de organização das comunidades humanas pode-se observar tabus, proibições, rejeições, aversões, nojos, evitâncias, proibições em relação a dadas partes do corpo, a dadas secreções ou reações corporais, a dados corpos e ao corpo em determinadas épocas, espaços ou situações. Desde muito cedo, os humanos desenvolveram noções como a de pureza e impureza para se referir e para definir e delimitar os contatos com outros corpos humanos, ou, mesmo, com outros animais e elementos da natureza. A proibição de tocar, de se misturar, de fazer contato com o corpo impuro, com o corpo que carrega uma mácula e que pode vir a macular outros corpos, faz parte de inúmeras culturas humanas. Esses corpos, mais do que infundir medo, provocam o sentimento de nojo, de repulsa, de aversão, pois existiriam em condições subliminares, pois estariam associados à sujeira, à putrefação e à infecção. Seriam corpos que não deveriam ser tocados porque transmitiriam a sua sujeira, seja física, seja moral, seja simbólica, para quem o viesse a tocar. A busca por uma pureza da raça, do sangue, da descendência, da genealogia, que teve no nazismo um de seus casos mais extremados, nasce dessa recusa da mistura, nasce desse pânico em relação ao contato, à contaminação, a todas as formas de mestiçagens. Como nos alerta Bruno Latour, o desejo de pureza foi um dos elementos configuradores da modernidade no Ocidente. Evitar e desfazer as misturas

foi desde um ideal político e ideológico até um dos procedimentos nucleares na ciência moderna. Separar, encontrar um lugar apropriado para cada coisa, classificá-las, hierarquizá-las, defini-las em sua unidade e singularidade, determinar a composição de cada entidade da natureza e da sociedade, foi um ideal perseguido pelas ciências da natureza, assim como pelas ciências humanas. Evitar as mestiçagens, as misturas de raças, de sangue, mas também das ideias e culturas, se tornou um ideal com forte aceitação, no século XIX, em grande parte do mundo ocidental. Mas a classificação de grupos humanos como puros ou impuros está presente em várias outras culturas e em épocas bem recuadas em relação à modernidade. Os portugueses, ao chegarem às Índias, no século XV, nomearam as divisões do sistema social hindu utilizando a palavra *casta*, o feminino de casto, que tem como um de seus sentidos ser pura, estar em condição de pureza. Os portugueses perceberam que a hierarquia social entre os hindus se definia por motivações religiosas e se baseava nas noções de pureza e impureza. O contraste entre a limpeza e a sujeira atravessa todas as práticas do hinduísmo. Uma aldeia indiana podia conter entre vinte e trinta castas que, em grande medida, se definiam pela atividade profissional que cada grupo realizava. Ou seja, para a cultura indiana, dadas atividades tornam os homens impuros. Para as castas superiores, aquelas que são formadas pelos puros, várias atividades estão proibidas. Para os brâmanes, tudo o que se relaciona a atividades corporais e ao mundo material remete à impureza. A água do rio Ganges tem um papel central na religião hinduísta pois ela remete à pureza, é ela que lava as impurezas daqueles homens puros que, por algum motivo, se tornaram impuros. Quanto mais inferior, na hierarquia social, é uma casta, mais impura ela é. Na Índia, todos aqueles que não pertencem, por nascimento, ao sistema de castas ou que por alguma forma de crime foi expulso de sua casta e se tornou um pária é considerado um intocável, alguém que de tão impuro não deve ser tocado, já que ao fazê-lo a impureza seria transmitida para quem o tocou. O estrangeiro, numa sociedade como a indiana, é por definição um impuro, um intocável, alguém que representa com a simples presença de seu corpo uma ameaça à pureza de

quem dele se aproxima e se considera puro. Aqueles que praticam outras religiões que não o hinduísmo, como os cristãos e os muçulmanos, também são vistos como impuros e, portanto, como uma ameaça à própria ordem social assentada na divisão em castas.

Numa sociedade como essa, presidida pela ideia de pureza, a vigilância sobre os corpos, sobre as práticas sexuais e o matrimônio é muito restrita. A forma considerada mais íntima de contato entre os corpos humanos é o ato sexual, que pode ter como consequência o nascimento de um outro corpo fruto da mistura, do mestiçamento entre os corpos dos progenitores. Desde as formas mais simples de organização dos grupos humanos regras foram estabelecidas para definir quais corpos eram permitidos e quais eram proibidos na hora de se gerar descendência. Os sistemas de parentesco foram considerados unanimemente pelos etnólogos e antropólogos como estruturas nucleares na organização de qualquer agrupamento humano, em qualquer cultura humana. Nesses sistemas de parentesco, quase sempre, não havia e não há lugar para o estrangeiro, para o corpo estranho, visto como uma ameaça, notadamente o corpo masculino, que podia ou pode vir a se tornar um raptor das mulheres do grupo. Ao mesmo tempo em que o corpo estranho pode ser visto como sedutor, como passível inclusive de rapto ou estupro, ele amedronta por estar alheio, por não estar previsto nas regras e códigos culturais que regem o intercuro e as relações entre os corpos femininos e masculinos, os grupos etários e que normatizam as atividades sexuais. O medo da mistura dos corpos e do sangue sempre esteve presente nas comunidades humanas e costuma ser um dos motivos para o medo e rejeição em relação ao estrangeiro, um dos causadores do sentimento de xenofobia.

Uma das tensões que atravessam muitas das sociedades contemporâneas e que é responsável por demonstrações de xenofobia são, justamente, os casamentos interétnicos e interculturais. É como se as sociedades multiculturais e multirraciais contemporâneas estivessem confrontadas com a falência de seus sistemas de parentesco, baseados numa pretensa exclusividade racial e cultural. O filme do diretor

francês Philippe de Chauveron, que no Brasil foi exibido com o título de *Que mal eu fiz a Deus*, aborda de uma forma bem-humorada o que parece ser uma verdadeira ameaça às sociedades e às culturas ocidentais, ou seja, a desorganização do sistema de parentesco, dos códigos que costumavam reger as escolhas matrimoniais e sexuais em sociedades como a francesa. O filme conta o que seria a tragicomédia vivida por um casal de classe média francês, branco, conservador politicamente, pois admiradores do General Charles de Gaulle, expressando preconceito racial e traços de xenofobia, que veem suas quatro filhas casarem com descendentes de estrangeiros, filhos de imigrantes radicados na França. As quatro filhas da família Verneuil resolvem se casar com um judeu, um árabe, um africano e um chinês. Nos encontros familiares torna-se inevitável a emergência de situações de tensão, conflito e constrangimento quando os estereótipos que marcam cada um desses grupos, na sociedade francesa, e no Ocidente, são propositadamente ou não expressos e utilizados. Durante todo o filme, fica clara a impressão de que a mistura desses corpos tão diferentes, a mestiçagem racial e cultural que implicam, pode ser vista como uma ameaça à sociedade francesa, à própria existência dos franceses com o que seria a sua particularidade, a sua singularidade racial e cultural. O nascimento de crianças que não partilham do fentipo atribuído aos franceses, que possuem uma aparência exótica, tende a ser lida a partir da ideia de que misturas raciais indesejáveis estariam ameaçando de morte a própria existência do povo francês. A extrema-direita francesa tem se utilizado de fatos como a presença majoritária de jogadores negros e de descendência árabe na seleção de futebol do país para denunciar o que seria o desaparecimento dos verdadeiros franceses. Embora as culturas ocidentais contemporâneas não se caracterizem explicitamente pelo uso de noções como pureza e impureza, muito estigmatizadas após o racismo de Estado nazista, elas não deixam de atuar inconscientemente ou subliminarmente em muitas das atitudes e comportamentos quando os ocidentais se deparam com corpos e culturas estrangeiros. O estrangeiro seria um agente de contaminação do sangue francês, de seu depauperamento e de sua degeneração, ideias que estiveram presentes explicitamente

nos discursos racialistas, predominantes no século XIX, mas que sobrevivem no cotidiano, nas atitudes comezinhas dos homens e mulheres ocidentais.

As noções de pureza e impureza, a ideia de poluição provocada pelo contato com um corpo impuro é nuclear entre os povos judeus e muçulmanos e é um dos elementos que explicam a xenofobia e rejeição que esses povos alimentam, notadamente aqueles seguidores de versões mais radicais do islamismo, em relação aos povos ocidentais. No Alcorão, assim como na Bíblia, existem não apenas seres humanos, mas animais, alimentos, que são considerados impuros, que não devem ser tocados, nem mesmo o cadáver, ou ingeridos, como os animais de casco fendido e que não ruminam, como é o caso dos porcos. A preocupação em se manter puro é cotidiana para todo aquele que professa a religião islâmica, e isso exige um cuidado constante com o que se alimenta, mas também com quem e como se pratica o sexo. A homossexualidade chega a ser punida com a pena de morte em alguns países islâmicos por ser considerada uma atividade sexual impura, que macula e polui o corpo daquele que a pratica, notadamente no papel passivo. Como o estado de pureza nunca é permanente, ela se perde constantemente, essa busca por ser puro pode resultar em atitudes obsessivas, paranoicas, e levar a comportamentos reativos e agressivos. Quem se define pela pureza tende a temer a aproximação de todo aquele que possa trazer o contágio, a mácula, a sujeira. Embora, em grande medida, esse ato de purificação seja metafísico, tenha a ver com a vida espiritual, com a manutenção de uma alma sem mácula, isso implica um rígido controle sobre o corpo, uma desconfiança e medo de seus desejos, uma recusa de se entregar aos prazeres carniais, uma ascese corporal que o coloque a serviço da purificação da alma.

Tanto os judeus como os muçulmanos, notadamente os mais ortodoxos, estabelecem regras de controle rigorosas em relação ao casamento, à constituição da família e a vida sexual, notadamente das mulheres. Sendo sociedades patriarcais e marcadas por uma forte misoginia, a maioria das comunidades judaicas e islâmicas tem difi-

culdade em aceitarem os costumes das sociedades ocidentais, notadamente daquelas mais marcadas pelas ideias feministas. Tendem a ver os ocidentais como pecadores e depravados, como imorais, como impuros. O próprio fato de que os corpos exóticos de árabes e africanos tendem a ser fetichizados como objetos sexuais em toda a produção cultural do ocidente, um traço marcante daquilo que o intelectual palestino-americano Edward Said chamou de orientalismo — o conjunto de imagens e de enunciados que vieram a compor um dado modo de ver e dizer o que seria o oriente e o oriental, elaborados por toda uma produção literária e artística europeia — reforça essa imagem de desregramento dos corpos, de caos e mistura dos corpos por parte dos ocidentais. Basta ver como o corpo árabe é um fetiche em toda a indústria pornográfica francesa, da mesma forma que o corpo afrodescendente o é na indústria pornográfica norte-americana e brasileira. O mesmo corpo que gera rejeição gera atração, a diferença atrai e produz medo, o medo nasce do próprio desejo, a rejeição nasce da própria atração que não pode ser aceita ou admitida. Da mesma forma que o Ocidente, a partir da existência de dados culturais presentes em algumas sociedades muçulmanas, como a permissão para a poligamia masculina e a existência de haréns a serviço de homens pertencentes à nobreza, construiu a imagem de um oriental promíscuo e portador de uma sexualidade agressiva e aberrante, a produção cultural islâmica não deixa de construir a imagem de homens e mulheres ocidentais como depravados e amorais. A charge, recentemente publicada pelo jornal satírico francês *Charles Hebdo*, que teve vários de seus cartunistas assassinados em ataque terrorista promovido por grupos radicais islâmicos, por ter publicado uma charge, considerada desrespeitosa, do profeta Maomé, explicita a xenofobia e o racismo presente nessa publicação de jornalistas que se definem como de esquerda: nela, o menino sírio que apareceu morto numa praia turca aparece crescendo e correndo atrás de uma mulher ocidental para molestá-la sexualmente. A charge afirma que o menino sírio, se tivesse sobrevivido e permanecido na Europa, agiria como alguns grupos de árabes e africanos teriam agido, segundo acusações que bem podem ter conteúdo xenófobo e racista, na cidade de Colônia, na Alemanha,

na noite de réveillon, agredindo e molestado sexualmente mulheres europeias. Em todos estes episódios, vemos em atuação o medo, o pânico do contato, da mistura com o estrangeiro, notadamente a mistura provocada pelo contato sexual, o medo da poluição provocada pelo contato e pela mistura com o corpo impuro, com o corpo portador de mácula.

Não foi por mera coincidência que o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre fez um elogio à colonização portuguesa por ela ter permitido e, segundo ele, se baseado e promovido o que chamou de mestiçagem, por não ter adotado o exclusivismo de raça. Ele tomou esse elemento para valorizar o colonizador português porque o mais comum foi, pelo menos oficialmente, o que sempre foi muito mais difícil de se manter na prática cotidiana, que os colonos fossem proibidos de manter relações e, principalmente, de realizarem casamentos com os povos colonizados, com os nativos. O regime de *apartheid*, que prevaleceu na África do Sul entre os anos de 1948 e 1994, foi uma herança deixada pela colonização desse território por ingleses e holandeses. A segregação racial oficial, adotada quando da independência do país, pelo Partido Nacional, era uma herança do racismo e xenofobia da colonização europeia, que proibia os casamentos mistos e mesmo a convivência e frequência dos mesmos espaços por corpos considerados estranhos e inferiores. As teorias raciais, que sustentaram e justificaram as práticas colonialistas dos países europeus, não deixam de ter repercussão, ainda hoje, quando pessoas provenientes das antigas colônias buscam imigrar ou se refugiar nas antigas metrópoles. As hierarquias e preconceitos raciais, que balizavam as relações entre colonizadores e colonos continuam, em grande medida, balizando as relações entre os imigrantes vindos dos países da África e da Ásia, e mesmo da América Latina, para os países europeus. Essas teorias raciais afirmavam, explicitamente, a existência de uma raça superior, a raça branca, que poderia sofrer um processo de degenerescência ao ser cruzada com as raças inferiores: a raça amarela e a negra. Pensadores como o psiquiatra, higienista, médico e criminologista italiano Cesare Lombroso atribuíram às misturas raciais o nascimento de seres degenerados, com tendên-

cias criminosas, portando o que chamava de "taras atávicas", ou seja, tendências a comportamentos antissociais que seriam transmitidos hereditariamente. Os cruzamentos com raças inferiores dariam origem a seres tendentes a regredir a estágios anteriores na evolução da espécie humana. Essas teses que nasceram da utilização inadequada das ideias de Charles Darwin acerca da evolução das espécies para pensar questões sociais e culturais como a prostituição, a loucura, a criminalidade, a homossexualidade, o alcoolismo, terminou por criar uma hierarquia entre corpos e alimentar a suspeição em torno das misturas raciais, sociais e culturais. Muitas atitudes xenófobas presentes no mundo contemporâneo ainda estão ligadas, muitas vezes inconscientemente, a esse conjunto de ideias construídas em torno da noção de raça e, principalmente, em torno de noções como degenerescência e hereditariedade regressiva, o que induz ao medo e à rejeição às misturas de qualquer tipo, mas principalmente de natureza corporal, sexual com povos estrangeiros. Grande parte da histeria xenófoba que vemos emergir, em certos países, tem como um dos elementos o medo do contato, da contaminação, da degenerescência, do adoecimento e da morte, seja individual, seja coletivamente como sociedades, devido à presença de estrangeiros em suas cidades, em seus bairros, nas suas ruas, frequentado os mesmos espaços dos nacionais. Lugares de aglomeração, de frequentação, de encontro de estrangeiros são alvo de perseguição policial, de denúncia dos vizinhos, de violência por parte de grupos organizados, racistas e xenófobos. Esses lugares são tomados como se fossem um foco de contaminação, lugares que seriam uma espécie de sujeira na cidade, lugares de imundície, lugares fétidos, por aglomerarem corpos, secreções corporais, hálitos e cheiros provenientes de corpos sujos, impuros, abjetos, aos quais se devota repulsa, nojo e aversão. Evitar passar por esses lugares, evitar se misturar com essa gente, evitar topar e se esfregar com e nessas pessoas são atitudes comumente indicadas e adotadas por quem se considera superior somente pelo fato de ser um nacional, de não ser um estrangeiro. Não desejar e mostrar ser indesejável a mistura com estrangeiros.

5

EVITANDO CONTATOS

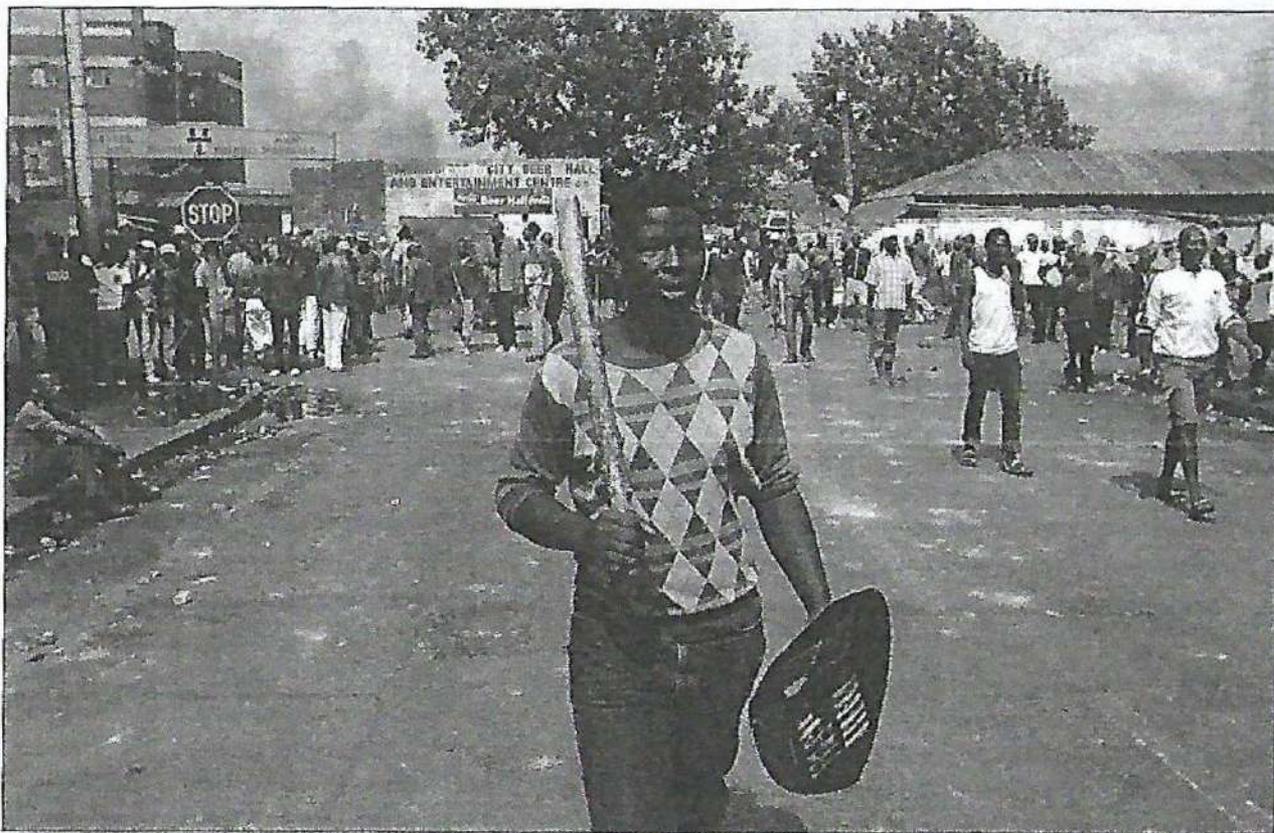


Foto: Siphiwe Sibeko.
Foto autorizada pelo LatinStock/Reuters, 17/04/2015.

Homem portando escudo e bastão tribal nos ataques em Johannesburg, na África do Sul.

Março de 2015, Goodwill Zweletine, rei dos Zulus, tribo e grupo étnico majoritário na África do Sul, ao qual pertence o presidente Jacob Zuma, que foi um dos povos mais perseguidos quando da adoção do regime de *apartheid* pela minoria branca do país, vem a público avisar que todos os estrangeiros devem fazer as malas e voltar para o lugar de onde vieram. Após sua declaração pública, grupos armados de paus, pedras, machadinhas, facões, passaram a percorrer as ruas de Durban, cidade costeira da província de Kwazulu-Natal, onde vivem cerca de dez milhões de zulus, pilhando lojas pertencentes a imigrantes, queimando veículos, atacando, ferindo e matando estrangeiros. Os ataques xenófobos espalharam-se por outras regiões do país chegando a Joanesburgo, uma das maiores cidades do país, situada ao norte de Durban, na província de Gauteng. A violência dirigiu-se principalmente a imigrantes negros. Em um mês, calcula-se que os distúrbios xenófobos tenham matado pelo menos cinco pessoas, deixado centenas de feridos e provocado o deslocamento e fuga de cerca de cinco mil pessoas, que buscaram refúgio contra as agressões em igrejas, mesquitas e espaços públicos. As vítimas da violência provêm de países como Somália, Congo, Zimbábue, Nigéria, Tanzânia e Moçambique. Perplexo, o Mahala, um site sul-africano, se perguntava por que os zulus estariam matando negros como eles, pessoas com sua mesma cor de pele.

Como podemos ver, a xenofobia não é motivada apenas por racismo, por preconceitos de cunho racial, não é exclusividade de países ocidentais, não ocorre apenas em países ricos e com pretensas

maiorias brancas. Um dos elementos que motivaram os ataques xenófobos na África do Sul, e que gostaria de discutir nesse capítulo, é a rejeição aos contatos culturais, o medo da perda da identidade cultural pela convivência e aproximação com grupos culturalmente diferentes/mesmo que esses pertençam a etnias que possuem a mesma cor de pele. Por mais contraditório que possa parecer, a xenofobia entre a comunidade zulu provém, em grande medida, do isolamento cultural e do investimento que ela teve que fazer no reforço defensivo de suas tradições culturais diante da discriminação racial, jurídica e cultural de que foi objeto por parte das minorias brancas que governaram o país. O aferrar-se a seus traços culturais foi uma das formas que assumiu a resistência à discriminação e às agressões racistas de que foram objeto, desde que os colonizadores europeus ocuparam parte de seus territórios. As tribos zulus eram comunidades em que a guerra desempenhava um papel estruturante em seu cotidiano e em sua cultura. Elas habitavam o sul da África, nos territórios que hoje correspondem a países como a África do Sul, Lesoto, Suazilândia, Zimbábue e Moçambique. Desse passado guerreiro, os zulus herdaram a hostilidade e a rejeição a outras etnias e grupos tribais que habitavam as regiões limítrofes aos seus territórios, que hoje compõem os países vizinhos à África do Sul e de onde provém parte dos imigrantes que chegam àquele país. É muito significativo que, embora sendo o presidente da república um zulu, tenha partido de uma autoridade tradicional, o rei das tribos, e não dessa autoridade moderna, que se apressou em condenar os ataques e atribuir-lhes a marginais, a conclamação para o ataque, para a expulsão dos estrangeiros do seu território. Como em vários países do continente africano, na África do Sul, a organização política moderna em termos de nacionalidade, uma herança deixada pelos colonizadores europeus, tem que conviver com outras formas de organização política e social tradicional, como a organização por tribos e o reconhecimento social definido pelo pertencimento não ao país mas a um dado grupo étnico e cultural, a dadas famílias ou grupos clânicos. Numa sociedade multiétnica e multicultural, como é a África do Sul, uma sociedade complexa e atravessada por profundos contrastes, onde-realidades

que parecem pertencer a temporalidades bastante diversas convivem, as tensões de caráter cultural são muito intensas.

Há uma profunda diferença, por exemplo, no interior das grandes cidades do país entre as regiões habitadas pelas minorias brancas ou mesmo pela classe média negra, de descendência asiática e as periferias onde ainda vive grande parte da população negra, inclusive os zulus que migraram do campo e abandonaram suas formas tradicionais de vida. Muitos dos distúrbios xenófobos mobilizaram essa população periférica, por motivos como a miséria, a disputa pelo mercado de trabalho, mas também porque elas reacendem antigas hostilidades entre zulus e não zulus. A existência de um rei zulu, que ainda exerce grande ascendência sobre toda a comunidade, em certos casos, mais do que o próprio presidente do país, demonstra o apego dos zulus à memória de quando, no ano de 1816, eles formaram um poderoso Estado, após derrotar e subordinar muitos dos povos que hoje migram para a África do Sul e vêm disputar com eles espaço no mercado de trabalho, na moradia, no acesso a serviços públicos. Sob o comando do rei Shaka, o Estado zulu se consolidou, vindo a durar por grande parte do século XIX, até o ano de 1879, quando os britânicos os atacaram e, após um ano de lutas, os subordinaram. É muito significativo que se possa ver, nas fotos que foram feitas dos ataques xenófobos, muitos zulus pintados para a guerra, portando bastões e escudos tribais, instrumentos tradicionais usados nas batalhas. Se o bastão indica a hostilidade que se tem ao estrangeiro, no escudo bem se poderia ver uma atitude de defesa contra a desestruturação cultural que os zulus vêm sofrendo, não apenas pelo contato com os estrangeiros, mas ocasionada pela modernização do país, pela urbanização e ocidentalização de grande parte da população. Os ataques xenófobos, incitados por uma autoridade tradicional, sustentada e legitimada por valores culturais ameaçados de desaparecimento pelas mudanças porque vem passando o país, podem ser interpretados como uma desesperada tentativa de conter essas mudanças que vêm desorganizando e destruindo esse universo cultural. Os estrangeiros, na verdade, assumem o papel de bode expiatório diante de um sentimento de desenraizamento que toma conta de boa parte da juventude zulu.

A perda das referências culturais por parte de um grupo humano pode gerar não apenas reações violentas e extremadas de ataque àqueles que possam ser considerados os responsáveis por essa perda de coordenadas culturais, mas também pode levar a sentimentos de desorientação, alienação e desespero. Como o mundo humano, como a vida humana é culturalmente organizada, a perda de referências culturais assemelha-se à perda do chão em que se pisa, aquilo que os filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari chamaram de desterritorialização, que pode ser vista e considerada como uma ameaça à própria vida. Muitos grupos humanos que foram ou são arrancados violentamente de seu universo cultural ou que, por algum evento natural ou histórico, vêem seu universo de crenças, valores e costumes ser profundamente contrariado ou abalado, podem adotar tanto uma atitude de agressão em relação ao outro, visto como estranho, como detonador dessas mudanças, como podem adotar atitudes de autoagressão, até de autoimolação, entregando-se ao suicídio ou ao sacrifício coletivo. A perda dos sentidos que sustentavam a vida pode equivaler à morte, pode não deixar outra alternativa a não ser o morrer, embora o matar também possa aparecer como uma saída. As narrativas feitas pelos espanhóis da vitória sobre o Império Asteca relatam como grupos inteiros de indígenas suicidavam-se à medida que julgavam que seus deuses os haviam abandonado ou traído, quando se viram diante da catástrofe militar e cultural que suas narrativas míticas não previam ou davam lugar. Em 2013, cerca de setenta e três índios se suicidaram no Mato Grosso do Sul, por terem seu estilo de vida, por terem seu cotidiano, a transmissão e preservação de seus valores culturais completamente inviabilizados pela expansão sistemática do agronegócio, que sitia e reduz suas terras, além de ameaçar, muitas vezes, suas próprias vidas. O que mais chama a atenção é que, assim como na África do Sul foram principalmente os jovens que saíram às ruas para cometerem agressões xenófobas, a maioria dos índios que se suicidam no Brasil são jovens. Uma liderança dos índios guarani-kaiowá, etnia que tem assistido ao suicídio de meninos e meninas de doze, treze e quinze anos, explicou dessa maneira esses acontecimentos, explicação que vai na esteira do que

venho discutindo neste capítulo: "os jovens escolhem morrer porque na verdade já estão mortos por dentro". A perda das referências culturais causa a perda do próprio interesse pela vida, que é justificada, explicada, significada e motivada por um universo cultural que se vê impossibilitado de se reproduzir. Esses jovens pertencem a uma cultura profundamente desprestigiada e discriminada pela sociedade envolvente, eles são levados a se envergonhar de quem são, de pertencer ao grupo étnico e cultural a que pertencem, eles veem como horizonte de suas vidas o despreço, o desprestígio, a subordinação, por isso resolvem morrer. Eles vivem a situação de possuírem um passado que não serve mais como apoio para suas vidas, nada ele tem mais a ensinar, pois esse passado é apontado pela sociedade inclusiva como algo que efetivamente passou e deve ser deixado para trás, eles são, muitas vezes, levados a se envergonhar desse passado; por outro lado, eles não veem à frente nenhum futuro, pois esse se afigura como uma terra de ninguém, um estranho absoluto, já que não pode carregar para esse futuro nenhuma das referências que os sustenta, os explica e constituem seu próprio ser. É como dar um salto no escuro. Emparedados em um presente de penúria, violência física e simbólica, esses garotos resolvem escolher a morte, pois como seres culturais que são, para a sociedade nacional já estão ou deveriam estar mortos, pois suas culturas simbolizam o passado, o atraso, o arcaico, o primitivo, o incivilizado, aquilo que deveria ter sido sepultado no passado. Como mortos vivos, eles preferem morrer.

Se não podemos utilizar o conceito de xenofobia para nomear a situação de discriminação e preconceito que sofrem os indígenas no Brasil, pois eles não podem e não são vistos como estrangeiros. O exemplo citado das mortes por suicídio de índios no país ajuda-nos a explicar esse aspecto importante quando vamos analisar as manifestações xenófobas ocorridas em várias partes do planeta: o medo e a rejeição ao estrangeiro por ele ser responsabilizado ou ser visto como uma ameaça de perda de identidade cultural por parte da sociedade ou grupo de recepção. Da mesma forma que a xenofobia nasce do medo e rejeição às misturas raciais, ela também provém do medo e rejeição às mestiçagens culturais. As rápidas mudanças no

campo dos valores, dos costumes, dos hábitos, dos modos e maneiras de viver, trazidas pelo maior contato entre as diversas culturas, proporcionadas pelos avanços nos meios de comunicação e transporte, pelos deslocamentos de grandes massas populacionais que vagam pelo mundo em busca da sobrevivência física e material, pelo chamado processo de globalização, tem como contrapartida uma maior insegurança no que tange à permanência e validade de dados códigos culturais, de dadas maneiras de ver, dizer e viver o mundo. A insegurança existencial, que já é grande para muitos grupos afundados na miséria, envolvidos em guerras e lutas civis, tribais, religiosas, afetados por epidemias e endemias de variada natureza, acentua-se à medida que esses grupos são confrontados com outros, vindos de outras partes, deslocados em busca da melhoria ou da mera preservação da vida, trazendo maneiras de viver que se distinguem e, por isso, podem ser vistas como ameaçadoras da integridade cultural do grupo receptor. Num mundo de valores mais lábeis, a sensação de insegurança pode levar a que dados grupos, como os zulus, os judeus ortodoxos ou grupos extremistas islâmicos, passem a ser aferrar dogmaticamente a valores definidos e vistos como tradicionais e a recusar, como ameaça, todo aquele que discorda ou questiona esses códigos culturais.

Tanto na Europa como nos Estados Unidos, o tema da ameaça aos valores ocidentais ou nacionais é um dos motes privilegiados dos discursos de grupos conservadores e de extrema-direita, que tem mobilizado cada vez maior número de pessoas e alimentado atitudes e agressões de cariz xenófobo. O candidato às prévias que indicarão quem concorrerá à presidência da República dos Estados Unidos pelo Partido Republicano, o milionário Donald Trump se utilizou desse tipo de discurso para propor a construção de um muro na fronteira entre o México e os Estados Unidos. Segundo Trump, em declarações que causaram polêmica entre os próprios republicanos, o México enviaria aos Estados Unidos apenas traficantes, criminosos e estupradores. Os latinos se constituiriam num problema à medida que se negariam a incorporar o modo de vida americano, muitos sequer aprenderiam a língua inglesa, trazendo para o país costumes e valores

incompatíveis com as tradições nacionais. Na França, o partido de direita, Frente Nacional, que venceu as últimas eleições regionais, vem usando, entre outros argumentos, o de que a cultura francesa, que representava o ápice da própria civilização ocidental, está ameaçada de se perder, de ser subvertida e adulterada pela presença crescente de grupos pertencentes a outras culturas, professando valores, crenças, vivendo conforme tradições que não seriam as ocidentais e nacionais. Em seus discursos, a líder do Partido Jean Marie Le Pen, tem utilizado um bordão que é muito significativo para o que estamos discutindo neste capítulo: "Nós sabemos o que somos".

Talvez mais do que uma certeza, esse bordão parece remeter a uma situação de insegurança ou de medo de não se saber mais quem se é. Se é preciso afirmar todo o tempo que se sabe quem se é pode ser que seja justamente por não se saber mais tão seguramente de que se está se tratando. Esse parece ser um bordão que mostra como setores da sociedade francesa se sentem ameaçados de perda de identidade, de perda do próprio ser francês. A xenofobia contemporânea parece ter como um de seus componentes a angústia, a ansiedade causada por identidades culturais e nacionais cada vez mais precárias, cada vez mais sujeitas ao contato cotidiano com outras culturas e identidades, identidades culturais permanentemente questionadas pela presença de códigos culturais divergentes. Ela é causada pelo reforço defensivo e agressivo de certos traços culturais, de dados valores e costumes, pela busca, inclusive, em casos extremos, da eliminação das diferenças e dos diferentes que incomodam e surgem como ameaça.

Não se trata de mera coincidência que a presença de um estrangeiro, com sua diferença cultural, e a possível reação de xenofobia, seja mais notada nas pequenas cidades, nas comunidades interioranas, rurais ou suburbanas. Se encontramos reações de xenofobia em grandes metrópoles, elas são mais esporádicas e difusas, pela própria possibilidade de anonimato que oferecem ao estrangeiro que nelas chega. Na França, assim como na Alemanha, o crescimento do eleitorado de direita, representado tanto pela Frente Nacional de Jean Marie Le Pens, como pelo Partido Republicano de Nicolas Sarkozy,

deu-se mais nas regiões onde o eleitorado vive, em grande maioria, em cidades menores e em comunidades rurais, algumas delas muito impactadas pela presença dos imigrantes como as do Nord-Pais de Calais-Picardie. As pequenas cidades ou comunidades rurais, pelo maior isolamento, podem manter, por mais tempo, dados costumes, valores, modos de viver. Elas tendem a ser mais conservadoras, justamente por permitirem e exigirem a manutenção de regras e códigos morais, de costumes e valores, de hábitos e modos de pensar e viver, de maneira mais estrita e por um maior tempo. Ao chegar em uma aglomeração humana de pequenas dimensões, um estrangeiro chama imediatamente a atenção, por destoar dos costumes e hábitos locais. Sua língua ou sotaque distinto, suas roupas e adereços, sua maneira de ser, de se comportar, seus hábitos e, inclusive, sua cor tendem a, imediatamente, chamarem a atenção. Sendo um indivíduo ou uma família isolada, após um período de estranhamento ou de evitação desconfiada, mecanismos de assimilação são colocados para funcionar e tentar domar aquela diferença; mas quando o número de estrangeiros ameaça por fazer naufragar os próprios mecanismos de integração e adaptação, e os habitantes locais sentem-se ameaçados de serem tragados pelo que podem ver como sendo uma avalanche estrangeira, o fechamento, a recusa e a própria agressividade dessa comunidade pode se acentuar, chegando à violência direta, no sentido de expulsar o perigo.

A maioria das culturas humanas é marcada por concepções religiosas e filosóficas de caráter dualista ou maniqueísta. A maioria delas opera a partir da lógica da identidade, em que a diferença é pensada como algo externo ao ser mesmo que se diz idêntico. A exclusão da possibilidade da existência de um terceiro termo incluído, como denomina o filósofo francês Michel Serres, dificulta que dadas culturas lidem com o diferente, com o mestiço, biológico e cultural, como fazendo parte de seu próprio ser enquanto cultura. O maniqueísmo instaura a divisão binária entre polos que tendem a representar valores opostos, a ter valias antagônicas: um representa o bem e o outro o mal, um representa o certo e o outro o errado, um representa o verdadeiro e outro o falso, um representa o divino e o outro

o diabólico, um representa a beleza e o outro a feiura, um representa a limpeza e o outro a sujeira, um representa propriamente o humano e o outro a inumanidade ou a animalidade, e assim sucessivamente. Quando culturas atravessadas por concepções binárias ou maniqueístas são confrontadas com a presença de um outro, de um estranho, de um diverso, de um diferente do ponto de vista cultural, tende a alojá-lo no máximo num lugar de gradação na escala que leva ao que considera o oposto de si mesma, ou seja, tende a medi-lo e classificá-lo a partir da distância que teria de si e da proximidade que guardaria com seu oposto. Um estrangeiro tende a ser medido a partir do grau de proximidade e distanciamento que ele está do mal, do erro, do falso, do diabólico, do feio, do sujo, do animal etc. A lógica da identidade cobra de saída que o estrangeiro seja aquilo que ele não pode ser, pelo menos à primeira vista ou num primeiro momento: idêntico culturalmente às pessoas da sociedade a que chega. O pensamento identitário tende a expulsar a diferença, ou o diferente, como algo que constitui uma anomalia, ou um mal funcionamento do próprio mundo. O estrangeiro que tende a viver uma situação de fragilidade e insegurança assim que chega a uma cultura diferente, por não dominar as regras e os códigos, inclusive linguísticos, que definem aquela cultura e aquela sociedade que o recebe, vivendo uma situação que o sociólogo francês Émile Durkheim nomeou de anomia, se vê pressionado, cobrado, quando não hostilizado para que assuma imediatamente os modos de vida e partilhe da identidade do grupo, da sociedade receptora.

O pensamento identitário tende a levar à intolerância com o diferente pois esse aparece como uma ameaça de destruição da própria identidade, que precisa produzir e reproduzir sempre o semelhante. O que ocorre nas sociedades modernas, notadamente no Ocidente, é que a própria juventude tendeu a se tornar uma época de conflitos e de insegurança quanto à identidade, já que, como as mudanças culturais se dão de forma muito rápida e intensa, os códigos de conduta e os valores e ideias que regeram a vida dos pais, que têm legitimidade e validade para eles, tendem a não mais ser aceitas ou vistas como adequadas pelos filhos. Uma juventude que já se vê, muitas

vezes, em momentos de crise econômica, como a que vive agora a Europa e os Estados Unidos, sem perspectivas, sem saber a que regras seguir, a que valores se apegar, já que aqueles transmitidos por seus pais parecem ser o motivo do fracasso que vivenciam, podem tanto vir a se deixar fascinar por códigos e valores culturais provenientes de culturas exóticas, com as quais entra em contato, como tem ocorrido com jovens europeus que se convertem ao islamismo mais radical, como podem, pelo contrário, adotar posturas agressivas e violentas contra aqueles que deles são diferentes, como os grupos neonazistas, os *skinheads*, que crescem em número na Europa, que se apoiam em fantasias de pureza racial e cultural.

A fantasia de pureza não atua apenas quando se trata de contatos inter-raciais, de misturas de sangues considerados diversos. Em vários momentos das sociedades ocidentais e também em outras partes do mundo operaram fantasias de pureza cultural. A xenofobia muitas vezes expressa-se de forma sutil e quase imperceptível, através dessas fantasias de pureza cultural, de discursos e práticas culturais que condenam a utilização ou a mistura de elementos culturais vindos do exterior. Em vários momentos do século passado, no Brasil, importantes intelectuais expressaram posições xenófobas ao defenderem um pretensão nacionalismo cultural, como se as culturas humanas efetivamente obedecessem a fronteiras que são de caráter político. O elemento cultural estrangeiro foi visto como destruidor e agente de desvirtuamento e dissolução de uma pretensa cultura nacional, quando não a impossibilitaria de se efetivar. Sendo um país formado pela mistura de inúmeras culturas, tanto de matriz indígena, africana, quanto europeia ou asiática, tendo uma população formada, em sua maioria, por populações que migraram ou foram transplantadas de outras terras e trazendo outros hábitos, costumes, tradições, passou-se a procurar, na própria mistura, na própria mestiçagem, a possível identidade cultural do país. O sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, por exemplo, fez da mestiçagem e da miscigenação racial e cultural o próprio cerne da identidade nacional, quando procurar no diverso o idêntico, quando procurar no mestiço o semelhante é uma contradição, uma impossibilidade, seria o mesmo que afirmar, estranhamente, que

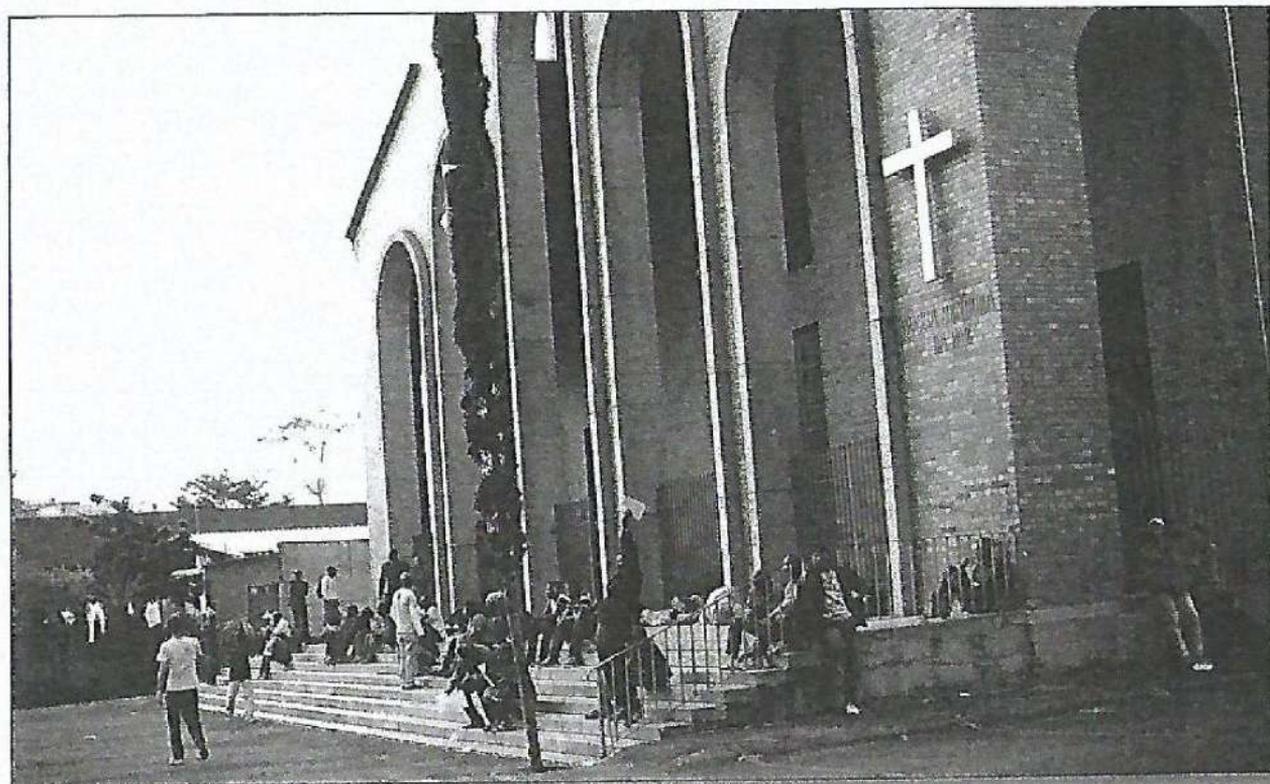
o que nos daria identidade era não termos identidade alguma. O jornalista, pesquisador e crítico musical paulista, José Ramos Tinhorão, ficou famoso por suas diatribes xenófobas contra a presença do que seriam influências deletérias da música estrangeira no Brasil. Sua antipatia em relação à bossa-nova, ao tropicalismo e ao iê-iê-iê nascia de sua busca das pretensas raízes nacionais da música brasileira que, estranhamente, e não poderia ser diferente, vai encontrar em manifestações musicais vindas de Portugal e da África. Em 17 de junho de 1967, foi realizada, em São Paulo, uma passeata em defesa da Música Popular Brasileira, que ficou conhecida como a "Passeata contra a Guitarra Elétrica", saindo do Largo do São Francisco e se deslocando até o Teatro Paramount (nome totalmente nacional!) na rua Brigadeiro Luís Antônio (uma passeata bem típica desses tempos, realizada entre o santo e o brigadeiro!) um dos episódios mais risíveis da história da música brasileira e, ao mesmo tempo, mais significativos de como o golpe militar, ocorrido em 1964, tinha sido possível porque existiam grupos sociais profundamente conservadores no país, mesmo entre aqueles que faziam parte da classe artística e que não apoiavam a ditadura. Na passeata, artistas de renome, como Zé Keti, Geraldo Vandré (o compositor revolucionário da música *Para não dizer que não falei de flores*), Edu Lobo, MPB-4, até o tropicalista Gilberto Gil, liderados por Elis Regina, realizavam uma defesa do violão (pretensamente um instrumento nacional) contra a ameaça estrangeira e invasora da guitarra. Nara Leão, que não quis participar do evento por não concordar com ele, assistiu a passeata ao lado de Caetano Veloso, da janela de um quarto do Hotel Danúbio, e comentou que "ela mais parecia com uma manifestação integralista".

Ficaram famosas as falas xenófobas do escritor e teatrólogo paraibano Ariano Suassuna, que vivia a denunciar os perigos da Coca-Cola, do uso de expressões em língua estrangeira como *coffee-break*, além de ter pautado sua atuação como gestor público na área da cultura, quando foi Secretário de Cultura de Pernambuco, no governo de Miguel Arraes, entre 1994-1998, pela recusa em apoiar manifestações culturais que seriam marcadas por influências estrangeiras. Sua xenofobia cultural o fez não dar importância e não apoiar um

dos mais vigorosos e criativos movimentos culturais surgidos em Pernambuco, o chamado Mangue Beat, que misturava e mestiçava de maneira inovadora e engenhosa sonoridades ligadas a manifestações culturais populares do Estado como: as bandas de pífano, o maracatu, o caboclinho, a ciranda, o frevo, com sonoridades internacionais. Talvez o escritor Ariano Suassuna não tivesse em alta conta a capacidade do que chamava de cultura brasileira ou nacional, em resistir ao impacto de inovações culturais advindas do exterior. O xenófobo normalmente não tem em alta conta a capacidade que sua cultura tem em assimilar, inclusive, criativamente, em submeter à sua própria lógica, as informações culturais que chegam do estrangeiro. Embora a imposição cultural, ou o imperialismo cultural, deva ser denunciada e combatida, assim como a própria postura colonizada de parcela de nossas elites, que tendem a considerar o estrangeiro sempre superior e melhor, isso não significa adotar posturas xenófobas, advogando um possível fechamento da dita cultura nacional a influxos externos. Isso é simplesmente impossível, nenhuma cultura humana consegue estar completamente isenta de influências e impactos externos. O elemento estranho, quando bem utilizado, deglutido antropofagicamente, pode vir a enriquecer e renovar uma dada configuração cultural. A postura xenófoba é nuclearmente conservadora, ela expõe o medo que se tem do contato com o estranho, com o estrangeiro, ou seja, com o novo, com o diferente. Ela, se levada às últimas consequências, pode originar uma cultura esclerosada, ossificada e anacrônica, incapaz de se adaptar às mudanças que a passagem do tempo requer. Abrir-se para o diferente, sem a ele se submeter e se subordinar, tratando-o em pé de igualdade, fugindo das fobias, dos medos que situações de estranhamento tendem a gerar, é um caminho para gerar o que se costuma nomear de cultura de paz, ou seja, posturas culturais menos agressivas e hostis em relação ao estrangeiro e suas manifestações culturais divergentes e diferentes, mais dispostas ao acolhimento e à integração.

6

PREDADORES



REUTERS/Naoh Dore.
Foto autorizada pela LatinStock/Reuters. 16/09/2015. 28/04/2014.

Imigrantes haitianos reunidos defronte igreja Nossa Senhora da Paz, no bairro do Glicério em São Paulo.

Noite do dia 01 de agosto de 2015. Um grupo de imigrantes haitianos se encontra em frente à Igreja do Glicério, na cidade de São Paulo, onde funciona a Missão de Paz, uma entidade ligada à Pastoral do Migrante, que oferece abrigo a quem migra para a cidade. Por volta das dezenove horas, um carro cinza se aproxima com quatro ocupantes. Do seu interior, um homem passa a insultá-los, aos gritos afirma que eles “estariam roubando o emprego dos brasileiros” e que deveriam “voltar para o país deles”. Em seguida, efetuam vários disparos de arma de fogo contendo balas de chumbinho, deixando cinco homens e uma mulher feridos nas pernas e nos quadris. Relata-se que os haitianos teriam sofrido três ataques no intervalo de uma hora e meia, em frente à igreja e em rua próxima. Gregory Delarus, uma das vítimas do atentado, estava no Brasil há três anos e três meses quando foi atingido pelos disparos. Tendo trinta e quatro anos e sendo formado em Ciências da Computação no Haiti, se conforma em exercer a atividade de auxiliar de materiais em uma obra de construção civil em São Paulo. Segundo denúncia da União Social dos Imigrantes Haitianos, outro crime com as mesmas características teria ocorrido em Curitiba, capital do Estado do Paraná, onde dois haitianos teriam sido atacados em plena rua por um homem armado, que antes de atirar teria gritado: “Rouba nossos empregos e ainda anda com um celular bacana desses”.

Estes casos de xenofobia ocorridos, recentemente, no Brasil, nos permitem discutir outro componente motivador desse sentimento de rejeição e até de agressão criminosa contra estrangeiros: a disputa por

bens e pelo mercado de trabalho. Nesses casos, o estrangeiro é visto como um predador, alguém que vem tomar ou roubar, que vem se apossar indevidamente de coisas ou de vagas de emprego, que pertenceriam exclusivamente aos nacionais. Embora esse tipo de xenofobia seja verificável em qualquer momento, ela se agudiza em situações de crise econômica, de crescimento do desemprego, que acarreta uma maior disputa no mercado de trabalho, uma redução das oportunidades de emprego e um rebaixamento generalizado dos salários. Quanto maior é a pobreza ou a miséria no interior das classes trabalhadoras de um dado país, maior é a possibilidade de se verificar reações individuais e, inclusive, coletivas de rechaço à entrada de imigrantes estrangeiros, de seu emprego nas atividades produtivas, nas atividades econômicas. Podemos dizer que esse tipo de reação xenófoba é majoritária entre os setores empobrecidos e no interior das classes trabalhadoras, que veem no imigrante um concorrente direto por vagas no mercado de trabalho e alguém que vem desapossá-los do pouco que poderiam ter: um emprego, um salário e os bens que esse poderia comprar. A imigração atua ampliando o que o filósofo alemão Karl Marx chamou de exército industrial de reserva, ou seja, amplia a quantidade de braços desocupados e disponíveis para serem utilizados pelas empresas, o que permite o rebaixamento geral da remuneração, do salário pago por dadas atividades. Daí, muitas vezes, as atitudes dúbias que a classe empresarial tende a ter diante da imigração, inclusive a ilegal: se por um lado não deixa de manifestar sentimentos de xenofobia, de despreço pelo estrangeiro, notadamente pelo imigrante pobre e de culturas distintas da sua, aproveita-se de sua presença para rebaixar os salários, além de utilizá-los para realizar as tarefas mais penosas, as atividades mais desqualificadas que, nos países centrais do capitalismo, o trabalhador local já não quer exercer. O imigrante ilegal, dada a sua situação de precariedade jurídica e social, é objeto de intensa exploração, podendo ser submetido, inclusive, a situações de trabalho análogas à de escravo. O próprio despreço xenófobo pode se manifestar nesse tratamento desumano que é oferecido ao trabalhador imigrante, no tipo de trabalho em que é empregado, nas condições de trabalho a que eles são submetidos.

O imigrante, em sua maioria, resolve abandonar seu lugar de origem dado o fato de que já não pode mais ali sobreviver ou permanecer. A miséria, a falta de trabalho, muitas vezes provocadas por guerras civis, conflitos étnicos, toda sorte de acontecimentos políticos e militares, que provocam o deslocamento massivo de populações que são obrigadas a abandonar o pouco que possuíam e colocam suas vidas em risco iminente de morte, torna o imigrante, notadamente aquele que ingressa ilegalmente em outro país, numa situação de absoluta fragilidade, levando a que, a maioria, esteja disposta a aceitar qualquer trabalho, nas mais precárias condições. Almejando apenas sobreviver, sendo, por estar ilegal, um ser juridicamente inexistente, o imigrante pode ser submetido a situações de extrema exploração e destituído de toda a sua condição humana. Ele pode vir a encarnar o trabalhador perfeito para o capitalismo, aquele que se vê reduzido à condição de ferramenta, de meio de produção, de mercadoria, de peça na grande engrenagem do processo de trabalho. Como já denunciava Karl Marx, no capitalismo tudo tende a assumir a condição de coisa, de objeto, a se tornar mero fator de produção. Os direitos adquiridos, após muitos anos de luta, por parte da classe operária no Ocidente, tendem a se contrapor, minimamente, à tendência de desumanização do homem que se assalaria. No caso do imigrante ilegal, desprovido desses direitos que garantem minimamente a condição humana do trabalhador, torna-se um mero instrumento de trabalho, que pode ser, inclusive, descartado a qualquer momento.

Enquanto para o capital e para o capitalista, que é sua encarnação, não existem fronteiras nacionais, a classe trabalhadora ainda está, em grande medida, capturada pela ideia de nacionalidade, ainda opera presa à lógica do espaço nacional. Enquanto o capital e o capitalista caminharam para a atual globalização, derrubando fronteiras e barreiras interpostas à sua circulação, usando para isso, se necessário, até a força militar, os trabalhadores e suas organizações sindicais e partidárias tenderam a ficar presas ao discurso nacionalista e ao espaço nacional. Embora, ainda no século XIX, se tenha esboçado um movimento internacional dos trabalhadores, sob a inspiração de socialistas e anarquistas, esse internacionalismo se viu sempre confron-

tado com a adesão maciça da classe operária ao nacionalismo e, como mostrará a adesão de parcela significativa dos trabalhadores a ideologias de extrema-direita, com forte discurso nacionalista, como o nazifascismo, com fortes conotações racistas e xenófobas. Enquanto os capitalistas, embora pudessem partilhar de visões preconceituosas e racistas em relação a determinados grupos de estrangeiros, até, por isso mesmo, nunca deixaram de abrir a porta de suas empresas para o imigrante estrangeiro, notadamente se esse pudesse lhe oferecer uma maior taxa de lucro, se ele pudesse, assim, rebaixar os níveis salariais e, com isso, confrontar, inclusive, o movimento operário e as reivindicações da classe trabalhadora nacional. Aferrados a uma visão nacionalista, os trabalhadores e suas organizações tenderam a reagir com desconfiança e até com aberta hostilidade à entrada de imigrantes nos países e sua contratação para ocupar vagas que deveriam ser de exclusivo direito dos trabalhadores locais. Ao gritar que os haitianos estariam roubando o emprego dos brasileiros, o agressor de imigrantes em São Paulo está operando com essa lógica da nacionalidade ou da exclusividade de direitos dos trabalhadores nacionais em relação ao mercado de trabalho do país. Esse acontecimento deixa claro como é ainda débil a percepção, entre os trabalhadores, de que o capital e o capitalismo não têm pátria e na hora de contratar um trabalhador a nacionalidade dele é o que menos importa, sendo muito mais decisivos suas habilidades, sua qualificação e a produtividade e lucro que poderá proporcionar.

O sociólogo Michel Simon, da Universidade de Lille, que estuda o comportamento político da classe operária francesa desde 1962, constata que em cinquenta anos a classe operária francesa se deslocou eleitoralmente da extrema-esquerda para a extrema-direita. De eleitores majoritariamente do Partido Comunista, os trabalhadores franceses passaram a apoiar hoje, em grande maioria, ao Partido Nacional, caracterizado por um discurso nacionalista, racista e xenófobo. Os operários somariam hoje, na França, cerca de seis milhões de pessoas, cerca de 23% da população ativa do país. Embora nunca tenham se expressado politicamente de forma homogênea, já que, se em 1962, 48% dos operários teriam votado na esquerda, 31% já apoiavam a

direita; no entanto, desde 1975, a tendência de migração do voto operário para o centro ou a direita vem se acentuando, até se tornar majoritário nos dias de hoje. O crescimento eleitoral da extrema-direita na França, notadamente da Frente Nacional, deveu-se à adesão de amplas parcelas do operariado, já que o conservadorismo político já era uma das marcas da classe média e do empresariado. A Frente Nacional tem logrado expressivas vitórias em regiões da França que já foram redutos do Partido Comunista, como o Leste e o Nordeste do país, regiões que foram mais duramente atingidas pela crise dos últimos anos, levando ao fechamento de indústrias e ao desemprego. Nas pesquisas que realizou nessas áreas do país, Simon constatou a presença de um forte sentimento de que se vive pior do que antes e uma rejeição profunda ao discurso neoliberal, com conotações anti-capitalistas, tal como as ideologias de extrema-direita do início do século XX. Some-se a isso um profundo desencanto com o sistema político e um descrédito generalizado dos políticos e da capacidade da política de resolver seus problemas, o que faz com que o discurso político pretensamente antissistema e antipolítico da direita encontre ressonância. Mas um elemento decisivo para o sucesso da Frente Nacional entre a classe operária francesa é o discurso racista e xenófobo, que atribui à invasão dos imigrantes os problemas enfrentados pelos trabalhadores franceses, como o desemprego, a insegurança, a perda de poder aquisitivo, o rebaixamento salarial, o aumento da pobreza, a falta de moradia etc.

A crise sistêmica do capitalismo, que atinge duramente não apenas os países da Europa e os Estados Unidos, mas também se expande para todos os países ditos subdesenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, coloca em confronto grandes levas de imigrantes que, sem alternativas econômicas para sobreviver em seus países, se deslocam para os países desenvolvidos em busca do emprego e da renda e a própria classe trabalhadora desses países, também impactada e penalizada pela crise. Os imigrantes passam a encarnar, assim, o papel de bode expiatório de uma situação da qual são tão vítimas quanto os operários dos países em que chegam e com os quais disputam os poucos empregos existentes. A presença do imigrante,

disponível e disposto a aceitar condições aviltantes de trabalho, enfraquece as próprias reivindicações dos trabalhadores locais, fragilizando, ainda mais, a situação de uma classe operária que tinha conseguido, através de sua organização e, inclusive, de sua participação ativa na vida política do país, impor limites à exploração do trabalho. O desmantelamento dos Estados de Bem-Estar Social na Europa, apoiado no discurso neoliberal, aproveitando-se das sucessivas crises de reprodução do sistema, veio fragilizando a situação dessa classe operária, desde os anos setenta do século passado, fazendo com que a sensação de insegurança, por causa das sucessivas reformas jurídicas no campo da legislação trabalhista e previdenciária, fosse profundamente agudizada. A chegada massiva de imigrantes estrangeiros, que não conhecem a história de luta desses trabalhadores e que nunca viveram em situações jurídicas como aquela que presidia as relações de trabalho na França, vindos de situações laborais as mais precárias ou inexistentes, transformam-nos em fator de maior insegurança para a classe operária local; daí o medo e a rejeição que infundem. Simon afirma que o crescimento eleitoral da Frente Nacional, como de resto de todos os partidos políticos de direita na Europa, tem, na xenofobia, na hostilidade crescente aos imigrantes, não apenas entre as elites e a classe média, mas, sobretudo, no seio das classes trabalhadoras, o seu principal motivador.

Essa hostilidade aos imigrantes, essa visão de que são predadores dos empregos e dos recursos dos países em que chegam, também é muito forte entre os setores médios de várias sociedades. Se a classe operária tem na relação de emprego, tem no trabalho, um dos elementos centrais na construção de sua identidade, seja individual, seja coletiva, as classes médias, notadamente os extratos mais baixos dessa condição social, têm, no acesso ou na capacidade de consumo, um elemento definidor de seu próprio ser como grupo. Embora tenhamos assistido, desde pelo menos os anos sessenta do século XX, no período que já foi nomeado de pós-industrial, um declínio constante do trabalho como marcador de identidade, com a redução crescente da classe operária e de sua importância em cada sociedade, com a chamada revolução digital, que reduziu o tamanho dos parques

industriais, concentrou as atividades, fez desaparecer inúmeros postos e atividades de trabalho, exigindo trabalhadores cada vez mais especializados e, ao mesmo tempo, polivalentes, ditos flexíveis, capazes de realizar inúmeras tarefas, o consumo foi assumindo uma cada vez maior centralidade na definição das identidades individuais e coletivas. Cada vez mais nos definimos pelo que consumimos do que pelo trabalho que exercemos. O grau de alienação do trabalhador transformado em consumidor amplia-se à medida que tende, cada vez mais, a se identificar com a mercadoria. Se toda a luta política do operariado foi feita para recusar a sua identificação com a mercadoria, tentando afirmar a sua humanidade, na sociedade de consumo essa desumanização se acentua à medida que nos deixamos seduzir completamente pela mercadoria, fazemos dela o nosso próprio ser. Cada um passa a ser as marcas de roupa, relógio, tênis ou óculos que porta; seu lugar na sociedade, seu status passa a ser definido pela marca de perfume que usa ou pela marca de carro que compra e utiliza. A classe média, a burguesia, em que essa identificação com a posse de mercadorias já vem de seu próprio surgimento como classe, e já se manifesta nos primeiros estágios do capitalismo, como tão bem mostrou o filósofo alemão Walter Benjamin, ao tratar das classes médias habitantes de Paris, no século XIX, ela só tende a se ampliar. O filósofo alemão Georg Simmel, no início do século XX, já afirmava que o que caracterizava o mundo moderno era o fato de que a capacidade tecnológica desenvolvida pelos homens permitia que fabricassem um mundo de coisas, um mundo de objetos, de artefatos, um mundo que chamava de objetivo muito mais amplo do que sua subjetividade, sua consciência, sua racionalidade era capaz de entender ou dominar. Fazendo eco ao que Karl Marx nomeara, ainda no século XIX, de fetiche da mercadoria, Simmel denuncia o que era para ele um dos principais problemas do mundo moderno, ou seja, a identificação cada vez maior dos humanos com o que era inumano, a alienação crescente dos homens diante dos objetos e das mercadorias, a construção de uma sociedade onde as pessoas gastariam a maior parte de seu tempo e de suas vidas em trabalhar, em conseguir dinheiro para comprar mercadorias, deixando

de investir e desenvolver outras diversas possibilidades e potencialidades humanas.

O agressor de dois imigrantes haitianos, em Curitiba, justifica a sua atitude pelo fato de que um deles portava um celular de uma marca ou de um preço que possivelmente não era acessível a ele. O estrangeiro, o imigrante é, nesse caso, não apenas acusado de roubar os empregos dos brasileiros, mas também de possuir uma mercadoria, um artefato que deveria também ser de exclusividade dos nacionais. O estrangeiro é visto não apenas como alguém que vem tomar posse das vagas de trabalho que deveriam ser reservadas aos nacionais, como vem disputar os bens ou mercadorias colocadas à venda no mercado. Essa é uma reação xenófoba característica de setores empobrecidos das classes médias que temem e se ressentem da perda de poder aquisitivo. Em situações de crise econômica, os extratos mais baixos das classes médias vivem o medo da proletarização, da perda de capacidade de consumo e podem vir a encontrar nos imigrantes, na presença do estrangeiro, uma justificativa para o que está vivendo. A hostilidade ao estrangeiro tende a se acentuar à medida que eles podem ser responsabilizados por, com sua demanda, encarecer os produtos, torná-los mais raros e caros, degradando, assim, as relações econômicas para os locais. O estrangeiro, quando não é o turista, de quem se espera o consumo conspícuo, o consumo que vai deixar o dinheiro, a divisa para o país, pode ser visto como um predador das mercadorias que deveriam estar reservadas para o consumo doméstico. A xenofobia, nesses casos, tende a estar associada ao preconceito e a rejeição à pobreza, ao pobre. A maioria dos imigrantes, notadamente aqueles provindos dos países menos desenvolvidos, são pessoas empobrecidas, são pessoas que chegam ao país de adoção com muito poucos recursos. As classes médias, até devido ao medo do empobrecimento, da debacle social, tendem a desenvolver e demonstrar aversão aos mais pobres. O temor da pobreza infunde o temor aos próprios pobres e, com ele, a rejeição, a aversão, o preconceito. A fala xenófoba do agressor curitibano carrega, também, o preconceito contra a pobreza e o pobre que, na sua visão, não deveria ter acesso a dados bens de consumo, justamente porque eles se

constituem na marca distintiva de sua classe: a classe média. O medo do nivelamento social, de que desapareçam as distinções, as diferenças entre seu lugar social e os dos pobres, tem sido uma marca do crescimento, na sociedade brasileira contemporânea, não só do sentimento de xenofobia, mas de um ódio de classe em dados extratos das classes médias e das elites econômicas e sociais.

Embora não seja tão comum, mesmo o estrangeiro de classe média ou muito rico, que vem a um dado país como turista pode despertar falas e reações xenófobas, justamente quando são vistos como predadores de algum bem local. Não são apenas os imigrantes haitianos pobres, ou os migrantes nordestinos, que são vítimas de racismo, xenofobia e preconceito nos Estados do Sul do Brasil, os turistas argentinos também não são muito bem vistos por gaúchos, paranaenses e, notadamente, pelos catarinenses. Eles são acusados de se apossarem das principais praias da ilha, de depredarem a natureza, de poluírem rios e lagoas e de serem profundamente machistas e desrespeitosos com as mulheres, além de se comportarem muito mal no trânsito, nas estradas e nos locais em que frequentam em maioria. Apoiadas em fatos, ou não, tais atitudes revelam um desconforto com a presença maciça de um grupo de estrangeiros que, durante muito tempo, possuíram poder aquisitivo superior (e também se consideravam superior) ao dos brasileiros e que, por isso, puderam se apropriar daquilo que deveria, na visão de muitos, ser exclusividade dos nacionais. Inveja, ciúme, rejeição, rivalidade (inclusive no campo desportivo) se juntam para configurar a reação xenófoba. Esse mesmo tipo de xenofobia pode ser vista na Espanha, em relação aos turistas alemães e ingleses. Sendo um dos principais destinos turísticos do mundo, a Espanha que, em 2013, teve a maior arrecadação de dividendos com o turismo internacional entre os países da União Europeia (45,5 milhões de Euros), é o destino preferido dos turistas de duas das economias mais desenvolvidas do continente. Sendo um país que viveu sob uma ditadura obscurantista por quase quarenta anos (1939-1976), a Espanha tornou-se uma sociedade profundamente empobrecida, que foi descoberta como destino, por suas belezas naturais, por sua gastronomia e bens culturais, pelos turistas europeus, notada-

mente alemães e ingleses, ainda na década de 1970, quando o regime franquista vivia os seus estertores. Os capitais ingleses e alemães, aliados a empresários locais e, inclusive, à renascente aristocracia do país, que voltava a ser uma monarquia com o fim do regime capitaneado pelo general Francisco Franco se apossaram, então, de grande parte do litoral do país, notadamente das praias do Mediterrâneo, onde instalaram grandes hotéis de luxo, resorts, casas noturnas, equipamentos de diversão voltados para o turismo de luxo como: campos de golfe, cassinos, restaurantes, pistas de equitação. Esses equipamentos turísticos atraem, todo verão, uma grande quantidade de turistas internacionais que são objeto de hostilidade por parte de setores da sociedade espanhola que os consideram predadores de seus bens, invasores incômodos e mal-educados, arrogantes e prepotentes que inibem e tornam impossível o acesso dos próprios espanhóis às principais praias e as belezas de seu país. A presença acintosa de tantos turistas vindos de outros países provoca um ressentimento xenófobo, que motivou, inclusive, atentados terroristas nessa área do país, nos anos setenta, perpetrado pelo grupo nacionalista e separatista basco, o ETA (Euskadi Ta Askatasuna, em língua basca, o que quer dizer: Terra Basca e Liberdade). Um dos locais mais visados pelo ETA, onde chegou a cometer vinte e três atentados, foi justamente a praia de Marbella, em Málaga, na província da Andaluzia, que fica no sul do país, banhado pelo Mediterrâneo, que é, até hoje, um símbolo desse processo de ocupação do litoral espanhol por um turismo de luxo voltado preferencialmente para os turistas com muito dinheiro, a maioria deles vindos de outros países europeus.

Se a xenofobia, na maioria dos casos, tende a se associar ao racismo e ao preconceito de classe, vitimando preferencialmente os estrangeiros pobres, os ricos e a classe média não estão imunes de serem vítimas de ressentimento xenófobo, notadamente por parte dos pobres e das camadas trabalhadoras, onde aparece associado à própria hostilidade de classe. Excluídos do acesso ao turismo, setores empobrecidos de uma dada sociedade podem desenvolver sentimentos xenófobos em relação ao que consideram uma invasão de turistas, que vêm tornar o acesso a bens e serviços em seu próprio país ainda

mais difícil. O desconforto com o que hoje se considera a invasão de asiáticos, notadamente de chineses, japoneses e coreanos, dos lugares voltados para o turismo como: hotéis, restaurantes, casas noturnas, museus, monumentos, aliado ao preconceito racial, vem fazendo crescer as reações xenófobas contra esses turistas nas principais cidades europeias e norte-americanas. Segundo pesquisa realizada pela empresa americana de *e-commerce* Living Social, os chineses foram considerados os segundos piores turistas do mundo, atrás apenas dos próprios americanos. A eles foram atribuídas qualificações como: mal-educados, arrogantes, inoportunos, pouco higiênicos, descorteses, quase sempre xenófobos, pois demonstrariam pouco respeito em relação às diferenças culturais que encontram em outros países, tendendo a ridicularizar e demonstrar insatisfação com costumes diferentes dos seus. Objetos de xenofobia por serem xenófobos, um bom retrato do mundo contemporâneo.

O mais curioso quando nos deparamos com os episódios de xenofobia, na região Sul do Brasil (o que não é uma exclusividade desse espaço), é que ela foi aquela parte do país ocupada e colonizada quase que integralmente por estrangeiros, por imigrantes, a maioria deles desembarcados no país em situação de extrema pobreza. As novas gerações, nascidas no Brasil, parecem ter perdido a memória acerca das condições em que seus antepassados aqui chegaram, a maioria deles tendo atravessado o oceano Atlântico apinhados em navios que lhes ofereciam péssimas condições de transporte. Muitos deles vieram fugindo da fome, da miséria, das perseguições políticas, étnicas e religiosas, que punham em perigo suas próprias vidas e as inviabilizavam. Os comportamentos xenófobos desses descendentes de imigrantes, assim como os comportamentos de preconceito contra pessoas vindas ou residentes em outras partes do Brasil, parecem nascer da amnésia em relação a esse passado de sacrifícios e de imigrante de suas famílias. É curiosa a rejeição a estrangeiros numa área do país onde a maior parte da população descende de estrangeiros. É evidente que essas manifestações de xenofobia no Sul do Brasil tem claros componentes de racismo e de preconceito contra a pobreza. Se as novas gerações de descendentes de imigrantes europeus tenderam

a esquecer o passado de pobreza e de penúria em que chegaram, se tendem a esquecer a própria condição de estrangeiros de seus progenitores e antepassados, escolheram dados elementos para compor uma identidade pessoal e coletiva que atuam como caldo de cultivo para o preconceito, a intolerância e a xenofobia: a ênfase no passado europeu de seus familiares, o fato de serem pretensamente de raça branca e o fato de que teriam através do trabalho conseguido uma ascensão social que muitos dos nacionais não teriam conquistado. Essa memória seletiva, que serve de base para a construção de identidades, pode levar, em muitos casos, à construção de uma visão de si e dos seus como melhores, como mais civilizados, racialmente superiores e mais trabalhadores, com o outro sendo identificado como pouco civilizado, de péssimos modos, inferior racialmente e preguiçoso. Os haitianos, assim como os senegaleses e nigerianos, que também já foram objeto de ataques xenófobos e racistas em Estados do Sul do Brasil, parecem corresponder bem a esse figurino: são negros, são pobres, são vistos como pouco educados e civilizados e como preguiçosos.

O sentimento de xenofobia, portanto, pode emergir ou ser utilizado em situações de aumento da insegurança social. Diante do medo da perda do emprego ou da capacidade de consumir, de adquirir bens considerados não só indispensáveis à sobrevivência como indivíduo, mas também como marcadores da distinção de classe, o discurso e, inclusive, as práticas e reações de xenofobia pode se constituir numa tentativa de defesa de um *status quo* em perigo. O estrangeiro termina por simbolizar e encarnar os processos econômicos e sociais que o indivíduo não consegue visualizar, perceber ou dominar, processos responsáveis pela gestão da situação de insegurança. O imigrante passa a ser visto como uma presença predatória, como um agente dos processos de perdas que o nacional vem enfrentando. Ele torna-se a explicação fácil, o bode expiatório, ao qual se atribui todos os problemas econômicos e sociais que se vem vivenciando. Ao disputar vagas no mercado de trabalho ou acesso a bens de consumo e a serviços, ele se torna o predador a ser eliminado.

7

AMEAÇAS DO OUTRO

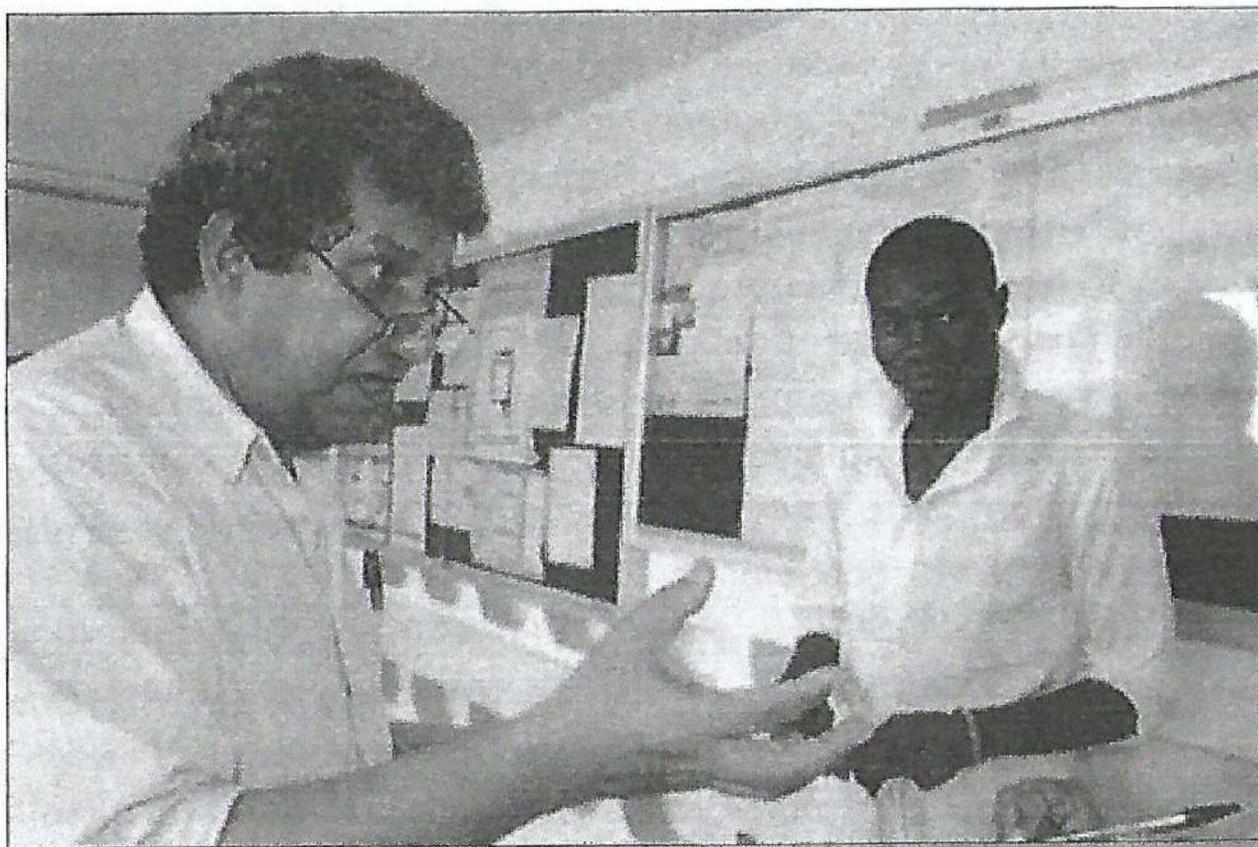


Foto de G. Ferreira publicada no Jornal Pequeno Online.

Estudante nigeriano, vítima de xenofobia na UFMA.

No início do ano de 2012, a imprensa brasileira repercutiu o caso do estudante nigeriano Nuhu Ayuba, que cursava Engenharia Química na Universidade Federal do Maranhão, e que teria sido objeto de xenofobia e ofensas racistas por parte de um de seus professores. O professor foi denunciado e vinha sendo investigado pela Polícia Federal, desde o mês de julho de 2011. No dia 28 de fevereiro de 2012, o caso chegou às mãos do Ministério Público que resolveu processá-lo por racismo, xenofobia e injúria racial. Ao não responder a uma pergunta formulada por ele, este teria dito para Nuhu: “Se você não sabe, pode voltar para a África de navio negreiro”. De forma jocosa, perguntava insistentemente com quantas onças o estudante já havia lutado em seu país. Uma prova do estudante teria sido corrigida pelo professor e o resultado expresso pela frase: “Tudo errado”. A mesma prova enviada para outros professores recebeu parecer diferente desse exarado pelo docente acusado de xenofobia. Abalado, o nigeriano teria pensado em abandonar o curso, mas apoiado e aconselhado por seus colegas decidiu permanecer no Brasil e fazer a denúncia do professor às autoridades.

Por viver em sociedade, por necessitar da vida em grupo para sobreviver, desde a mais remota origem da espécie, os homens e mulheres necessitam constantemente da presença dos outros, precisam conviver com semelhantes que, no entanto, tendem a ser diferentes. Nem mesmo fisicamente há uma pessoa idêntica à outra, mesmo gêmeos univitelinos apresentarão pequenas diferenças físicas, sem falar do comportamento, de todas as transformações particulares que

o contato com o universo da cultura produzirá nessas pessoas, podendo torná-las diferentes e até antagônicas em termos de valores, formas de pensar, de viver, de conviver. Necessitamos muito da presença do outro, seja do ponto de vista material, seja do ponto de vista emocional, psicológico, subjetivo, mas, ao mesmo tempo, o outro se constitui, muitas vezes, numa presença incômoda, pois ele nos limita, ele impõe limites à nossa liberdade, ele impõe barreiras à expansão desmesurada de nosso próprio ego. Segundo o filósofo francês Jean-Paul Sartre, em famoso aforismo, o inferno são os outros, embora possamos dizer que os outros, muitas vezes, é que permitem que vivamos situações e sentimentos, que experimentemos sensações paradisíacas ou celestiais. Merleau-Ponty, outro importante filósofo francês do século passado, afirma que dependemos da existência do outro, do olhar do outro para sabermos, inclusive, quem somos. Nossa identidade, a imagem que temos de nós mesmos, aquilo que achamos que somos e como somos, depende desse contato diferencial com um outro distinto e diferente. O olhar da outra pessoa funcionaria como um espelho em que seria possível se mirar e se ver. É através do que o outro diz de você ou do que outro vê em você que sua autoimagem se formaria. Mas podemos ter em relação a esse outro distintos níveis de aproximação, identificação ou distanciamento. Quanto mais próximo ou semelhante a mim eu considero um outro, mais eu tendo a considerá-lo da mesma natureza que eu e possuidor dos mesmos direitos de que gozo. Quanto mais distante ou dessemelhante for esse outro maior dificuldade se encontrará em considerá-lo como tendo a mesma natureza e os mesmos direitos. Em casos extremos, esse outro está tão afastado e é tão diferente que se pode negar-lhe a condição humana e não vê-lo como portador de algum direito. As falas xenófobas e racistas do professor maranhense partem da premissa de que o aluno nigeriano guardaria uma série de diferenças que o tornaria bastante distante dele. Sua fala mobiliza uma série de imagens e mitologias bastante arraigadas na cultura brasileira: por ser africano e negro, Nahu Ayuba é imediatamente associado à figura do escravo, que marcou profundamente a sociedade brasileira,

como uma figura de subalternidade, inferioridade e quase animalidade. A imagem do navio negreiro e do escravo continuam a perseguir os negros no Brasil, ainda mais aqueles que chegam vindos da África. A sistemática associação da África a um continente selvagem, onde se tem que lutar com onças todos os dias, além de demonstrar profunda ignorância, remete às imagens que os colonizadores construíram daquele continente, que circularam em seus relatos de viagens e que chegaram até nós através da literatura, do cinema, da televisão ou da imprensa. A premissa de que o estudante era incapaz de aprender e, portanto, intelectualmente inferior, também remete aos enunciados racistas que afirmavam a inferioridade intelectual dos negros presentes nas teorias raciais do século XIX.

Embora Nahu Ayuba estudasse na Universidade de um Estado brasileiro com a presença de um grande contingente de negros e afrodescendentes, um Estado da região Nordeste, cuja população é objeto de um dos mais expressivos preconceitos em relação à origem geográfica e de lugar, tal como já discuti em outro livro, embora o professor não deva ser propriamente um descendente da "raça ariana", o fato de ser estrangeiro, mas, principalmente, de ser um estrangeiro vindo da África, faz de Nahu um outro considerado não apenas diferente, mas distante do docente maranhense. Objetos de preconceito em outros Estados do país, considerados inferiores racial e intelectualmente, os nordestinos também são capazes de gestos e práticas de xenofobia, se diante deles estiver um outro que possa ser considerado inferior e menos humano do que eles. Como em nosso imaginário a África ainda é uma selva, o nigeriano é aproximado mais da condição de animal ou de besta de carga, como eram considerados os escravos, do que propriamente um semelhante em humanidade. O tratamento desumano a ele reservado estaria relacionado e condizente com a sua inumanidade. E nesse caso estamos falando de um estudante universitário, de um africano que para aqui veio para fazer um curso superior. Imagine-se se esse africano fosse um refugiado, um imigrante pobre e sem qualquer recurso, que tipo de tratamento ele teria...

O que queremos discutir, neste capítulo, é como a xenofobia possui matizes, dependendo do lugar de origem do estrangeiro, da cor de sua pele, de sua condição social e de sua situação jurídica. Se a imprensa brasileira dispensou uma grande cobertura ao caso de Nahu Ayuba, com as reportagens sempre assumindo um tom de crítica à atitude xenófoba e racista do professor maranhense, o mesmo não ocorreu em outros momentos de nossa história e em outras situações. Os mesmos matizes e diferenças de tratamento que se manifestam na sociedade, podemos encontrar no discurso midiático. Gustavo Barreto, doutor em Comunicação Social, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em sua tese, defendida em 2015 e intitulada *Dois séculos de imigração no Brasil: a construção da identidade e do papel dos estrangeiros pela imprensa entre 1808 e 2015*, conclui que, assim como no interior da sociedade brasileira, no discurso da imprensa se faz uma profunda diferença e se estabelece uma hierarquia entre as figuras do refugiado, do imigrante e do estrangeiro. A imprensa brasileira, desde seus primórdios, não cessou de veicular mensagens xenófobas e racistas, notadamente em relação àqueles que chegam na condição de refugiados ou de imigrantes pobres. Ele põe em questão o mito nacional de que somos um povo acolhedor e hospitaleiro, que recebemos de braços abertos todos que aqui chegam. O estrangeiro, aquele que chega de outro país, falando uma outra língua ou pelo menos com outros sotaques, que se veste e se comporta de formas diferentes, sempre será tomado como um outro, a ele se reservará o lugar da alteridade e não da identidade, mas essa outreidade, para usar uma expressão do poeta português Fernando Pessoa, variará quanto a sua intensidade dependendo do lugar de onde procede esse imigrante, de sua condição social e de sua condição jurídica.

Segundo Gustavo Barreto, a xenofobia brasileira apresenta a particularidade de não ser voltada propriamente contra a figura do estrangeiro. Esse conceito costuma ser utilizado para se referir às pessoas que vivem em outros países ou que vêm visitar esporadicamente o país como turistas ou mesmo que são residentes legais no país e gozam de situação econômica e social estável ou privilegiada.

Ele constatou, lendo o acervo dos jornais *O Globo*, *O Estado de São Paulo*, *Folha da Manhã* (atual *Folha de São Paulo*), *Gazeta do Rio de Janeiro*, *O País* e *Correio da Manhã* que, ao falar do estrangeiro, o discurso da imprensa brasileira demonstra uma certa admiração colonizada: o estrangeiro é sempre visto positivamente e considerado melhor ou superior ao brasileiro. O estrangeiro é visto como mais culto, mais civilizado, mais inteligente, mais trabalhador que os brasileiros. Quando se lê com maior atenção o discurso midiático acerca do estrangeiro, no Brasil, vê-se que esse conceito quase sempre é reservado para nomear os europeus ou norte-americanos. O estrangeiro é normalmente uma pessoa branca, pertencente a estratos abastados ou de classe média, em seus países, que entraram legalmente no país ou que exercem atividades no Brasil conforme a legislação. Já a figura do imigrante é tratada de modo ambíguo, influenciando sobre a imagem que dele se constrói sua condição social, sua origem étnica e nacional. A imigração pode ser vista como positiva ou negativa conforme suas características e daqueles que com ela entram no país. No final do século XIX, a imprensa brasileira apoiou com entusiasmo a vinda de imigrantes europeus para o Brasil. Ela surgia como uma alternativa para o que se chamou na época de falta de braços para a lavoura, à medida que o tráfico de africanos estava oficialmente proibido desde 1850, e uma série de leis foram restringindo a possibilidade da continuação indefinida do trabalho escravo no país. Na oportunidade, os europeus foram apresentados como tendo vantagens raciais e civilizacionais em relação aos africanos. O discurso da imprensa fez parte de uma verdadeira campanha a favor do branqueamento da população brasileira, apontada, inclusive por teorias ditas científicas da época, como única forma de permitir a civilização e o progresso do país. Os imigrantes foram apresentados como trabalhadores mais capazes, mais disciplinados e morigerados do que os escravos africanos.

Esse discurso desqualificador do trabalhador de origem africana teve repercussões profundamente negativas para a posterior integração dos ex-escravos ou de seus descendentes no mercado de trabalho

no pós-abolição. A escravidão e os discursos racialistas produziram imagens e enunciados acerca dos negros e dos africanos, que continuam tendo profundas repercussões na sociedade brasileira. Eles são, nos dias atuais, a outra face da imigração, aquela não desejada, aquela que é vista como não contribuindo para a melhoria e o enriquecimento do país. É curioso pensar que muitos dos gestos de xenofobia e de racismo perpetrados no Brasil contemporâneo partem de descendentes de imigrantes, aqueles imigrantes recebidos e recepcionados como os que vinham fazer uma injeção indispensável de sangue branco na população brasileira e com isso redefinir os seus caminhos como sociedade civilizada. A imprensa contribuiu para criar uma artificial relação entre ser branco e ser brasileiro, relação que nasce mais de um desejo e aspiração racista do que se verifica na realidade, já que somos o segundo país em população negra no mundo, só ficando atrás da Nigéria. Os negros, assim como os índios, muitas vezes foram tratados como indesejáveis, como não sendo brasileiros, como não devendo fazer parte da população do país. Essa postura repercute hoje nos gestos extremados de xenofobia que assistimos entre populações que se julgam brancas e, por isso, mais brasileiras, com maior direito de desfrutar do país e que, se veem os negros nascidos no Brasil como um outro já distante, veem os imigrantes negros como um outro radical, como um outro próximo da inumanidade.

Essa diferenciação entre o imigrante desejável e o indesejável já emergiu com força no início do século XX, com ampla participação da imprensa. Com a redução do fluxo imigratório de europeus, causada pela eclosão da Primeira Guerra Mundial, e a concorrência crescente de outros países que também necessitavam de imigrantes e faziam intensa campanha para recebê-los, aliada ao crescimento da demanda por produtos agrícolas e industriais em face do conflito europeu e a expansão da atividade cafeeira para novas terras, foi necessária a busca de alternativas para abastecer o mercado de mão de obra, diante do que se chamava de falta de braços e a desconfiança ou rejeição em relação ao trabalhador nacional, pobre, descenden-

te de escravos e indígenas. A entrada de imigrantes asiáticos no país provocou intensa discussão na imprensa brasileira. Os imigrantes chineses, os chamados *coolies*, embora já tivessem chegado ao país, em pequeno número, desde o início do século XIX, passam a imigrar em maior quantidade apoiados por estímulos oficiais no início do século XX, gerando grandes controvérsias xenófobas e racistas através da imprensa e mesmo no Parlamento. Em 18 de junho de 1908, o navio Kasato Maru aportou em São Paulo, trazendo setecentos e oitenta e um lavradores japoneses, dando início a um processo migratório que transformaria o Brasil no país que abriga o maior número de japoneses e descendentes fora do Japão. Os imigrantes japoneses também foram objeto de xenofobia por parte da imprensa brasileira e de muitos de seus próprios contratadores. O filme *Gaijin — Os caminhos da liberdade*, da cineasta nipo-brasileira Tizuka Yamasaki mostra as relações tensas e conflitivas, atravessadas por gestos e falas de xenofobia, entre os próprios trabalhadores de origens nacionais distintas. Os imigrantes europeus assumiam uma postura de superioridade e desconfiança, quando não de rejeição em relação aos imigrantes asiáticos. O filme se passa quando da Segunda Guerra Mundial, momento em que o Japão fazia parte do Eixo, e os japoneses foram objeto de constante vigilância por parte dos órgãos de inteligência do Estado, sofrendo muitas restrições a seu deslocamento e sendo objeto de políticas oficiais de integração à sociedade brasileira, com a obrigatoriedade, por exemplo, de aprenderem a falar o português e de se converterem ao catolicismo. Hoje, os brasileiros, descendentes de japoneses, os chamados nisseis ou sanseis, que migraram, em grande quantidade, para o Japão, durante as décadas de 1980 e 1990, reclamam de serem vítimas de xenofobia. Sendo o quarto maior grupo de imigrantes no país asiático, os chamados decasséguis são também vítimas de uma onda de xenofobia que levou a Organização das Nações Unidas a cobrar das autoridades japonesas a adoção de medidas visando coibir as constantes manifestações de rejeição em relação àqueles que grupos radicais de direita chamam de “inimigos do Japão”, estando neles incluídos, notadamente, os chineses e coreanos.

As redes sociais e a internet são constantemente usadas para veicular piadas, vídeos depreciativos em relação à cultura do outro e até ameaças de morte. Lojas, bares, restaurantes e karaokês chegam a exibir placas proibindo a entrada de estrangeiros. Um brasileiro foi abordado aos gritos, em um supermercado, por um segurança que o acusava de roubo. Mesmo após ter ficado claro o engano, o segurança se justificou afirmando que brasileiro teria tendência a roubar, por isso se deveria ficar alerta com a presença de qualquer um deles...

O imigrante mais indesejável, segundo a tese de Gustavo Barreto, é aquele que chega de forma ilegal no país ou na condição de refugiado político. A imprensa brasileira, como ficou sobejamente explicitado no caso de Cesare Battisti, refugiado político italiano, tende a tratar com enorme desconfiança e preconceito a figura do refugiado. O refugiado, segundo a pesquisa de Barreto, é sempre abordado de forma negativa pela imprensa, sendo sempre aproximado da figura do criminoso ou do bandido. O refugiado é visto sempre como um problema que deve ser discutido. Se o imigrante pode ser desejável ou indesejável, dependendo de onde venha, em que condições econômicas e jurídicas chega, a que origem étnica e cultural pertença, o refugiado, pelo fato de ter abandonado seu país, de estar sendo, por algum motivo, perseguido no local de onde vem, carrega o estigma de alguém rejeitado pelo próprio lugar de nascimento. Numa cultura onde a noção de pátria, de pertencimento a uma pátria ainda encontra grande ressonância, o apátrida é tratado com profunda desconfiança, quando não com medo ou rejeição. O refugiado é associado à figura do fugitivo e aquele que foge é visto como suspeito de ter praticado alguma coisa reprovável ou ser uma pessoa de má índole ou de má procedência. Se em nossa sociedade e, em nossa imprensa, queremos estar muito próximos dos estrangeiros, queremos ser como eles, desejamos copiá-los, imitá-los, ser um deles, já não nos identificamos tanto com o imigrante, já não nos vemos como imigrante, mesmo quando imigramos, já estabelecemos um processo de seleção entre aqueles que estariam mais próximos de nós, seriam um outro desejável, tal como os estrangeiros, podendo até essas duas

figuras virem a se confundir, e aqueles que estariam mais distantes seriam efetivamente um outro, um estranho, com os quais não temos nenhuma identificação, manifestando um estranhamento radical em relação ao imigrante visto como indesejável e ao refugiado.

Quando essa não identificação com o outro é extrema, ela pode levar a atitudes de desprezo, de aversão e, em muitos casos, de violência. À medida que esse outro é visto como muito distinto, ele perde sua condição de semelhante, de humano, torna-se um animal estranho, uma coisa. Para os nazistas, os judeus não passavam de ratos, de piolhos que deveriam ser exterminados. Eles eram sujeira, resto, restolho, lixo que deveriam ser incinerados, atirados fora, após ter deles separado o que possuía alguma serventia. No Brasil, vez por outra, moradores de rua, mendigos, indígenas são espancados e queimados como se fossem lixo. No ano passado, na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, num dos mais graves episódios de xenofobia e racismo ocorridos no país, o refugiado senegalês Cheick Oumar Diba teve queimaduras em várias partes do corpo, quando seu colchão foi incendiado propositadamente enquanto dormia em um dos vagões abandonados na gare da Viação Férrea, depois de ter sido recusado na Casa de Passagem, onde teria buscado abrigo, por estar alcoolizado. Inicialmente pensou-se tratar-se de um assalto, versão que foi dada pelo próprio Diba, mas descartada mais tarde pela polícia. Três pessoas teriam participado da tentativa de homicídio. O fato de estar dormindo na rua parece contribuir, ainda mais, para uma aproximação desse outro a uma condição que não é humana e que o assemelha a algo jogado fora, que se pode queimar ou dar fim. Esse episódio chama a atenção, ainda, pelas versões desencontradas dadas à polícia pelo próprio Diba, que parecia querer tornar-se mais humano, mais próximo do que seria normal ocorrer com um ser humano corrente, ao relatar que teria sido vítima de um assalto, que lhe teriam levado a maleta de bijuterias, que vendia durante o dia para sobreviver, a quantia de quinhentos reais e seu tênis. O próprio refugiado parecia sentir-se envergonhado do que havia lhe acontecido, da situação em que fora agredido, dormindo num

vagão abandonado, provavelmente alcoolizado e junto com outros moradores de rua que podem ter sido seus agressores, pois em uma de suas falas disse que teria sido agredido por seus amigos brasileiros. Em seu depoimento sequer disse que dormira na gare da Viação Férrea, disse ter sido agredido na rua Borges de Canto, próxima da Avenida Rio Branco, bairro de Itararé. Só uma hora e meia depois do ocorrido ele se dirigiu a uma padaria onde pediu para comer, e, sentindo muitas dores, começou a chorar, o que chamou a atenção das funcionárias para seus ferimentos. Sendo um estrangeiro, um refugiado, o próprio Cheick Diba parece sentir vergonha de sua situação, do que estivera fazendo na noite anterior, parece ter se sentido culpado pela agressão que sofrera.

Nós, humanos, somos seres que elaboramos incessantemente e que lidamos constantemente com imagens, com cenas e cenários. Nossas atitudes, sentimentos, reações emocionais e afetivas são mediadas e, quase sempre, provocadas por dadas imagens, sejam elas reais, ficcionais ou oníricas. Cada sociedade, cada cultura, cada grupo humano possui um repertório de imagens que estão associadas à condição humana, ao ser humano. Essas imagens definem o que seria um humano, um igual, um semelhante. Quanto mais distante dessas imagens esteja um outro, maior desconfiança, medo, rejeição, aversão ou indiferença ele causará. Um corpo humano que não se apresenta ou que não se coloca em uma cena e num cenário familiares àqueles que um dado agrupamento humano, uma dada sociedade e cultura julgam ser pertinentes à humanidade, tende a ser recusado, rejeitado e, em muitos casos, agredido, violentado. O outro torna-se ameaçador, torna-se incômodo, torna-se indiferente quando aparece de forma muito distanciada das normas prescritas em uma dada sociedade, quando sua imagem corporal, quando as imagens que produz em suas vestimentas, gestos, deslocamentos, performances transgridem o que é considerado adequado. O outro humano pode até vir a perder essa condição, se aparece fazendo parte de uma cena ou se compõe um cenário que não é aquele esperado para um ser dessa espécie. Quando nos deparamos com o corpo de um morador de rua,

dormindo sobre sobras de papelão, debaixo de uma marquise, nossa reação tende a ser de aversão ou de indiferença; ele pode nos causar incômodo, pode até infundir pena, mas é difícil estabelecer com esse outro uma relação de empatia ou simpatia. É difícil nos sentirmos próximos, semelhantes, iguais a esse corpo humano jogado na rua, compondo uma cena que não julgamos adequada para um ser humano. O mesmo ocorre com o menino de rua dormindo junto ao sistema de ventilação do metrô, o mendigo dormindo sobre o banco da praça, o viciado em crack ou o alcoólatra atirado na calçada ou debaixo do viaduto, com seus cobertores baratos, seu cachimbo para uso da droga, com os cabelos desgrenhados, as roupas sujas, os calçados precários. Quando o número de refugiados ou imigrantes que chegam a um determinado local é muito intenso, cenas como essa passam a ser comuns, envolvendo estrangeiros. Nas principais capitais europeias é muito comum encontrar os refugiados ou imigrantes ilegais dormindo nas praças, nas ruas, banhando-se nos chafarizes, passando a noite amontoados em algum lugar em que se possam proteger do frio. Eles compõem com seus corpos, com seus parcos pertences, com seus gestos e atitudes, cenas que não convidam à identificação, à simpatia ou à empatia, cenas que os identifiquem como outros humanos. Eles inspiram medo, rejeição, aversão, quando muito passam despercebidos, como simplesmente mais um elemento na paisagem.

Sendo de culturas estranhas, tendo, muitas vezes, corpos bastante distintos dos nacionais, o estrangeiro é um outro que já não convide facilmente à identificação, à simpatia, à empatia. Quando obrigados a comporem imagens e cenas, quando levados a fazerem parte de cenários que não são identificados como sendo humanos, o estrangeiro, o estranho, o outro pode vir a ser não só rejeitado, como causar aversão, medo e despertar sentimentos agressivos e até desejos de extermínio. O caso do refugiado senegalês, de vinte e cinco anos, Cheick Oumar Foutyou Diba, me parece ser representativo do processo de desumanização sofrido por um corpo humano que produz imagens, que se coloca em cenas e cenários que provocam a perda da

humanidade e, com ela, seus direitos. O próprio Diba parece ter se apercebido que se colocara em situações, que produzira eventos, que se colocara numa cena e num cenário que não eram dignos ou adequados para um ser humano, talvez por isso tenha mentido, tentando modificar a imagem de si mesmo, mudando as imagens do que fizera e do que lhe havia ocorrido, como tentativa de afirmar ou recuperar a sua humanidade, a sua dignidade de ser humano perdida. Um corpo humano atirado num vagão abandonado, num colchão que não se sabe como conseguiu ou de quem conseguiu (seria ele o motivo da desavença e da agressão?), podendo ser um dos pertences de um morador de rua, um corpo humano alcoolizado a ponto de ser queimado vivo e quase não despertar, um corpo negro, estrangeiro, falando de um modo estranho, todas essas situações envolvendo seu corpo retiravam dele a sua condição de gente, o fazia assemelhar-se a um cão vadio, a um resto atirado fora, num local, ele mesmo já um refugio. Diba produziu imagens e cenas que, parece que até para ele próprio, não seriam dignas de um homem, ao colocar seu corpo num cenário, num local inadequado, ao posicioná-lo numa situação e num sítio que seriam impróprios para um humano.

O estrangeiro, por seu corpo distinto, por seus modos e maneiras distintas, por seu falar, por seu comportamento diferente já produz imagens que nem sempre são vistas como agradáveis, como adequadas, como dignas de um ser humano. O estrangeiro tende a produzir imagens e cenas que causam curiosidade, estranheza, incômodo, quando não indignação, revolta, violência. Ao se sentirem agredidos pelas imagens e cenas que o estrangeiro produz, muitas vezes com o seu simples fato e maneira de existir, os locais, os nacionais podem reagir violentamente e através de agressões simbólicas, verbais ou físicas. Em Londrina, Paraná, um refugiado senegalês que vivia vendendo bijuterias, teve seu tabuleiro chutado por uma moradora da região, que lhe desferiu um tapa no rosto, atirou-lhe uma banana e o chamou de "preto", "ladrão" e "macaco". A xenofobia surge do fato de que o estrangeiro não se conforma às imagens que previamente esperamos ser a de um ser humano normal, cotidiano, corriqueiro,

conterrâneo. A xenofobia expressa-se também através da produção de cenas e imagens de rechaço, de recusa, de aversão, de rejeição, de medo, de indiferença, de agressão, de ódio, de não reconhecimento de um outro como semelhante. Ao não se conformar ao que se espera de um homem comum, o estrangeiro pode vir a gerar inconformismo, pode vir a estimular a produção de cenas e a montagem de cenários que deixem explícito, para ele, que não é bem visto, que não é bem-vindo, que não é aceito, que não é percebido e considerado um igual, um semelhante. Às vezes, isso implica na produção de imagens fortes, imagens e cenas de mutilação, ferimento, desfiguração de seus corpos não conforme à uma dita normalidade.

8

DESCLASSIFICADOS

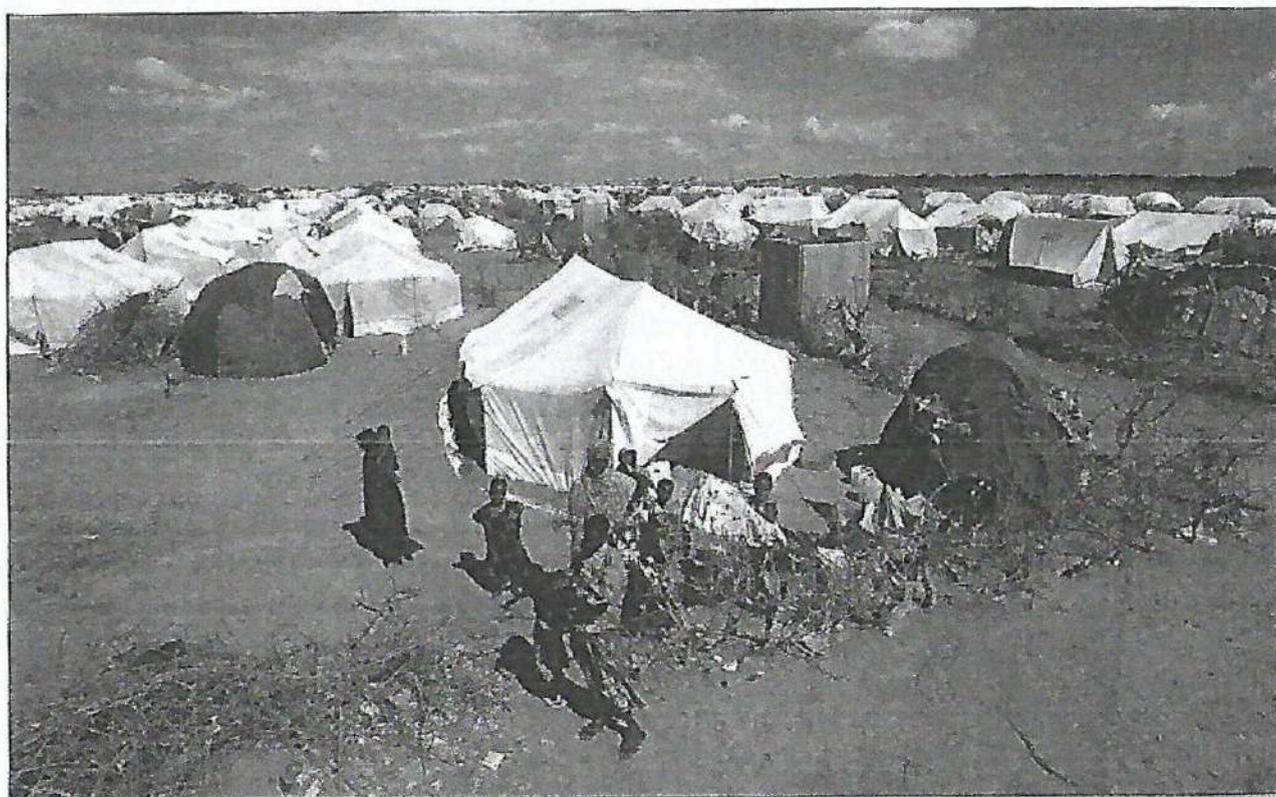


Foto de Thomas Mukoya.
Foto autorizada pela LatinStock/Reuters, 19/10/2011.

Campos de refugiados na África em Dadaab, Somália, fronteira com Garissa County, Quênia.

Julho de 2011. Mais de sessenta e uma mil pessoas provenientes da Somália buscam refúgio em acampamentos no Quênia. Nos três campos de refugiados de Dadaab já se aglomeravam, em milhares de barracas de plástico, mais de trezentas e setenta mil pessoas. Após a derrocada do governo de Siad Barre, ditador pró-socialista, que governava a Somália desde outubro de 1969, o país entrou numa escalada de guerras civis e tribais, que destruiu qualquer forma organizada de governo. No dia 26 de janeiro de 1991, grupos guerrilheiros, sob a chefia de líderes tribais, conhecidos como “senhores da guerra”, com o beneplácito das potências ocidentais e a participação decisiva dos traficantes de armas, destituíram o governo central e dividiram o país em verdadeiros feudos, onde impera a lei do mais forte. As gerações de jovens somalis, nascidas desde então, terminaram por fazer da guerra um modo de vida, perpetuando os conflitos e as carnificinas por motivos religiosos, econômicos e étnicos. O Ocidente assiste de braços cruzados, há mais de duas décadas, as constantes violações dos direitos humanos cometidas pelas milícias chefiadas por Ali Mahdi Muhammad, que chegou a formar um governo provisório após a queda do ditador, mas teve seu poder contestado através da reação armada de um outro líder tribal, Mohamed Farah Aideed. O país passou a viver uma escalada de violência em que a violação de mulheres, o roubo e o assassinato passaram a ser acontecimentos cotidianos. Atualmente, um novo personagem veio acrescentar-se a essa situação caótica, o grupo extremista islâmico Al-Shabab, ligado ao Al-Qaeda, que já domina todo o sul do país e parte da capital,

Mogadíscio, onde pretende implantar um regime de governo islâmico inspirado na "sharia". As potências do Ocidente apenas se mobilizaram no sentido de combater os ataques e saques a navios mercantes internacionais e o sequestro de tripulações em troca de recompensas, o que chamaram de pirataria, que passou a ocorrer desde que se iniciou a guerra civil, nos anos 1990, uma das formas de vida encontradas por muitos homens e jovens somalis, muitos deles antigos pescadores, que se queixam de que o mar do país teria sido invadido pelos barcos de pesca de outros países. A pretexto de estabilizar o país e evitar o contínuo influxo de refugiados para seu território, em 2006, a vizinha Etiópia, com o apoio oficial dos Estados Unidos, invade a Somália, com a justificativa de que suas tropas iriam apoiar o governo federal de transição instalado na cidade de Baidoa, apoiado também pelas tropas somalis dos governos autônomos da Puntlândia e de Galmudug. A expulsão das tropas etíopes do país, ocorrida apenas em 2009, foi capitaneada pela chamada União das Cortes Islâmicas, que reunia várias milícias tribais e chefes regionais, de onde veio a se separar a milícia Al-Shabab que não concordava com o governo que surgiu do acordo, após a retirada das tropas etíopes.

Calcula-se que mais de um milhão e quatrocentas mil pessoas vivem deslocadas no interior do país, fugindo da guerra e da falta completa de condições de sobrevivência. Cerca de setecentos e cinquenta mil somalis vivem em acampamentos de refugiados nos países vizinhos: uns quatrocentos e cinco mil no Quênia, uns cento e oitenta e sete mil no Iêmen e uns cento e dez mil na Etiópia, sem falar nos milhares de somalis que buscaram refúgio e trabalho em outros países da África, em países da Ásia, da Europa e até das Américas. Se assistimos, desde o ano passado, a dramática chegada de milhares de refugiados vindos do Oriente Médio, em busca de abrigo nos países da Europa, há décadas as populações que vivem em vários países da África se expõem ao tráfico de pessoas, às travessias de mares e oceanos em precárias e superlotadas embarcações, na busca de fugir de um continente, em grande medida, abandonado pelas autoridades internacionais e conflagrado por dezenas de conflitos tribais, guerras civis e enfrentamentos por motivos étnicos e religiosos.

Embora possa parecer que a Europa é o principal destino dos refugiados africanos, mais de um terço deles vivem deslocados em outros países do próprio continente, vivendo em precários acampamentos, mantidos por governos locais, subvencionados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) e assistidos por várias organizações internacionais como Cruz Vermelha, Médicos sem Fronteiras etc. Ao contrário do que normalmente se afirma, cerca de 86% dos refugiados do mundo vivem em países em desenvolvimento. Os deslocamentos de populações vêm, nos últimos anos, se acelerando de forma dramática. Segundo o relatório Tendências Globais do Acnur, no ano de 2014, em todo o mundo, cinquenta e quatro milhões de pessoas tiveram que deixar forçosamente seus locais de moradia, um crescimento de oito milhões de pessoas em relação ao ano anterior. O Oriente Médio e o Norte da África são as áreas onde se concentram, nesse momento, o maior número de refugiados. Dos quinze conflitos que emergiram ou se intensificaram, nos últimos anos, e que provocaram intensos deslocamentos de populações, dez deles ocorrem em países do continente africano: Costa do Marfim, República Centro-Africana, Líbia, Mali, Somália, Sudão do Sul, Nigéria, República Democrática do Congo, Burundi e o Marrocos, onde o povo saarauí luta pela independência. O maior campo de refugiados do mundo, o já citado Dadaab, no nordeste do Quênia, abriga, além dos refugiados somalis, pessoas deslocadas e solicitantes de asilo vindas da Etiópia, do Sudão do Sul, da Eritreia, da República Democrática do Congo e do Burundi. Os somalis são a terceira nacionalidade em número de refugiados no mundo (calcula-se em mais de um milhão de pessoas vivendo fora do país nessa condição), só ficando atrás dos sírios (quase quatro milhões de refugiados) e afegãos (mais de dois e meio milhões de refugiados).

A partir desses dados e de outros que utilizarei ao longo desse capítulo, gostaria de discutir uma outra face da xenofobia, pouco tratada ou pouco considerada quando se vai discutir esse problema: a invisibilidade e o verdadeiro desprezo por determinadas populações e por determinadas áreas do mundo. O racismo e a xenofobia há muito tempo condenou determinadas partes do planeta e seus habi-

tantes ao desprezo, ao desprestígio, à incúria, à invisibilidade e ao abandono. Os países ricos e suas populações agem em relação a partes do planeta, como a Ásia e, mais fortemente ainda, a África, como se eles não existissem, como sendo regiões onde viveriam uma espécie de sub-humanos, de pessoas desprovidas, naturalmente, dos mesmos direitos dos demais. A mentalidade colonial, o imperialismo, do qual esses territórios foram vítimas, serviu para construir uma visão hierárquica e classificatória das populações do planeta, que dirige as ações e atitudes de Estados, de empresas e de indivíduos até os dias de hoje. Ainda convivemos no mundo com a divisão entre aqueles humanos, aquelas populações que contam e aqueles homens e mulheres que não contam, que não vêm ao caso. Podemos dizer que estamos diante de uma face extremada da xenofobia, que considera como estranhos e estrangeiros grande parte das pessoas e das áreas do planeta. Essas populações viveriam a condição de estrangeiros não apenas em relação aos territórios nacionais; eles seriam uma espécie de estrangeiros em relação ao próprio mundo, ao próprio planeta, eles parecem ser extraterrestres até que seu desespero e sua miséria os fazem presenças incômodas e que não podem mais ser ignoradas quando resolvem se deslocar para os países centrais do capitalismo, para as ex-metrópoles. A desinformação, o desconhecimento, o silêncio que existe, em grande parte da mídia internacional, acerca dessas populações, só não é maior do que o descompromisso dos governos, empresas e organizações multilaterais de desenvolvimento com os países em que vivem. Assistimos, no Brasil, uma reação sistemática de boa parte da grande imprensa e de setores das elites econômicas, políticas e culturais em relação à orientação dada, desde o governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, à política internacional do país que, durante séculos, havia não só desprezado os próprios países vizinhos da América Latina, como havia mantido distância em relação aos países da Ásia e, principalmente, da África. Num país em que mais de cinquenta por cento da população tem descendência africana, o desconhecimento, a invisibilidade e o desprezo preconceituoso em relação à África e sua população é um dado indiscutível. A África só aparece como tema incidental na cobertura

internacional feita pela imprensa brasileira que, no entanto, nos oferece, todos os dias, mais detalhes sobre o que se passa na Europa e nos Estados Unidos do que o que ocorre em algumas áreas do próprio Brasil. O continente africano sempre foi visto, no máximo, como uma área destinada à exploração econômica, como fonte de recursos naturais e como campo para intervenções militares estrangeiras visando preservar os interesses ocidentais em seus países. As populações africanas nunca mereceram grande consideração, nunca foram levadas em conta quando se tomam decisões econômicas ou político-militares e diplomáticas a respeito do continente.

Qualquer agrupamento humano, mesmo em seus estágios mais iniciais, tende a estabelecer códigos de ordenamento e classificação de seus componentes. Seja através do uso da descendência, da genealogia, do pertencimento a famílias, clãs, tribos, etnias, seja através do pertencimento a dadas culturas, países, regiões, profissões, seja através das crenças ou religiões que professam, das ideias e convicções políticas e filosóficas que defendem, os homens e mulheres são classificados e hierarquizados, dispostos em taxinomias e códigos de pertencimento e de identidade. Desde as formas de organização mais elementares dos grupos humanos, o elemento estranho, o elemento estrangeiro tende a se constituir num problema para os sistemas classificatórios das comunidades humanas e das várias culturas. Os estrangeiros, assim que chegam, tendem a cair num vazio classificatório, tendem a assumir a condição de desclassificados, aqueles que não pertencem a nenhuma classe, a nenhum tipo de princípio ou de critério de classificação. Um dos incômodos causados pelo estrangeiro, o medo e a rejeição que pode infundir, advém do fato de que ele, ao chegar a uma dada comunidade humana, a uma dada sociedade, não pode ser facilmente localizado e definido por uma dada categoria classificatória dessa ordem social. O estranhamento que provoca advém de sua difícil localização na grade de categorias que definem aqueles que vivem onde ele chega. O estrangeiro tende a ser, assim, uma categoria à parte, a sua própria condição de estrangeiro passa a ser a categoria que o vai identificar e o definir. Mas, nesse caso, o que seria um estrangeiro, o que o definiria? Ao mesmo tempo em que

seria aquele que não obedece ou não corresponde a nenhuma categoria classificatória disponível para os nacionais, sendo definido por sua diferença e não por sua identidade em relação aos locais, ele seria distinguido pelo seu próprio estatuto de ser fora de qualquer critério de classificação — ele teria como definição o ser desclassificado.

Toda a produção cultural e a vida pública, a vida política e a econômica, das sociedades humanas, tendem a lidar com as populações, com as pessoas a partir de seus lugares nas tábuas de classificação disponíveis, em cada momento, para ordenar, fazer ver e permitir dizer os homens e mulheres que ali vivem. Quem está fora das categorias existentes, quem é um desclassificado, tenderá também a ser invisível, pouco dele se falará e ele será pouco levado em conta na hora de se tomar decisões políticas e econômicas. A xenofobia tende a emergir quando dados grupos humanos estão diante do estrangeiro, notadamente do estrangeiro radical, aquele que está completamente fora dos critérios e das categorias de classificação utilizadas numa dada sociedade. Os desclassificados, como tentarei discutir aqui, sofrem um tipo muito particular de xenofobia, aquela que nasce mais da invisibilidade do que da própria presença do estrangeiro. Seriam seres humanos tão distantes e tão diferentes daqueles possíveis de serem descritos, nomeados e definidos pelas categorias classificatórias disponíveis, que ele se torna invisível e indizível. A situação da maioria dos refugiados africanos, sobretudo daqueles que vivem amontoados aos milhares em campos de refugiados do próprio continente, vendo uma situação que deveria ser provisória se estender indefinidamente, parecem ser invisíveis e indizíveis, dada a sua condição de desclassificados. Vivendo, quase sempre, em acampamentos próximos a fronteiras, montados de forma precária, sujeitos a ter que se deslocar ou fugir várias vezes, esses homens e mulheres vivem, literalmente, situações liminares, vivem vidas que parecem habitar as próprias fronteiras e com elas se deslocarem. Eles tendem a, no máximo, se transformarem em cifras, em estatísticas que alimentam os pedidos de ajuda internacional e a própria denúncia de suas condições. Em fuga, eles perdem nomes, identidades, pertencimento espacial, deixam para trás memórias, signos de sua própria existência,

se transformam, na promiscuidade dos campos, em milhares de rostos e corpos sem pátria, sem família, sem nome, sem identificação. Poucas são as tentativas de dar materialidade e singularidade a essas existências, de fazê-los ocupar um lugar no mundo. Como gente que perdeu todas as referências que a situava no mundo, os desclassificados vão perdendo a própria condição humana, vão se tornando, como diria o filósofo italiano Giorgio Agamben, carne nua, corpos matáveis pelo abandono à fome, às epidemias, ao assassinio brutal e cruel. Eles fazem parte dos indizíveis e invisíveis do mundo, estrangeiros em relação à própria terra, vítimas de uma xenofobia radical.

Os estrangeiros à própria humanidade, como os africanos, notadamente se forem negros, pobres e imigrantes, são vítimas de xenofobia onde quer que se encontrem, onde quer que cheguem. Ou permanecem invisíveis e desprezados, no interior do próprio continente, ou se tornam os indesejáveis desclassificados quando migram em direção aos continentes e países onde vivem aquelas populações que efetivamente são consideradas habitantes do planeta. Na América Latina, temos um exemplo de país e de povo que parece não fazer parte da humanidade, de ser país e gente estranha e estrangeira, não só ao próprio continente, como a toda a humanidade: estamos falando do Haiti, não por mera coincidência, um país de população majoritariamente negra. O Haiti parece, ainda hoje, sofrer as consequências do isolamento internacional que lhe foi imposto pela França por causa da revolução haitiana ou da chamada revolta de São Domingo, que promoveu a independência do país em relação à colonização francesa e pôs fim à escravidão. Apesar das centenas de rebeliões escravas ocorridas em várias partes do mundo, a revolução haitiana foi a única a conseguir a vitória definitiva contra os colonizadores brancos, a maioria deles mortos ou executados durante o conflito, que se estendeu entre 1791 e 1804. A revolução haitiana passou a ser vista como um exemplo negativo para um mundo dominado por brancos, para um mundo onde ainda havia dezenas de países que adotavam a escravidão humana como regime de trabalho, para partes do mundo dominadas por elites escravistas e escravocratas. Embora o país passasse a ser governado por uma elite de

mulatos, em grande parte influenciada pelos padrões coloniais franceses, reproduzindo classificações e hierarquias sociais da época da escravidão e da colônia, os haitianos, como um todo, ficaram marcados pelo estigma de serem pertencentes a uma terra dominada por negros, por escravos, portanto, por gente sem nenhuma classe, por desclassificados. Visando impedir a propagação do exemplo haitiano, além do cerco econômico e político que o novo país passou a sofrer, agravando sua situação de subdesenvolvimento e pobreza, um cerco de silêncio e invisibilidade foi traçado em torno do país. Dividindo a ilha Hispaniola com o Haiti, a República Dominicana e seus habitantes são um exemplo claro de como os haitianos são vistos como perigosos e indesejáveis. Embora os pobres do país vizinho tenham se constituído historicamente como mão de obra temporária e barata para trabalhos na colheita da cana-de-açúcar, na construção civil e em outras atividades de salários mais baixos, os dominicanos têm, ao longo do tempo, mantido relações bastante inamistosas com os haitianos, objeto de xenofobia e racismo. Até o ano de 2010, a República Dominicana outorgava a cidadania a todo aquele que nascesse em seu território. Após o grande terremoto daquele ano, que destruiu não apenas grande parte dos edifícios do país, mas acabou de arruinar sua economia e jogar grande parte da população haitiana na miséria absoluta, foi aprovada uma nova Constituição, em que se prevê que a cidadania dominicana só será concedida a quem nasça no país e que tenha pelo menos um dos pais dominicanos. Citando essa Constituição, em 26 de setembro de 2010, o Tribunal Constitucional dominicano ditou uma sentença em que se resolvia que todo haitiano que chegou ao país para trabalhar nos canaviais depois de 1929 seria considerado pessoa "em trânsito" e, portanto, seus filhos não teriam automaticamente a cidadania dominicana, apesar de terem nascido no país. A tensão entre os dois países se agudizou, definitivamente, quando um parlamentar de direita defendeu no Parlamento dominicano a construção de um muro na fronteira entre os dois países. Em represália, quem efetivamente iniciou a construção de um muro no ponto fronteiro de Valdère, em frente à comunidade de Carrizal na República Dominicana, foi o governo do Haiti, muito

preocupado também com a fuga em massa de sua população depois do grande sismo.

Portanto, não é nenhuma surpresa que os haitianos sofram preconceito e sejam objeto de xenofobia onde cheguem. Apesar de todo o espetáculo midiático por ocasião da catástrofe natural, com o desembarque de autoridades de vários países, de estrelas do cinema e da televisão, inclusive da seleção brasileira de futebol, passados mais de cinco anos do grande terremoto, as prometidas ajudas internacionais e a reconstrução da capital, Porto Príncipe, ainda estão por se materializar totalmente. Quando do terremoto, o governo haitiano calcula que cerca de trezentos e dezesseis mil pessoas tenham morrido e um milhão e meio tenham ficado desabrigadas. Não é de surpreender, portanto, que os haitianos venham se lançando à imigração, se submetendo a pagar traficantes de pessoas, a embarcarem em precárias embarcações, para conseguir abandonar o país. Um mês após a ocorrência do terremoto, notou-se a presença crescente de haitianos que cruzavam a fronteira do Brasil, no município de Tabatinga, no Amazonas. A presença de haitianos no país era praticamente inexpressiva até então. Segundo o IBGE, em 2010, o Brasil possuía apenas trinta e seis haitianos residentes. Como o Brasil foi escolhido, no ano de 2004, pela Organização das Nações Unidas para chefiar a missão de estabilização daquele país, convulsionado por distúrbios políticos e tomado pela violência de grupos armados que haviam deposto o presidente recém-eleito Jean-Bertrand Aristide, que não contava com a simpatia dos Estados Unidos e nem da França, e não conseguiam se entender para a montagem de um governo provisório e/ou legítimo, houve uma aproximação entre haitianos e brasileiros, embora alguns soldados brasileiros tenham sido objeto de hostilidade de grupos haitianos e alguns deles tenham sido acusados de atitudes racistas e xenófobas, inclusive de violência sexual contra haitianos. Talvez por estar há muito tempo chefiando essa missão de paz no Haiti, o Brasil tenha sido visto pelos haitianos como um dos poucos países que conseguiam enxergar a existência do país e de seu povo, tornando-se assim o principal destino de imigração dos haitianos, um ponto de referência. Sabedores da extrema rejeição que sofrem

ao tentar migrar para países como os Estados Unidos, Canadá, República Dominicana e França, onde são vistos como párias do mundo, como desclassificados, como indesejáveis, começaram a se dirigir ao único lugar onde parecia que seriam bem-vindos: o Brasil. Segundo o governo do Estado do Acre, desde dezembro de 2010, cerca de cento e trinta mil haitianos entraram pela fronteira daquele Estado brasileiro com o Peru. A maioria desses haitianos, como sói ocorrer com todos os desclassificados do mundo, chegam ao país sem documentação, como imigrantes ilegais; no entanto, o governo brasileiro autorizou que fossem registrados como refugiados, mesmo não atendendo à tipificação e às exigências legais para assim serem classificados: estar sendo perseguidos em seus países por motivo político, étnico ou religioso, o que não é o caso da população haitiana, que foge apenas da miséria, da fome, do caos e do abandono em que vive seu país.

Essa atitude de solidariedade do governo brasileiro, autorizando aos haitianos a condição de refugiados, o que permite que tenham acesso a serviços públicos de educação e saúde, podendo solicitar passaporte, carteira de trabalho e CPF, passando a ter os mesmos direitos dos cidadãos brasileiros, não tardou a gerar reações xenófobas, racistas e preconceituosas nos meios de comunicação e por parte de autoridades e pessoas através das redes sociais, deixando claro que a questão de como são classificados é um dos primeiros problemas que tem que enfrentar um estrangeiro ao chegar a outro país, pois dessa classificação muito dependerá o seu futuro, o tipo de relações que poderá manter na sociedade receptora e como nela será visto. Os haitianos passaram a ser objeto, inclusive, da luta política entre o Partido dos Trabalhadores e o Partido da Social-Democracia Brasileira. O governador do Acre, pertencente ao PT, assoberbado pela chegada massiva de imigrantes ao Estado, autorizou o atendimento de pedido dos haitianos que queriam transporte para se deslocarem até o Estado de São Paulo e enviou, entre março e abril de 2014, ônibus com cerca de quatrocentos imigrantes, o que causou uma imediata reação xenófoba de parte dos meios de comunicação paulistas e do governo do Estado, chefiado pelo governador Geraldo Alckmin, do

PSDB. A secretária de Justiça do Estado de São Paulo declarou-se indignada e preocupada com a chegada dos haitianos ao Estado e tachou a atitude do governo acreano de irresponsável. Entre 2010 e 2014, cerca de vinte mil haitianos chegaram ao Brasil através do Acre, notadamente das cidades de Brasileia e Epitaciolândia, onde foram montados acampamentos para recebê-los. Muitos, assim que conseguem a documentação, deslocam-se para a capital, Rio Branco, e daí para outros Estados, notadamente os do Sudeste e Sul do país, onde vêm ocorrendo manifestações de xenofobia, que já foram aqui tratadas em capítulo anterior.

O Haiti e os haitianos, assim como a maior parte dos países e dos imigrantes e refugiados africanos, parecem constituir uma parte da humanidade que vive na condição de estranha em relação ao restante do mundo. Eles vivem situações de extremo abandono, descaso, miséria, violência, exploração, fome, em situações de nomadismo forçado, sem nacionalidades, sem papéis, sem nome. Eles constituem uma boa parte da humanidade que parece não ter existência, que parecem ser estrangeiros em relação ao próprio planeta e à própria humanidade. Eles vivem, em grande medida, das migalhas que caem do repasto de outros povos e países, eles vivem da caridade e do voluntariado de milhares de pessoas e instituições, eles parecem carecer da cidadania em relação ao planeta, eles não são cidadãos do mundo, como costumam se classificar, orgulhosas, as elites empresariais, políticas e intelectuais que capitaneiam o processo de globalização do capital e das atividades políticas, midiáticas, diplomáticas, artísticas e culturais. Eles são os sem classe, os desclassificados do mundo, aqueles para os quais nenhuma parte do planeta parece guardar lugar, aqueles que não são bem-vistos, bem-vindos ou bem ditos, bem tratados, bem recebidos em nenhum lugar da terra. Eles vivem a perambular pelo planeta em busca de uma sociedade, de uma cultura, de uma terra que lhes possa acolher, que possa dar a eles nomes, papéis, empregos, meios de vida, um lugar de moradia e de existência jurídica e cultural. Eles não se importam de ser classificados, não importa que classificação venham a receber, em que gaveta categorial eles serão alojados. O que querem é deixar o limbo

em que vivem, a situação liminar em que se encontram. Eles querem deixar de perambular como fantasmas, como figuras fantasmagóricas, a quem ninguém mira, a quem ninguém dirige a palavra, a não ser para agredir, vituperar, reclamar. Eles querem ser corpos que não mereçam apenas ser encurralados, como gado, em grandes campos de refugiados, entregues, ao relento, à sua própria sorte.

Faz parte da realidade contemporânea essa massa de rejeitados, de recusados, de seres que vivem à mercê de todas as sevícias, de todas as humilhações, de todas as formas de violência física e simbólica, simplesmente porque não fazem parte de nenhum regime de classificação, de hierarquia, não pertencem, ao fim e ao cabo, à ordem mundial. O poeta e músico brasileiro, Caetano Veloso, já dizia, há algum tempo, que alguma coisa estava fora da nova ordem mundial, mas, talvez, o fato ainda mais grave, é que alguém, muitos alguéns, não encontram lugar nessa nova ordem mundial, eles são os seres da desordem, do caos, por excelência. A canção *Fora da Ordem* intui um dos grandes dramas contemporâneos, uma ordem mundial que concentra nas mãos de sessenta e dois bilionários a mesma riqueza que é partilhada por metade da população do mundo. É nessa ordem desordenada que emerge essa figura do estrangeiro radical, do estrangeiro ao planeta e à própria espécie, o pária, o apátrida, o desclassificado, o restolho humano, que padecerá de preconceito, de rejeição, que infundirá medo e provocará aversão onde quer que esteja. O racismo e a xenofobia serão os sentimentos que despertará onde chegar, pois não importa a cor de sua pele ou sua origem étnica, pois ele já não faz parte é da raça humana, se é que isso existe; ele será sempre estrangeiro, até em sua própria terra, como os ciganos em vários países da Europa ou os palestinos em Israel. Em outra canção profética, o mesmo Caetano Veloso, no ano de 1993, quase uma década antes da chegada massiva de haitianos ao Brasil, chamava atenção para como os negros eram tratados na sociedade brasileira, notadamente, na sociedade baiana, onde constituem uma maioria sujeita a todo tipo de violência e arbitrariedade. Ao ver "cenas de soldados quase todos pretos dando porrada na nuca de malandros pretos e de ladrões mulatos e outros quase brancos tratados como

pretos, só para mostrar aos outros quase pretos (e são quase todos pretos), como é que pretos, pobres e mulatos, e quase pretos, quase brancos de tão pobres são tratados”, ele aconselhava a se pensar no Haiti e a se rezar pelo Haiti, a terra símbolo da rebeldia negra, e profetizava “o Haiti é aqui, o Haiti não é aqui”. Na sua canção *Haiti*, Caetano Veloso propunha algo que quase ninguém no Brasil, à época, se propunha a fazer: pensar no Haiti, muito menos rezar por aquele país, terra e povo, até então, praticamente inexistentes para os brasileiros, mesmo numa cidade como Salvador, e num Estado como a Bahia, que possui uma grande população afrodescendente, que poderia conhecer e se orgulhar da nação onde escravos africanos derrotaram a metrópole e instalaram um Estado próprio. Sempre que humilhados e massacrados, os negros deveriam pensar no Haiti como um símbolo de afirmação, mas o que se tem é o esquecimento de sua própria existência. Agora, cada vez mais, o Haiti é aqui, com a chegada dos imigrantes haitianos, embora, para muitos da sociedade brasileira, ele continuará não sendo aqui, não sendo ali, não sendo em lugar nenhum. O Haiti e os haitianos simplesmente não deveriam existir, essa é a xenofobia radical, que destina à invisibilidade e à própria inexistência povos e países inteiros. Eles não contam, eles não podem ser contados, pois faltam categorias para nomeá-los, eles são os desclassificados, os que não estão ou não são nem daqui, nem daí, nem dali, nem de acolá. Eles são insituáveis, por isso amedrontam e são rejeitados radicalmente, como não fazendo parte nem dessa ordem, nem desse mundo.

9

DISTINTAS CONVICÇÕES



Foto: Murad Sezer.
Foto autorizada pelo LatinStock/Reuters, 26/06/2016.

Curdos na fronteira da cidade de Suruc na Turquia,
cercados por tropas e arames farpados.

Dezembro de 2015. Milhares de soldados das forças de segurança da Turquia se deslocam para o sudeste do país, para sete cidades que ficam na fronteira com o Iraque. Nelas, concentra-se grande parte da população curda que há muitos anos luta pela formação de um Estado independente, o Curdistão, que seria formado pelos territórios habitados por essa etnia na Turquia, no Iraque, no Irã, na Síria, na Armênia e no Azerbaijão. Após o fim do cessar fogo de dois anos que interrompera os enfrentamentos entre os militares turcos e os guerrilheiros do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), organização que encabeça a luta pela autonomia desse território, o governo turco promete pacificar a região, ocupando militarmente os bairros em que se concentrariam as forças da resistência curda. Desde o fim do cessar fogo, a retomada dos enfrentamentos militares já provocou a fuga de suas casas de mais de duzentas mil pessoas e cerca de quinhentas e sessenta pessoas, entre elas cento e cinquenta civis, já teriam sido mortos. O governo da Turquia decretou toque de recolher nas principais cidades curdas, notadamente em Cizre e Silopi, e usou arame farpado para levantar uma cerca, na fronteira com o Iraque, visando impedir a entrada de guerrilheiros curdos vindos daquele país ou a fuga daqueles que atuam na Turquia, o que também impede a passagem das populações civis curdas que fogem do conflito. Os curdos são, atualmente, a mais numerosa nação sem Estado em todo o mundo, somando cerca de vinte e seis milhões de pessoas. Eles se organizam em clãs, e em várias regiões falam o curdo, uma língua própria, professando, em sua maioria, a religião

muçulmana sunita. Os conflitos na Turquia, várias vezes, estendem-se para a região dominada pelos curdos no Iraque. Nesse país, os curdos foram vítimas de um dos mais cruéis massacres de que se tem notícia, o massacre de Halabja ou da Sexta-feira Sangrenta, ocorrido no dia 16 de março de 1988, quando, no final da guerra entre Irã e Iraque, o ditador Saddam Hussein utilizou armas químicas para atacar as populações curdas que vivem ao norte do país. Naquele que continua sendo considerado o maior ataque com armas químicas contra populações civis na história, morreram imediatamente entre três mil e cinco mil pessoas e quase dez mil pessoas teriam ficado feridas, a maioria delas civis. Nos anos subsequentes, outras mortes continuaram ocorrendo, provocadas pelos efeitos colaterais e por doenças congênitas motivadas pela inalação dos gases tóxicos.

Se os curdos não aceitam a nacionalidade dos países em que vivem, se lutam politicamente pela autonomia, estabelecendo, inclusive, formas de governo e organização próprias nos territórios sob seu domínio, eles são malvistas e sofrem xenofobia por parte dos habitantes daqueles países que não reconhecem como sendo os seus. Se a xenofobia, se o medo ou a rejeição ao estrangeiro, muitas vezes aparece aliada ao racismo, ao etnocentrismo, ao nacionalismo, ao preconceito de classe, gostaria, neste capítulo, de tratar da xenofobia provocada por motivos ideológicos, por diferenças entre as convicções políticas de alguns povos que, muitas vezes vivendo juntos, não se aceitam ou se toleram por pensarem politicamente diferente. Recentemente, assistimos, no Brasil, reações marcadas pelo racismo e por uma histeria xenófoba contra os médicos cubanos, tanto nos meios de comunicação, nas redes sociais, como por parte das organizações médicas. Vemos, em episódios como o ocorrido na cidade de Fortaleza, no dia 26 de agosto de 2013, em que médicos cubanos foram recebidos com vaias e xingamentos racistas e xenófobos por parte de colegas médicos, quando do desembarque no aeroporto, associa-se o racismo ao preconceito ideológico contra Cuba, primeiro país em toda a América a realizar uma revolução socialista. Os cubanos são objeto de xenofobia por sua cor de pele mas, principalmente, por representarem uma outra forma de pensar e praticar a própria medicina,

desligada de interesses mercantis como sói ser qualquer atividade num regime de mercado. Em alguns meios de comunicação, representantes dos interesses do capital, pretensamente defensores dos valores liberais, os cubanos chegaram a ser chamados de “escravos” por aceitarem contratos e formas de trabalho que obedecem a concepções distintas do próprio trabalhar e a quem deve servir o trabalho. Também por motivos político-ideológicos, a Venezuela e seu povo vêm sendo objeto de tratamento preconceituoso e xenófobo por uma boa parte da imprensa brasileira e internacional. *Bolivariano* tornou-se uma pecha e um xingamento, que se alimenta do já antigo preconceito contra os nossos vizinhos latino-americanos, sempre tratados como inferiores em termos de humanidade. A maneira como os bolivianos, que têm migrado para nosso país, são tratados no cotidiano e retratados pela imprensa também expressa o desprezo com que as elites brasileiras, pretensamente brancas e europeias, olhavam e olham para esses povos descendentes de indígenas, com corpos e rostos de indígenas, que são nossos vizinhos. Esse preconceito se acentuou à medida em que Evo Morales, um descendente de indígena, chegou à presidência do país e iniciou um governo ideologicamente identificado como de esquerda.

Desde que a Rússia invadiu e anexou a Criméia, uma região autônoma do sul da Ucrânia, no início do ano de 2014, a xenofobia antiamericana vem num crescente no país, ao mesmo tempo em que o sentimento antirrusso espalha-se pela Europa. Desde que saíram da Segunda Guerra Mundial como as duas maiores potências militares do planeta e passaram a protagonizar um conflito político e ideológico, que confrontava o socialismo ao capitalismo, conflito que passou a ser chamado de Guerra Fria, a xenofobia entre os estadunidenses e os russos tendeu a se acentuar. Povos marcados por extremados nacionalismos e por uma história de conquistas territoriais e expansionismo imperialista, os norte-americanos e os russos desenvolveram uma enorme desconfiança em relação ao outro, nascida de um sentimento de medo de invasão e de guerra. O cinema americano, notadamente aquele produzido pelos grandes estúdios de Hollywood, alimenta permanentemente as fantasias e o imaginário ligado ao que

seria o “perigo russo”: ameaças permanentes representadas pela espionagem, pela sabotagem, pela invasão militar ou pelo ataque nuclear. A xenofobia, por motivos ideológicos, torna o estrangeiro um eterno suspeito de ser um inimigo do país em que está radicado, um “quinta coluna”, um infiltrado, um agente da espionagem internacional, um conspirador. São essas mesmas imagens, essas mesmas figuras, que a crise recente entre a Rússia e as potências ocidentais, por causa da invasão da Criméia e do apoio do governo russo aos grupos separatistas na Ucrânia, vêm mobilizando, fazendo ressurgir com força na sociedade russa a xenofobia antiamericana. No dia 11 de abril de 2014, um enorme *banner* foi desenrolado em frente à livraria Dom Knigi, uma das maiores do país, que fica em frente a uma agência do Citibank, a uma loja de sorvetes da marca Baskin-Robbins e a uma loja da Dunkin’ Donuts. Muito próximo a um cinema que exibia o filme *Capitão América 2: o soldado invernal*, uma das muitas películas de propaganda nacionalista americana, o *banner* continha frases xenófobas contra os estadunidenses, chamados de “quinta coluna” e “estranhos entre nós”. Essas mesmas expressões foram usadas pela mídia estatal e pelo presidente Vladimir Putin em declarações públicas em que alegava que alguns políticos ocidentais falavam na possibilidade de problemas políticos internos do país; segundo ele, se isso viesse a ocorrer só poderia advir de ações a cargo de uma quina-coluna, de “traidores da pátria”. Um site, cujo título traduzido para o português seria *traidor.net*, vem publicando fotos de políticos e personalidades do país que são contrários à política da Rússia em relação à Criméia e à Ucrânia, e ainda convida os leitores a indicar o nome de um “traidor”. O governo Putin criou um comitê liderado pelo chefe de gabinete para elaborar uma nova “política estatal para a cultura”. Ela visa enfatizar que a Rússia não é a Europa e instigar a “rejeição dos princípios do multiculturalismo e da tolerância”, ou seja, uma política cultural que torna a xenofobia uma prática oficial e legal.

A xenofobia ligada a convicções políticas e ideológicas conflitantes tende a tornar o refugiado ou o exilado político *persona non grata* nos países em que solicita o refúgio ou o exílio. Dois episódios

recentes ocorridos no Brasil explicitaram como concepções políticas podem alterar a forma como os estrangeiros são vistos em um dado momento e em um dado país. Os órgãos que compõem a grande imprensa no Brasil reagiram de maneiras diametralmente opostas nos casos que envolveram os pugilistas cubanos que teriam tido seu pedido de asilo político negado pelo governo brasileiro, quando da realização dos Jogos Pan-Americanos, no Rio de Janeiro, em 2007, e a negativa do pedido de extradição feito pelo governo italiano ao governo brasileiro do político, militante de esquerda e ex-integrante de guerrilha de esquerda italiana, considerada terrorista, Cesare Battisti, condenado à revelia em seu país à prisão perpétua, em 2010. Em ambos os casos, a imprensa se colocou contra o governo brasileiro por motivos políticos e ideológicos: em um dos casos, contra a continuidade do estrangeiro no país; no outro, a favor da permanência, embora sejam os mesmos órgãos de imprensa que veicularam mensagens xenófobas contra os médicos cubanos quando da criação do programa Mais Médicos.

A xenofobia no Brasil vem crescendo, assim como na Rússia, Estados Unidos, Turquia e outros países pelas posturas dos meios de comunicação que hostilizam, por motivos ideológicos e políticos, dados países e seus governos, o que termina por levar à intolerância em relação a seus habitantes. A adoção de políticas mais liberais ou inclusivas em relação aos imigrantes por parte de dados governos levam a que eles sofram pesadas críticas nos meios de comunicação mais conservadores e nacionalistas, o que termina por criar um clima de medo, insegurança e agressividade em relação a dados agrupamentos de imigrantes. O decreto de reforma imigratória apresentado pelo presidente americano Barack Obama, ele próprio filho de um imigrante africano, que regularizou a situação de cerca de cinco dos onze milhões de imigrantes ilegais, gerou forte reação de lideranças do Partido Republicano no Congresso e levou ao aparecimento de inúmeras matérias xenófobas nos órgãos de imprensa mais conservadores do país. Metade dos imigrantes ilegais que vivem nos Estados Unidos é mexicana e se concentra nos Estados da Califórnia, do Texas (Estado cujo território já pertenceu ao México e foi anexado pelos

EUA em 1846), Nova York, Flórida, Illinois e Nova Jersey. O decreto sobre imigração do presidente do Partido Democrata e o fato de a maior parte dos imigrantes ilegais ser mexicana tornou a imigração estrangeira e, notadamente, a imigração de mexicanos, um dos temas centrais da campanha para a escolha do candidato que concorrerá nas próximas eleições presidenciais pelos republicanos. A ascensão inesperada da candidatura do magnata Donald Trump no interior do Partido Republicano se deu à medida que vem explorando a xenofobia contra os imigrantes ilegais, associando-a a concepções políticas e ideológicas. Trump vem, com sucesso, associando o Partido Democrata ao que seria uma postura de permissividade em relação à imigração e à ameaça que ela representaria para o próprio país, seu enfraquecimento e a perda de sua identidade. Os mexicanos foram grotescamente associados a traficantes de drogas, que estariam sendo responsáveis pela destruição da juventude americana. Prometendo ser "o melhor presidente que uma vez Deus criou", classificou os mexicanos de "criminosos" e "violadores" e defendeu a construção de um muro de cerca de três mil quilômetros separando o México dos Estados Unidos. Não será a primeira vez que por motivo de lutas políticas e ideológicas muros e cercas sejam levantados entre países, tentando impedir a entrada ou a saída de suas populações. O mais conhecido e famoso deles foi o Muro de Berlim, que separou a cidade em duas regiões distintas, uma sob o controle do regime socialista da República Democrática Alemã, também conhecida como Alemanha Oriental, e a outra sob o controle da República Federal da Alemanha, também chamada de Alemanha Ocidental. Mais, ainda hoje, um muro de concreto armado, com arame eletrificado, erguido sobre o paralelo trinta e oito, separa a Coreia do Norte, governada por uma ditadura que se nomeia de comunista e a Coreia do Sul, que vive sob um regime capitalista, impedindo que membros de uma mesma família possam se encontrar, muitas delas separadas desde o fim da Guerra da Coreia, que terminou em 1953, com a divisão do país em duas zonas de influência. Os norte-coreanos são vítima de xenofobia em todos os países ocidentais por causa do regime político que impera em seu país, da mesma maneira que qualquer ocidental

não é bem-visto na Coreia do Norte, sendo imediatamente suspeito de ser espião ou agente que visa sabotar e desestabilizar o regime do país, além de que a ideia de que os norte-coreanos constituem uma raça mais pura é disseminada entre a população. Em ditaduras, como a que governa a Coreia do Norte, a xenofobia motivada por convicções políticas e ideológicas tende a se acentuar; o estrangeiro passa a ser imediatamente identificado como uma ameaça ao sistema político vigente, notadamente se eles vêm de países considerados inimigos.

O mundo contemporâneo está repleto de muros e cercas que tentam conter, por motivos políticos e ideológicos, o acesso de dadas populações a determinados países. Os meios de comunicação dos países europeus e dos Estados Unidos tão pressurosos em tratar e denunciar os muros e cercas que se erguem nos países e continentes considerados subdesenvolvidos ou em desenvolvimento; costumam fechar os olhos para as cercas e muros que são por eles patrocinados. Se o governo espanhol vive protestando contra as barreiras de concreto que separa Gibraltar, um enclave britânico, do seu próprio território, faz de conta de que não foi ele que patrocinou o levantamento de muros e cercas eletrificadas que separam as cidades de Ceuta e Melilla, enclaves espanhóis, do território do Marrocos. Esses, que ficaram conhecidos como muros do Mediterrâneo, remetem a situações políticas que resultam de acontecimentos históricos bastante distantes no tempo. Gibraltar é um estreito que surgiu do afastamento entre as placas tectônicas Euro-asiática e Africana, sendo um ponto estratégico do ponto de vista militar e comercial por ficar próximo da embocadura do mar Mediterrâneo e de seu encontro com o oceano Atlântico, sendo o ponto mais próximo entre a Europa e o norte da África, permitindo o controle do tráfico de navios. Foi através de Gibraltar que os árabes muçulmanos invadiram a Península Ibérica, comandados pelo general berbere Táriq, que emprestou seu nome ao penhasco que compõe a maior parte do território, já que o nome Gibraltar vem de *Yabal Táriq*, que significa "montanha de Tárique" em árabe. O estreito de Gibraltar passou a mãos britânicas no quadro da chamada Guerra de Sucessão Espanhola, que se desenrolou entre os anos de 1701 e 1713, que teve como causa principal a morte sem

descendência do imperador Carlos II da Espanha, último representante da Casa de Habsburgo, levando à ascensão um imperador pertencente à Casa dos Bourbons. No interior da Espanha, instaurou-se uma guerra civil entre borbônicos, comandados pela Coroa de Castela, e os chamados austracistas, defensores da casa austríaca dos Habsburgos, apoiados na Coroa rival de Aragão. A guerra terminou por envolver grande parte da Europa, já que os dois lados do conflito mobilizaram o apoio de outras monarquias da Europa e levou ao fim da monarquia federada na Espanha e à centralização do poder nas mãos dos reis de Castela, com a derrocada da Coroa de Aragão, com a capitulação de Barcelona em 1714 e de Mallorca em 1715, frente às tropas do rei Felipe V. Em apoio às pretensões ao trono de Espanha do arquiduque austríaco Carlos Francisco de Habsburgo e Neoburgo, tropas britânicas e holandesas ocuparam várias áreas no sul da Espanha, entre elas o estreito de Gibraltar. Quando da celebração do Tratado de Utrecht, em 1713, que pôs fim ao conflito, para ter direito a continuar no trono espanhol, Felipe V abriu mão de todas as suas possessões na Europa, entregando a ilha de Menorca nas Baleares e Gibraltar à Grã-Bretanha e os Países-Baixos espanhóis ao império austríaco. A Espanha continua reivindicando até hoje seu direito de soberania sobre o penhasco, direito reconhecido pela Organização das Nações Unidas, onde Gibraltar goza do estatuto de território autônomo, que deve ser objeto de descolonização. Todas as vezes que foram consultados através de plebiscito, os moradores de Gibraltar negaram-se a perder a cidadania britânica e recusaram a anexação do estreito ao território espanhol. Essas decisões, assim como ocorre com a população das ilhas Malvinas, outra possessão inglesa que pelas leis e decisões internacionais já deveria ter sido entregue à Argentina, ocorrem nitidamente por uma visão preconceituosa e xenófoba construída pelas autoridades britânicas e pelos ingleses que migraram e passaram a habitar esses territórios em relação tanto a espanhóis quanto aos argentinos. A xenofobia sempre foi um elemento presente nos discursos que visavam e visam justificar e legitimar a perpetuação de domínios coloniais e imperialistas. A ideologia da superioridade racial e civilizacional britânica resulta na construção

de uma imagem degradada e negativa de outras nações e outros povos, notadamente dos latinos, dos países do sul da Europa e, por extensão, dos povos e territórios que colonizaram, como a Argentina.

No entanto, a mesma Espanha mantém o controle sobre duas cidades no interior do território do Marrocos, no norte da África, fruto de conquistas coloniais feitas, também, em tempos bem recuados. A conquista de Ceuta, cidade muçulmana no norte da África, por tropas portuguesas sob o comando do rei João I, em 22 de agosto de 1415, dá início à expansão ultramarina portuguesa e sela o fim da conquista do território português aos muçulmanos. Importante centro comercial, por onde passava grande parte dos navios que circulavam no Mar Mediterrâneo, a cidade passou a ser disputada por marroquinos e espanhóis, além da presença britânica e holandesa, sendo reconhecida como possessão portuguesa pelos tratados de Alcáçovas (1479) e Tordesilhas (1494). As guerras constantes e o desvio das rotas comerciais fez com que a cidade caísse no abandono por parte dos colonizadores portugueses. Em 1668, com o primeiro tratado de Lisboa, a cidade foi anexada ao domínio espanhol. Em 1812, os espanhóis a transformam num *ayuntamiento* constitucional ligado juridicamente ao território do município de Granada. Em 1912, a Espanha estabelece o chamado Protetorado Espanhol de Marrocos, que durou até a independência marroquina em 1956. No entanto, alegando que o domínio espanhol sobre a cidade de Ceuta seria anterior à formação de qualquer Estado marroquino, o governo espanhol se negou a entregar a cidade, que foi reconhecida como parte integrante da Espanha, pela constituição de 1978, ganhando o estatuto de cidade autônoma, com governo próprio, por real decreto de 1995. Melilla é um importante porto do Mar Mediterrâneo, localizado na parte oriental da cadeia de montanhas Rif, com pouco mais de dezesseis quilômetros de extensão e uma população de cerca de sessenta e sete mil pessoas. O império espanhol passou a dominar a cidade no ano de 1497, quando é anexada ao domínio da Coroa de Castela; no entanto, no período entre 1860 e o primeiro terço do século XX, foi palco de constantes conflitos entre espanhóis e forças marroquinas das tribos rifenhas e Djebali, que terminaram por desembocar na chamada Guerra do Rif,

também conhecida como Segunda Guerra Marroquina, entre 1920 e 1926. Somente com a ajuda de tropas francesas os espanhóis conseguiram sair vencedores no conflito e manter o controle sobre a cidade. É preciso lembrar que foram as tropas espanholas sediadas em Melilla, sob o comando do general Francisco Franco, que deram início ao levante armado contra o governo republicano e à guerra civil espanhola. Na década de 1990, iniciou-se a construção das cercas e muros que separam as duas cidades espanholas do restante do território do Marrocos, visando, principalmente, evitar que as cidades se constituíssem em portas de entrada de imigrantes africanos, não só no território espanhol, mas de toda a Europa, já que foi justamente quando os tratados da União Europeia entraram em vigor, pondo fim às fronteiras entre os países do bloco, que a chamada vigilância sobre as fronteiras externas do bloco se acentua. Entrar na cidade de Ceuta ou na cidade de Melilla, embora estejam situadas no continente africano, faz com que se esteja entrando na Europa e isso deveria ser evitado. Com a recente crise provocada pela imigração, é crescente o número de imigrantes subsaarianos que se aglomeram nas proximidades das duas cidades e tentam desesperadamente formas de escalarem ou romperem as cercas e muros das duas cidades. Como se pode imaginar, o medo de uma invasão de africanos exacerba o sentimento xenóforo entre os habitantes dos dois enclaves, que costumam votar em lideranças políticas conservadoras e com discursos marcados pela xenofobia.

Muitos dos discursos e práticas xenófobos com caráter político e ideológico apoiam-se em acontecimentos históricos ou são alimentados pela memória e pelo ressentimento em torno de episódios do passado. A longa história de conflitos envolvendo a Europa e o norte da África, desde pelo menos as famosas Guerras Púnicas, que entre os anos de 246 a 146 a.C. colocaram frente a frente as duas grandes potências que disputavam o domínio político e comercial do Mediterrâneo: Cartago, localizada nas costas da atual Tunísia, onde hoje se localiza a cidade de Túnis e Roma, que já dominava toda a península itálica, a Sicília e a Magna Grécia, se refletem na forma como as populações das duas cidades espanholas no Marrocos são vistas e se

veem: elas são consideradas e se consideram como se fossem as sentinelas guardando a entrada da civilização europeia e cristã contra o ataque dos bárbaros africanos e muçulmanos. Elas assumem não apenas o lugar de fronteira territorial, mas de fronteira civilizacional, fronteira entre os valores e costumes ditos ocidentais, europeus e cristãos e o que seria os valores estranhos, os costumes estrangeiros, atrasados, bárbaros, pouco civilizados dos habitantes da África. A xenofobia contemporânea mobiliza imagens, mitos e fantasias coloniais e imperiais, estabelecendo fronteiras imaginárias, simbólicas, que terminam por se materializar através de muros e cercas.

Os vários povos que foram objeto das conquistas e domínios do Império Russo e depois da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas guardam enorme ressentimento e rejeição aos russos. Desde os finlandeses, passando por estonianos, letões, lituanos, bielo-russos, moldavos, ucranianos, armênios, azerbaijanos, uzbeques, georgianos, veem com desconfiança, medo e aversão seus antigos dominadores. O mesmo ocorre com os tibetanos em relação aos chineses ou com os vietnamitas em relação aos americanos. Acontecimentos históricos traumáticos deixam marcas difíceis de apagar e se manifestam através de reações de xenofobia em relação às populações dos países cujos governos as realizaram. As duas guerras sino-japonesas, ocorridas entre os anos de 1894-1895 e 1937 e 1945, e as atrocidades cometidas contra a população chinesa pelas tropas japonesas de ocupação durante a Segunda Guerra Mundial deixaram marcas profundas entre os chineses que manifestam clara animosidade xenófoba em relação aos japoneses. Assim como os coreanos, que também foram objeto de domínio, exploração e violência por parte dos japoneses nesse período. Os distintos interesses políticos e as diferentes convicções e doutrinas que promoveram e apoiaram essas intervenções militares terminam por dar origem a uma forma particular de xenofobia, aquela assentada em medos, ressentimentos e aversões causadas pela memória coletiva de eventos do passado.

Se a Polônia é, nos dias atuais, um lugar fértil para ideologias xenófobas, para a militância de grupos nacionalistas extremados, para a formação de grupos de direita que rejeitam a própria participação

do país na União Europeia, isso se deve a traumas históricos sofridos pela população do país e a ressentimentos há muito tempo guardados contra seus dois mais poderosos vizinhos: a Alemanha e a Rússia. Esse ressentimento tem como principal motivo o episódio da invasão da Polônia pelos exércitos dos dois países, no ano de 1939, dando início à Segunda Guerra Mundial. Uma semana depois da assinatura do tratado de não agressão entre os governos de Adolf Hitler e Joseph Stalin, o chamado pacto Molotov-Ribbentrop, tropas alemãs e soviéticas invadiram o território polonês, terminando com a divisão e anexação do território da Polônia pela Alemanha e pela União Soviética. O Tratado de Versalhes, que pôs fim à Primeira Guerra Mundial, criara o chamado corredor polonês (expressão hoje usada para se referir a uma situação em que alguém se vê atacado por agressores perfilados em dois lados), uma região sob o domínio da Polônia que separava a Alemanha da Prússia Oriental. Sob o pretexto de reconquistar esse território, Hitler invade e anexa uma parte do território polonês, onde vivia grande número de judeus que serão paulatinamente exterminados (o território polonês abrigou alguns dos maiores campos de concentração e extermínio nazistas como: Auschiwitz-Birkenau, Belzec, Chelmno, Majdanek, Sobibór e Treblinka). A invasão soviética não foi menos cruel do que a invasão nazista; em apenas um dia, 5 de março de 1940, as tropas soviéticas de ocupação assassinaram, a sangue frio, com tiros na cabeça, cerca de três mil oficiais poloneses que eram prisioneiros de guerra, levados de carro até a floresta de Khatyn, onde foram mortos e enterrados em valas comuns. O chamado massacre de Khatyn, atribuído aos alemães, pelos soviéticos, que negaram sua autoria até o ano de 1990, quando o governo de Mikhail Gorbachev assumiu as responsabilidades pela matança, tornou-se uma mácula inapagável da memória polonesa e motivo de reações xenófobas contra os russos. Nas últimas eleições para o parlamento polonês, ocorridas em 25 de outubro de 2015, o partido de extrema-direita Lei e Justiça conseguiu a maioria absoluta, podendo formar, pela primeira vez, desde 1989, um governo sem precisar de aliança com outros partidos. A principal bandeira do partido durante a campanha foi o afastamento da Polônia da União

Europeia e sua não entrada na chamada zona do Euro, que adota a moeda única. O partido soube explorar o histórico ressentimento xenófobo dos poloneses contra os alemães, principal economia da zona Euro, acusada de usar o território polonês para exportar suas mercadorias e para instalar suas empresas pagando salários três vezes menores do que pagam aos trabalhadores em solo alemão. A longa permanência de um país de população católica sob um regime político dito socialista, sob a influência direta da União Soviética, oficialmente ateu e marcado por uma forte repressão política, faz com que o conservadorismo político também tenha tanta presença na Polônia. A xenofobia polonesa, portanto, tem raízes históricas e é marcada por traumas e ressentimentos deixados por convicções políticas e ideológicas extremadas. Os poloneses, assim como os espanhóis, guardam sentimentos de recusa a alguns estrangeiros devido às marcas deixadas, entre eles, pelos episódios ligados a algumas ideologias extremadas do século XX, como o nazismo e o bolchevismo.

Quando a Europa pensou que campos de concentração não mais voltariam a surgir na paisagem do continente, que nele não viriam se repetir genocídios visando à limpeza étnica, não mais veria o extermínio calculado de populações, que não assistiria mais a cenas de estupros e violações coletivas de mulheres a pretexto de melhorar racialmente as novas gerações, estoura, nos anos 1990, o que podemos denominar de Terceira Guerra dos Bálcãs, que, além das motivações econômicas, políticas e ideológicas, foi alimentada por diferenças étnicas, religiosas, culturais, pelo racismo e pela xenofobia, assentados em profundos ressentimentos históricos acumulados desde a dissolução do Império Otomano e os conflitos que se estabeleceram entre as diversas nacionalidades e etnias que o compunham, ao longo da década de dez, do século XX, conflitos que terminaram por ser o estopim para a Primeira Guerra Mundial. Com o fim da guerra, a situação nos Bálcãs ficaria mais instável ainda, com o fim do Império Austro-Húngaro. Com o apoio das potências vencedoras, os povos sérvios (sérvios, croatas e eslovenos) foram agrupados em um só país: a Iugoslávia. Através da Conferência de Paz de Paris e do tratado de Rapallo, que resolveu as questões de fronteira com a Itália, o novo

Estado passou a incluir ainda o antigo reino de Montenegro e a antiga província imperial da Bósnia e Herzegovina, de povos não sérvios. No final da Segunda Guerra Mundial, com a liberação dos Bálcãs pelo exército soviético foi proclamada a República Socialista Federativa da Iugoslávia, com a inclusão, ainda, de todo o território da Macedônia, que antes, ao final da Primeira Guerra, fora dividido entre Sérvia, Bulgária e Grécia. Em 1980, após a morte do presidente Josip Broz Tito, que liderara os *partisans* na resistência ao nazismo e conseguira manter com mãos de ferro a unidade da Iugoslávia, as tensões e ressentimentos históricos que dividiam as diferentes repúblicas que compunham o país começam a se notar. Com a derrocada do governo socialista e a imediata proclamação de independência da Croácia e da Eslovênia, em 1991, a Sérvia, alegando a defesa dos interesses dos sérvios que viviam em território da Bósnia, deflagra uma invasão militar, perpetrando massacres por motivos étnicos e territoriais. Os sérvios, povos eslavos, sempre se consideraram racialmente superiores aos povos de descendência latina, turca ou árabe que residem em outras repúblicas dos Bálcãs. A xenofobia aí se alimenta também das diferenças religiosas e culturais, inclusive linguísticas, já que tanto o alfabeto latino como o cirílico é utilizado na região. Após a independência da Bósnia, em 1995, graças à intervenção internacional, a guerra se estende ao território do Kosovo. Ódios raciais, ressentimentos históricos e diferentes concepções políticas e ideológicas, aliados à xenofobia, levaram a ocorrer uma das grandes carnificinas do século XX.

Por fim, é importante ser referida, como uma manifestação de xenofobia, motivada por razões políticas e ideológicas e que nos toca muito de perto, a visão negativa que se tem dos Estados Unidos e, por extensão, do estrangeiro norte-americano, comumente chamado de ianque, em todos os países da América Latina e Caribe. Essa animosidade em relação aos americanos, notadamente por parte de setores intelectualizados dos países latino-americanos, é resultado das várias intervenções militares realizadas pelos EUA em países da América-Latina, a adoção de políticas diplomáticas e comerciais

intervencionistas e o apoio, quando não a participação direta com o uso de forças militares, da espionagem ou do apoio material e logístico, a vários golpes de Estado, a derrubada de vários governos legalmente estabelecidos no país das Américas do Sul, Central e Caribe. O apoio explícito e direto na implantação das várias ditaduras militares que se estabeleceram na América Latina, a partir dos anos 1960, a pretexto de combate ao comunismo, e o longo bloqueio comercial imposto a Cuba, são responsáveis pela má imagem que os EUA e os americanos têm entre os latinos. A própria política imigratória americana, a forma como os latinos são aí vistos e tratados é outro fator que leva à presença de um sentimento xenófobo em relação aos norte-americanos. Em 1898, a pretexto de lutar contra o colonialismo espanhol, os EUA, após a chamada guerra hispano-americana, passaram a exercer um protetorado sobre os territórios de Porto Rico e Cuba. Visando o controle sobre o canal que liga os oceanos Atlântico e Pacífico, várias foram as intervenções militares americanas no Panamá (1903, 1917, 1918, 1925, 1989). Entre 1915 e 1934, os EUA enviaram seus marines ao Haiti. Entre 1916 e 1924, os EUA ocuparam militarmente a República Dominicana, voltando a invadir esse país em 1965, com o apoio da ditadura brasileira. Entre 1912 e 1926, tropas americanas lutaram na Nicarágua para derrubar o governo de Augusto César Sandino; em 1947, auxiliam na derrubada de Rômulo Gallego, presidente da Venezuela, e em 1954 apoiam o golpe de Estado que depôs o presidente da Guatemala, Jacobo Arbenz. Em 1961, realiza a fracassada tentativa de invasão da Baía dos Porcos em Cuba. Em 1983, realiza a última intervenção militar direta em um país latino-americano ao ocupar a ilha de Granada. Essas ações militares e a própria presença do imperialismo americano através de seus conglomerados multinacionais e financeiros alimentam a xenofobia antiamericana entre os latinos americanos e caribenhos.

10

DIVERSA
CRENÇA

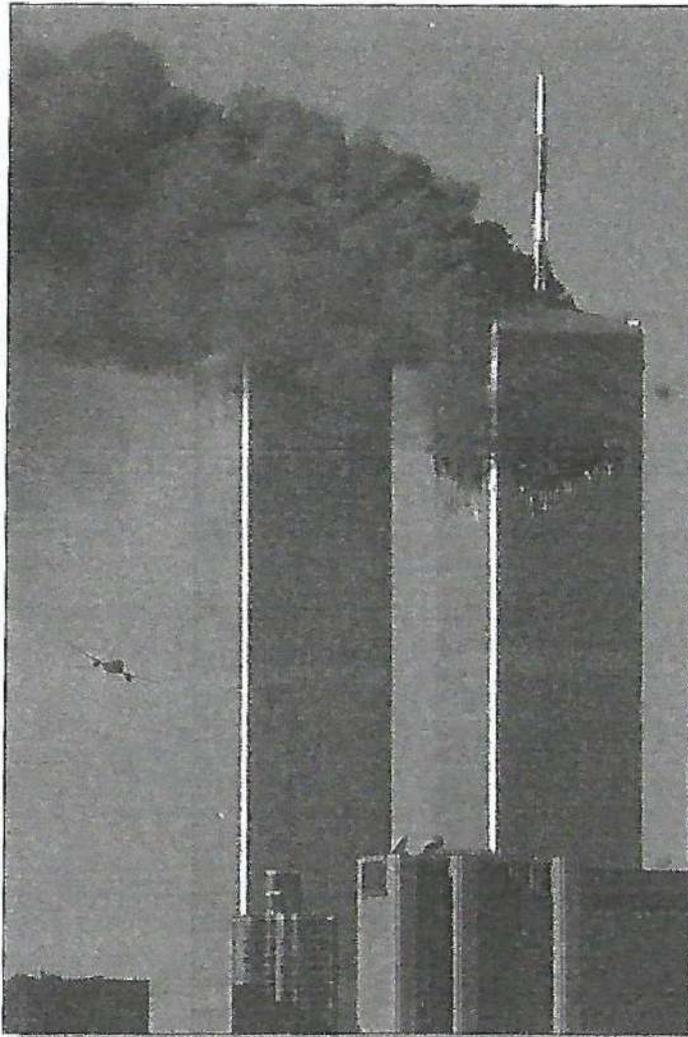


Foto: Sean Adair.
Foto autorizada pelo LatinStock/Reuters, 11/09/2001.

Ataque ao World Trade Center em Nova York (EUA).

Em Nova York, eram quase nove horas da manhã do dia 11 de setembro de 2001 quando um avião, aparentemente fora da rota e desgovernado, chocou-se com uma das torres do World Trade Center, no que parecia ser um desastre aéreo de grandes proporções. No entanto, vinte minutos após, os moradores da cidade, os jornalistas, as forças de segurança que já se aproximavam do prédio para tratar de prestar socorro às vítimas do acidente, veem perplexos quando um outro avião comercial de grande porte cruza o céu da cidade e rapidamente se aproxima da segunda torre do edifício, vindo a se chocar ainda mais violentamente do que o primeiro avião. Ficava claro, inclusive para os milhões de expectadores que, nesse momento, já assistiam às transmissões dos canais internacionais de notícias, em todo o mundo, que não se estava diante de um acidente aéreo, mas de um ataque terrorista bem planejado e executado, no país e cidade considerados o centro do capitalismo internacional, o coração do Ocidente, atingindo as torres que simbolizavam o próprio poder do capital norte-americano. Apenas alguns minutos depois, outro avião comercial de grande porte surge próximo à cidade de Washington, faz rápida manobra e se lança sobre o Pentágono, a sede do Departamento de Defesa Americano, no que poderíamos ver como uma das maiores humilhações militares já sofridas pelos EUA. Uma quarta aeronave, que parecia também se dirigir à capital do país, onde, segundo versões oficiais do governo americano, pretendia se lançar contra o Capitólio, a sede do poder legislativo, caiu no Estado da Pensilvânia. O governo americano atribuiu a queda à reação dos

passageiros que teria tentado retomar o controle da aeronave sequestrada. Numa sucessão de imagens chocantes, telespectadores de todo o mundo viram pessoas desesperadas se atirando pelas janelas dos edifícios em chamas, em saltos para a morte; viram a fumaça ir tomando conta das ruas da cidade; e presenciaram quando as duas torres atingidas pelos aviões e mais um edifício próximo desabaram, inundando a cidade de poeira, esmagando centenas de pessoas e bombeiros que faziam o socorro das vítimas. Ao todo, quase três mil pessoas morreram, incluindo os passageiros e sequestradores dos aviões, bombeiros, funcionários do Pentágono e muitos dos que trabalhavam nos edifícios atingidos pelos aviões e que desabaram, posteriormente. O ataque foi assumido pela organização terrorista islâmica Al Qaeda, comandada pelo milionário saudita Osama bin Laden, que passou a ser o inimigo número um dos EUA.

Além de ser um dia trágico para os Estados Unidos, o 11 de setembro de 2001 é um dia que nos permite avaliar o caráter destrutivo que pode adquirir o sentimento de xenofobia, não só pelo acontecimento em si, mas pelas suas repercussões posteriores, que continuam, de certa forma, reverberando nos dias atuais. O ataque terrorista mais ousado da história foi resultado de séculos de tensões, conflitos e guerras entre o que se costuma chamar de civilizações: a civilização islâmica e a civilização cristã. Ele também pode ser visto como mais um dos milhares de episódios que, ao longo da história, contrapuseram aquilo que os intelectuais e políticos ocidentais nomearam de Ocidente, em contraposição aquilo que definiram como sendo o Oriente. Enquanto o ataque era lamentado, pelo menos oficialmente, em todo o dito Ocidente, ele provocou enormes concentrações populacionais em várias capitais e cidades asiáticas, para comemorarem o ocorrido. Nunca, talvez, o ódio, o ressentimento, o desejo de vingança que existe entre vastas populações de dadas partes do mundo contra o chamado Ocidente e, mais particularmente, contra os EUA, ficaram tão explícitos. Não se admite oficialmente, mas mesmo em muitos países do dito Ocidente, setores da população, senão publicamente, mas privadamente se regozijaram com o ocorrido com os americanos. Talvez nenhum episódio anterior tenha deixado explícito de forma tão

clara a xenofobia de que são vítimas os norte-americanos, como eles são pouco amados no mundo inteiro, o que sói ocorrer com toda potência dominadora num dado momento.

Mas as lamentáveis cenas assistidas através da mídia, no dia 11 de setembro de 2001, por seu próprio caráter mortífero, indiciam o nível de violência e agressividade que o tipo específico de sentimento xenóforo, que tratarei neste capítulo, pode vir a alcançar: a xenofobia por motivos religiosos, a xenofobia motivada pela diversidade de crenças religiosas. A xenofobia religiosa tem como traço principal a construção de um outro tipo de estrangeiro, um outro tipo de estrangeiridade, ou seja, aqui ser estrangeiro nada tem que ver com nacionalidade, com pertencimento ou não a uma dada unidade nacional. O estrangeiro religioso pode ser nascido num mesmo país, pode ser o vizinho, pode ser o membro da família, pode ser aquele mais próximo e mais amado. As três grandes religiões monoteístas: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo se veem e se definem como comunidades internacionais, como comunidades universais, que desconhecem as fronteiras de países e de nações. O estrangeiro religioso é aquele que não pertence à mesma comunidade de crença, que não partilha as mesmas concepções religiosas dos demais à sua volta. O estrangeiro religioso será também visto e dito como sendo um herege, podendo ser visto e dito, ainda, como um traidor e um representante das forças diabólicas ou um representante do mal. Ao se converter a uma dessas religiões, com pretensões à construção de um reino universal, o crente passa a compor uma comunidade supranacional e a ver como estrangeiro, como um outro estranho, até mesmo como um inimigo, todo aquele que não se converte e não faz parte dessa comunidade religiosa. Quando centenas de jovens europeus se convertem ao islamismo e fogem de suas casas, abandonam suas famílias, deixam seus países para irem lutar ao lado das milícias do chamado Estado Islâmico na Síria ou no Iraque, ou quando deixam os Estados Unidos e vão para o Afeganistão frequentar campos de treinamento militares para depois retornar e cometer atentados contra o que seria seu país, isso demonstra que a conversão religiosa os fazem se tornar estrangeiros em relação a seu próprio país, passam a

ser leais e a colocar, acima de qualquer vínculo de nacionalidade, o seu vínculo com a comunidade religiosa. Esse sentimento de estrangeiridade em relação ao país em que nasceram afeta com mais frequência, como é fácil de compreender, os descendentes de imigrantes que sofrem discriminação e preconceito de caráter xenófobo por causa de suas origens, de sua aparência física ou por seus costumes.

Mesmo sendo religiões que desde o seu nascedouro tiveram a pretensão de se tornarem predominantes, quando não exclusivas, em todo o universo, por pretensamente professarem a verdade acerca da vida do homem, do universo e acerca do que virá após a morte, a verdadeira fé, e cultuarem o verdadeiro profeta, o filho de Deus e o Deus único e absoluto, essas religiões, com objetivos globais, parecem, finalmente, com a globalização da cultura e, principalmente, dos meios de comunicação, terem à disposição os recursos necessários para a realização dessas pretensões. Não é de se espantar que boa parte dos jovens que são arregimentados pelos grupos islâmicos o seja através de páginas e sites na internet. As igrejas cristãs, notadamente aquelas nomeadas de pentecostais e neopentecostais, fazem dos meios de comunicação de massa, notadamente a televisão, o seu principal púlpito, através dos quais se tornam grandes organizações multinacionais, grandes complexos religiosos-empresariais supranacionais, criando uma espécie de comunidade global da fé. A própria Igreja Católica que, na sua reação histórica a tudo afeito ao mundo moderno, tardou a investir mais agressivamente em sua presença nos meios de comunicação, notadamente na televisão, desde o papado de João Paulo II, o primeiro Papa pop, quase uma vedete do *star system*, vem dedicando maiores investimentos nessa direção. A globalização dos meios de comunicação permite, de forma mais incisiva, realizar o projeto de construção de comunidades universais das religiões monoteístas, levando, portanto, a que se construa um outro tipo de pertença identitária que passa ao largo das fronteiras nacionais, já fragilizadas pela globalização do capital, dos fluxos econômicos e mesmo de muitas das decisões políticas que hoje recaem nas mãos de organismos internacionais ou de foros globais. Nasce, assim, uma outra forma de se ser estrangeiro, um estrangeiro, muitas vezes, em

sua própria terra, aquele que presta obediência e que trabalha em nome de uma organização religiosa, de uma crença, de uma comunidade de fé que é alheia ou minoritária no país e no local em que vive. A lealdade ao país se desloca para a lealdade à fé, à comunidade internacional de crença, levando a que tanto expresse quanto seja objeto de visões e gestos de xenofobia, em relação a e de quem está a seu lado. Quem professa o cristianismo, quem pertence ao que se convencionou chamar de civilização cristã, vê o praticante da religião islâmica, mesmo que seja um seu parente, mesmo que seja seu vizinho, mesmo que tenha nascido no mesmo local que ele, como um estrangeiro, como um estrangeiro, não apenas um estrangeiro em relação à Inglaterra ou à França, por exemplo, mas estrangeiro em relação ao Ocidente, um estrangeiro em relação à civilização que estaria baseada em valores que teriam como fundamento a doutrina de Cristo.

Um dos choques de crenças religiosas que mais geraram conflitos, guerras, intolerância, medo, preconceito, rejeição e violência, ao longo da história europeia e mundial, é aquele que antepõe duas religiões monoteístas que possuem matrizes comuns: o judaísmo e o cristianismo. Depois de terem seu reino, localizado na Palestina, conquistado pelo Império Romano, no ano de 63 a.C., os hebreus promoveram uma série de revoltas contra o domínio romano que culminou com a derrota para os exércitos do imperador Tito, no ano 70 de nossa era, a destruição completa do segundo Templo de Jerusalém e a chamada diáspora, ou dispersão, em que os judeus se espalharam por várias partes do mundo, entre elas, várias localidades na Europa, onde se organizaram em pequenas comunidades, visando à preservação de alguns elementos centrais de sua cultura, notadamente a sua religião, em torno da qual girava grande parte dos rituais e regras que norteavam a vida cotidiana. Para a leitura do Talmud e da Torá, livros sagrados para o judaísmo, foi preciso também manter o conhecimento da língua hebraica, o que fez das comunidades hebraicas, notadamente durante a Idade Média europeia, comunidades letradas em meio a uma grande massa de pessoas iletradas. Acusados de terem assassinado o Cristo, de serem hereges e representantes das forças do mal, as comunidades judaicas, quase sempre, enfrentaram a condição

de estrangeiros nos lugares em que viviam na Europa, mesmo quando ali nasciam, chegando a ser completamente apartadas do convívio com o restante dos habitantes da cidade, tendo que morar nos chamados guetos. O judeu, muitas vezes, foi colocado na condição de intocável, de impuro, tendo em vários episódios da história europeia sido responsabilizado pela disseminação de doenças e pestes, sendo, nessas ocasiões, objeto de matanças organizadas, os chamados *progroms*. O antissemitismo, o ódio e o ressentimento contra os judeus, sua cultura, que tinha matrizes religiosas, ganha, no século XIX, com as teorias racialistas ditas científicas, nítidos componentes racistas. Os judeus, além de encarnarem a figura do herege, do portador do mal, tornam-se uma raça inferior ou uma sub-raça, da qual se punha em questão até sua condição efetivamente humana. O grande genocídio de que foram vítimas os judeus durante a Segunda Guerra Mundial, tem suas motivações mais remotas no conflito religioso entre cristianismo e judaísmo, que tornara os judeus inassimiláveis pelas sociedades em que nasceram ou em que viviam, sendo permanentes estrangeiros, nunca identificados como membros da sociedade em que residiam, notadamente se fossem pobres e se resistissem a se integrar à cultura da sociedade envolvente. Muitos membros das comunidades judaicas conseguiram galgar posições sociais de destaque graças ao enriquecimento, ao poder econômico e financeiro, que a proibição pela Igreja Católica e por outras autoridades locais de que exercessem dadas profissões que não a de coletores de impostos e emprestadores de dinheiro, atividades que implicariam no pecado da usura, proporcionaram, ou mesmo pelo destaque na vida intelectual, filosófica, artística e científica, que o letramento favoreceu, mas sempre foram tratados como exceções, tendo que, muitas vezes, procurarem negar suas origens judaicas ou delas se envergonhar, sendo, algumas vezes, submetidos a situações vexatórias onde o preconceito e a xenofobia em relação à nação judaica se expressava. É preciso dizer que, a xenofobia não era um sentimento apenas alimentado pelos cristãos ou pelos não judeus; as comunidades judaicas, muitas vezes, também adotaram uma postura de isolamento em relação aos locais, não só por se verem por eles recusados, mas também

por adotarem uma postura de recusa xenófoba, preconceituosa também em relação à cultura ou às sociedades onde estavam. O escritor checo, Franz Kafka, que era judeu, previu o que poderia ser um desastre de grandes proporções para as comunidades judaicas se elas continuassem adotando sua postura isolacionista em relação às culturas dos locais em que viviam, numa de suas cartas ao pai. Em muitas situações, a posição econômica e mesmo a ilustração e erudição cultural levou a que grupos judaicos viessem a se sentir superiores àqueles que os cercavam e a adotar posturas arrogantes, expressando comportamentos e discursos xenófobos como resposta à xenofobia de que eram objeto.

Os conflitos e guerras entre árabes e israelenses, que se iniciaram logo em 1948, quando da criação do Estado de Israel, como um desdobramento do que ocorrera com o povo judeu durante a Segunda Guerra Mundial e como resultado de anos de campanha sionista, que visava dar às comunidades judaicas um Estado na Palestina, de onde saíram quando da diáspora, são resultado das tensões e diferenças entre outras duas religiões monoteístas: o judaísmo e o islamismo, embora não seja apenas esse elemento que está em jogo nessas desavenças e nesses enfrentamentos armados. Tanto os hebreus como os árabes são povos semitas que foram divididos e diferenciados por suas crenças religiosas, por se filiarem a duas comunidades religiosas distintas, o que os fizeram ser estranhos e estrangeiros uns para os outros. Os relatos bíblicos sobre o estabelecimento do povo hebreu na Palestina, quando retornaram da sua longa permanência (cerca de quatrocentos anos) no Egito, já dá conta dos conflitos que enfrentaram com os palestinos, ou seja, com povos que habitavam a Palestina, como os cananeus e os filisteus. Esses conflitos duraram quase duzentos anos, quando os hebreus foram dirigidos por chefes militares, políticos e religiosos chamados de juízes e foram eles que motivaram a criação de um Estado centralizado sob a chefia dos reis com a adoção da monarquia como forma de governo. Quando Maomé funda a religião islâmica, entre os anos de 610 da nossa era (ano da revelação) e 630 (ano da conquista de Meca), e inicia a expansão militar e religiosa do Islã, que alcança a Palestina com a conquista

de Jerusalém em 638, boa parte das populações árabes, entre elas os povos palestinos, se integram e se convertem à comunidade islâmica. Judeus e cristãos que já conviviam, nem sempre de forma pacífica nessa cidade e em toda a Palestina, passam a ter que conviver com mais uma comunidade religiosa com as mesmas pretensões universalizantes e exclusivistas que possuíam. Quando as comunidades judaicas começam a retornar à Palestina, com a criação de Israel, o conflito se transformou numa guerra que envolveu vários países da região e que tornou o Oriente Médio uma das mais conturbadas zonas do planeta, onde sangrentos conflitos e a constante atuação de grupos considerados terroristas se sucedem. Entre maio de 1948 e janeiro de 1949, o recém-criado Estado de Israel teve que enfrentar os exércitos dos países que formavam a chamada Liga Árabe (os vizinhos Egito, Síria, Líbano e Jordânia, além do Iraque), que se recusavam a aceitar a criação desse Estado por uma resolução da Organização das Nações Unidas. Com o apoio dos EUA, Israel saiu vencedor na guerra e ocupou os territórios da Galileia e o deserto de Neguev. Jerusalém foi dividida entre Jordânia e Israel, que incorporou também a Cisjordânia, territórios a oeste do rio Jordão. Na década de 1950, uma classe média palestina no exílio cria e financia a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) e o grupo clandestino que passa a realizar ataques terroristas contra os israelenses: o Al Fatah. A cada ataque do Al Fatah, Israel fazia retaliações contra os povos palestinos, como ocorre até hoje, muitas vezes de maneira totalmente desproporcional em relação aos danos que sofrera. Com o apoio explícito do governo da Síria aos grupos guerrilheiros palestinos, alguns deles vivendo na fronteira entre Jordânia e Israel, as tensões entre os países da região atingem seu limite em 1967, quando sem declaração de guerra e em apenas seis dias Israel destrói em terra toda a força aérea egípcia e derrota os exércitos do Egito, da Síria e da Jordânia, conquistando a península do Sinai (devolvida ao Egito após o acordo de paz em 1982), a Faixa de Gaza (que pertencia ao Egito) e as colinas do Golan (que pertenciam à Síria). É evidente que não são apenas motivações religiosas que explicam as guerras e hostilidades entre árabes e israelenses,

mas elas estão presentes como um dos elementos que as motivam. Não é preciso dizer que o ódio e o ressentimento é bastante intenso entre israelenses e árabes, entre judeus e muçulmanos que veem, assim como os cristãos, Jerusalém como sua cidade sagrada. Um dos grandes impasses, além da própria aceitação por parte dos israelenses, notadamente de alguns partidos e setores mais ortodoxamente religiosos (em Israel, assim como no Islã religião e política se articulam) para a criação de um Estado palestino independente nos territórios da Cisjordânia e na Faixa de Gaza, é o estatuto que terá a cidade de Jerusalém que é reivindicada como capital pelo Estado palestino. O medo e a rejeição ao estrangeiro se aliam aqui a séculos de conflitos militares e religiosos para criar uma intensa visão xenófoba do outro, às vezes de seu próprio vizinho, do seu companheiro de trabalho.

Se o cristianismo se definiu, desde os seus primórdios, na própria missão que teria sido dada aos seus apóstolos pelo próprio Cristo, como uma religião proselitista e com pretensões a ser “pregada a todos os povos”, que deveriam ser por ela conquistados para o culto do único e verdadeiro Deus, ele, no entanto, não foi marcado, inicialmente, por uma organização voltada para conquistas militares. Se sua expansão no interior do Império Romano, a centralidade da figura do apóstolo Paulo, um ex-militar romano, em sua organização como Igreja e a posterior conversão do próprio imperador romano, conferiu a ela ímpetus imperialistas e militares, será o conflito com outras religiões, além de sua aliança com fins políticos e econômicos, que transformará os cristãos em guerreiros e conquistadores em nome de Cristo. Se o povo judeu, já nos relatos bíblicos, se caracterizou por seguir um Deus da guerra, que ia à frente, guiando seus exércitos nas batalhas contra os infiéis, depois da derrota para Roma, as comunidades judaicas dispersas nunca se caracterizaram por apresentar uma organização militar ou uma agressividade muito específica, a maioria delas vivendo na condição de súditos e de subordinados a diferentes formas de governo e de organização política. Somente após a criação do Estado de Israel, depois do massacre genocida de que foram vítimas e enfrentando a hostilidade de todos os países

árabes é que os israelenses se tornaram um povo especificamente militarizado, com todos tendo que prestar o serviço militar, inclusive as mulheres, e todos estando a princípio disponíveis para enfrentar uma guerra. Nessas circunstâncias, ortodoxia religiosa e ideologia militarista se encontram, assim como vai ocorrer com os cristãos no momento em que o Papa Urbano II, no ano de 1095, invoca uma guerra santa para defender os cristãos que estariam sendo vítimas de perseguição quando da peregrinação para Jerusalém por parte dos árabes turcos, dando início, no ano seguinte, à primeira Cruzada. A religião islâmica foi, desde o princípio, uma religião marcada por conquistas não só através da pregação e do proselitismo, mas também do uso de armas. Se foi o teólogo cristão São Tomás de Aquino que desenvolveu a ideia de guerra santa, a noção de *Jihad*, que quer dizer esforço, luta do fiel consigo mesmo para ter o domínio de sua alma, acepção que aparece no Alcorão, também chamada de *Jihad Maior*, foi apropriada pelos vários dirigentes e Estados islâmicos e transformada no esforço para levar a outros povos a fé islâmica, partindo de frases do profeta Maomé que afirmavam que os homens deviam colocar sua vida, derramar seu sangue, se necessário, a serviço da propagação de sua fé.

A agressividade do Islã, que articulou desde o princípio as dimensões do religioso e do político-militar, além do interesse econômico, vai com o passar dos séculos ser um dos principais diferenciadores em relação ao processo que se viverá na Europa e em todo o chamado Ocidente, onde o político e o religioso tenderão a se separar, com a constituição de Estados laicos. Essa distinção entre o político e o religioso vai se tornar uma das diferenças mais marcantes entre as sociedades ocidentais e aquelas com forte presença da religião islâmica, onde militam partidos islâmicos que defendem a criação de Estados apoiados nas leis ou nos códigos do islamismo. A pretensão que tanto as sociedades ocidentais, notadamente suas potências centrais, como os Estados e grupos islâmicos têm de impor ao mundo, aos outros povos e países, seus modelos de gestão política, sua cultura, seus valores, seus costumes, suas ideias, leva, inevitavelmente, ao conflito, à guerra, a ações violentas como os atentados terroristas

ou as intervenções militares, torturas, ataques com o uso de aviões drones, sequestros, execuções, que assistimos todos os dias nos meios de comunicação, perpetrados pelos dois lados do conflito, sem que haja aí nem bandidos nem mocinhos. A xenofobia assassina e cruel é alimentada tanto pelas potências ocidentais, que não têm os seus crimes denunciados, repercutidos e condenados, com o mesmo vigor com que se condena os crimes praticados pelos grupos e regimes islâmicos, quanto pelos próprios militantes e convertidos à causa do Islã, independente do lugar do mundo onde nasceram. Não é preciso dizer que não podemos generalizar, em nenhum dos dois casos. Nem todos os ditos ocidentais concordam ou compartilham com as ações violentas e xenófobas de seus Estados, como nem todos os crentes e seguidores do islamismo são terroristas ou assassinos, muito menos concordam com seus Estados ou grupos armados. Mas é inegável que a opinião pública nos países ocidentais está contaminada, até pela forma como a mídia trata da questão, de uma visão xenófoba, negativa, depreciativa, preconceituosa em relação aos povos islâmicos, assim como grandes massas saem às ruas das principais cidades dos países islâmicos para protestar contra o dito Ocidente e apoiar, em alguns casos, as ações extremistas dos grupos islâmicos no Ocidente. Além da rivalidade entre duas religiões expansionistas e exclusivistas, o conflito entre as sociedades islâmicas e as sociedades ocidentais se radica na diferença de valores, no que tende a ser visto pelo lado ocidental como valores retrógrados e anti-humanistas e pelos muçulmanos como valores decadentes, que representariam o mal, o diabólico, como os valores liberais, democráticos, o feminismo, o homossexualismo e até mesmo costumes como o vestuário ocidental ou seus gostos musicais, como o rock'n'roll. Esse conflito também foi alimentado por aquilo que o escritor e historiador palestino Edward Said chamou de orientalismo, uma visão estereotipada e preconceituosa com que o Oriente foi elaborado, foi dito e visto nos relatos de viagem, nas memórias coloniais, nos escritos literários produzidos pelo Ocidente e que continua sendo veiculado, por exemplo, pela filmografia hollywoodiana em películas como *Os 300 de Esparta*, o filme do diretor Zack Snyder, de 2007, baseado em uma Graphic Novel de 1998

de autoria de Frank Miller, onde vemos os gregos encarnarem os pretensos valores ocidentais contra os persas, os representantes dos valores orientais. A democracia, a ordem, a beleza, a liberdade, a igualdade, a fraternidade, a própria humanidade em contraposição ao despotismo, à desordem, à monstruosidade e à deformação, à escravidão, à desigualdade extrema, à subordinação de dezenas de povos, à própria animalidade. Produções culturais como essa continuam alimentando a xenofobia em relação aos ditos orientais, que foi um dos elementos fundamentais na construção do próprio discurso orientalista, aliado ao racismo, ao colonialismo, ao preconceito de origem geográfica e de lugar.

A diferença de crenças religiosas também levou à divisão da Índia Britânica em dois países, logo após a Segunda Guerra Mundial, em 1947. O território onde prevalecia a religião hindu ficaria sendo a Índia e o território de prevalência da religião muçulmana deveria constituir o Paquistão. Como essa divisão territorial não seguiu exatamente a linha de divisão religiosa, uma série de conflitos e de guerras vem colocando frente à frente os dois países e gerando ódios, ressentimento e preconceitos xenófobos, de matriz religiosa, entre esses dois povos, que contam com armas nucleares, o que torna os conflitos entre eles uma ameaça para todo o planeta. O principal motivo de disputa entre os dois países reside na posse da região da Caxemira, que pertence a Índia, mas que conta com uma população de maioria muçulmana, o que já foi motivo de duas guerras entre esses países, em 1947 e em 1965, sem que nenhum dos lados tivesse conseguido grandes conquistas territoriais. Em 1971, a Índia interviu na guerra civil paquistanesa que levou à separação do Paquistão Oriental em relação ao Paquistão Ocidental e à criação de Bangladesh como estado independente. Em 1999, o conflito se deu em torno da posse de Kargil, um distrito do estado indiano de Jammu e Caxemira, de maioria muçulmana. Podemos ver, por esses exemplos, e muitos outros que poderíamos citar, que as crenças religiosas estão longe de ser um fator de pacificação, entendimento e fraternidade entre os povos. As religiões, as crenças religiosas, têm se constituído em importante fator de conflitos, dissensões, rivalidades, violências

e genocídios entre os humanos. O fato do conhecimento religioso, quase sempre, ser dogmático, se colocar como portador de uma verdade revelada pela própria divindade a um dado profeta, fazendo dele e de sua mensagem os representantes do próprio Deus, uma verdade inquestionável e que deve ser levada a todos, que não deve sofrer contestação de ninguém, tem sido um elemento desagregador entre os humanos. Não se pode negar o caráter civilizatório e agregador das religiões, seu poder motivador, sua capacidade de aliviar angústias, medos e sofrimentos humanos, mas não se pode negar também a sua capacidade de produzir posições de intolerância e de rejeição em relação ao outro que não faz parte da mesma comunidade de crença. O herege, o infiel, o apóstata, são figuras que remetem à condição de não pertencimento radical, de estrangeiridade em relação a uma comunidade que tem a pretensão de ser universal: a comunidade de uma dada profissão de fé. A xenofobia atinge com força esse estrangeiro a um mundo que se diz ou se pretende cristão, ao mundo que se diz e se pretende muçulmano. Em situações como a chamada guerra dos Bálcãs, vizinhos de mesma rua, de muitos anos, se odiavam, se viam como estrangeiros por professarem religiões distintas, o que é um passo para o banho de sangue e as práticas cruéis e desumanas que aí assistimos.

O crescimento da intolerância religiosa, inclusive no Brasil, um país que sempre se orgulhou, em seus discursos oficiais, de se apresentar como uma nação livre de conflitos religiosos, onde as diversas crenças religiosas conviveriam pacificamente, inclusive as três grandes religiões monoteístas, que protagonizam conflitos, guerras e genocídios seculares, é um dos grandes problemas do mundo contemporâneo, assim como a xenofobia, com a qual está relacionada, como procuramos mostrar neste capítulo. O ataque constante que as religiões de matriz africana e o espiritismo vêm sofrendo de determinados grupos evangélicos, notadamente os neopentecostais, com agressões e ataques a templos, chama a atenção para o perigo do expansionismo religioso, o perigo que se constitui a disputa por fiéis, a rivalidade intensa no mercado da fé, que tem se mostrado cada vez mais lucrativo. Esse expansionismo se dá com o uso dos meios de comunicação e de

técnicas de marketing e propaganda desenvolvida para a venda de mercadorias. Esse expansionismo religioso, como todo ele, na busca de abarcar todo o mundo possível poderá gerar em sua trajetória muitos estrangeiros a essa pretensa comunidade universal de crença, que serão vítimas de práticas xenófobas, desde rejeição, aversão, até agressões verbais e físicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afirmei ao longo deste livro que a xenofobia é um sentimento. Costumamos dar à palavra sentimento um sentido meramente subjetivo, quando não emotivo, como a mera expressão de algo que nos vem de dentro de nós mesmos, como uma emoção que nos sairia das próprias entranhas. É comum que não levemos em conta a dimensão material e social dos sentimentos, que nos parecem abstratos e individuais. Quando aproximamos sentimento de emoção ou de comoção começamos a nos aproximar da dimensão material e social do sentimento. Nosso sistema nervoso e nossos órgãos do sentido participam diretamente da produção de qualquer sentimento que venha nos invadir. Nosso aparelho sensorial, que constitui o ser sensível que somos, abre o nosso corpo e aquilo que chamamos de subjetividade, que já foi nomeado de alma, de espírito, para o mundo exterior. Nada que se passa no que chamamos de nosso interior deixa de estar conectado e relacionado com o que se passa no mundo exterior, à nossa volta. As emoções, os sentimentos têm como um de seus elementos constituintes o que podemos chamar de ambiência, sendo ela, ao mesmo tempo, no caso dos humanos, natural, social e cultural. Mas os sentimentos são também disparados por acontecimentos, por eventos, por choques que advêm do encontro com algo, com alguém, com uma dada situação, com uma dada cena, com a ocorrência de alguma coisa. Diante de uma situação mobilizamos então as vivências,

as experiências, as memórias que já temos acerca de uma dada situação, e elas também virão compor o sentimento que iremos manifestar diante de uma dada ambiência e perante um dado acontecimento. Essas memórias podem ser conscientes ou inconscientes, elas podem tanto ser memórias corporais, que nos farão disparar uma dada reação que costumamos nomear de instintiva, nos levarão a fazer dado gesto, como podem pertencer ao domínio da cognição, quando nos valeremos de conhecimentos prévios para lidar com o que estamos vivendo e isso implicará na expressão de um dado sentimento. E, embora costumamos apartar sentimento de racionalidade, da dimensão conceitual, quando nos vemos numa situação, quando experimentamos uma dada vivência, a reação emocional, o sentimento que ela nos possa provocar dependerá, e muito, do tipo de conceitos prévios, dos preconceitos que tenhamos acerca daquilo que está acontecendo ou daquele com que se está entrando em contato. A filósofa e historiadora cultural norte-americana Susan Buck-Morss chama a atenção para o fato de que uma simples expressão facial, o simples fato de fazermos um dado rosto, de fazermos um dado gesto, através dos quais expressamos, manifestamos um sentimento, seria uma síntese individual, mas capaz de ser compreendida pelo coletivo, entre sensações físicas, reações motoras e significados psíquicos. O sentimento se expressa através do corpo, na convergência entre impressão do mundo externo e expressão da reação subjetiva e cognitiva que essa impressão dispara.

Quando considero a xenofobia um sentimento é porque, antes de mais nada, o sentimento é uma reação complexa, da qual fazem parte sensações, reações motoras e psíquicas, memórias e preconceitos ou conceitos com sentido comum e até mesmo outros sentimentos. Tentei mostrar neste livro que a xenofobia não existe sem o contato sensorial com um outro, aquele visto como estrangeiro, seja por pertencer a uma etnia ou a um grupo humano distinto, por manifestar um modo de vida diferente, seja por pertencer a uma outra nacionalidade, a uma outra classe, a uma outra comunidade religiosa ou mesmo ser visto como fazendo parte de um outro mundo, um terceiro mundo, um mundo cristão ou a um mundo muçulmano.

A xenofobia é disparada pelo choque visual, auditivo, olfativo ou tátil com alguém que vai ser percebido como estranho, como estrangeiro. Esse choque com o estrangeiro, antes mesmo de gerar qualquer conceituação, de merecer qualquer explicação, antes de qualquer racionalização, já terá disparado reações sensório-motoras, o corpo já terá reagido diante desse encontro e mobilizado memórias inconscientes, já terá emergido à flor da pele, na face, a expressão de sentimentos que aparecem, quase sempre, associados no complexo emocional que compõem o sentimento de xenofobia. Antes mesmo que possa racionalizar a situação, o rosto e o corpo já terão sido tomados pelo medo, pela rejeição, pela aversão, pelo incômodo, pela recusa, pelo asco, pela raiva, pelo ódio ou já terá expressado curiosidade, atração, desejo, empatia, simpatia, solidariedade. Logo a pessoa mobilizará suas memórias, as informações que tem, as vivências e experiências que já viveu em relação àquele estrangeiro que está diante dele, logo elaborará acerca dele um conceito ou utilizará um conceito prévio, um preconceito que parece ser a ele adequado, e o sentimento que aparecerá ou que manifestará através dos gestos, atitudes e palavras será o resultado complexo e articulado dessas várias camadas de percepções, reações, informações, recordações e noções, articulação que se dá em fração de segundos, dificultando sabermos que elementos foram geradores de tal sentimento.

A xenofobia é um sentimento, portanto, que se alimenta, como todos, da sensibilidade, da reação sensível, da educação dos sentidos que recebemos na sociedade e na cultura em que vivemos em relação ao ser estranho, ao humano dito estrangeiro, não importando o tipo de estrangeiridade que lhe atribuímos, pois o que procurei mostrar neste livro é que o estrangeiro não apenas se define como aquele que não pertence à mesma nacionalidade — há outras formas de se ser estrangeiro. Dependerá da educação do olhar, da audição, do olfato, do tato, do paladar que recebemos. Podemos reagir negativamente à presença de um estrangeiro somente porque ele se alimenta de coisas estranhas ou desagradáveis para nosso paladar. Mas a xenofobia também depende da memória e da história que temos ou aprendemos acerca de outros povos, das experiências que vivenciamos diretamente

te ou indiretamente com eles ou sobre eles. A xenofobia está intimamente ligada aos conceitos que nos foram ensinados, que aprendemos, que conhecemos acerca de um outro agrupamento humano. Os preconceitos, os estereótipos, os estigmas, as prenoções, os sentidos comuns intermediam e interferem no contato que estabelecemos com um outro dito e visto como estrangeiro. Estrangeiro é, em si mesmo, um conceito que vai ser aplicado de diferentes formas, para nomear diferentes figuras humanas, em distintas situações e por distintas motivações, como espero ter deixado claro neste livro. Todo ser humano está passível de ser nomeado e vivenciar a condição de estrangeiro, todos nós somos, em algum momento, sujeitos à estrangeiridade. Ou seja, o sentimento de xenofobia está intimamente ligado ao tipo de educação que recebemos, seja a educação dos sentidos, das emoções, dos sentimentos, seja a educação conceitual e cognitiva.

Por isso fiz questão de escrever este livro e de dedicá-lo a todos aqueles que assumem a tarefa de educar, em nossa sociedade, independente de serem professores, de ter a docência como profissão. A xenofobia, como outras expressões de preconceito, de intolerância, de medo, de rejeição, de aversão, de agressão e de violência só pode ser combatida através das práticas educativas, desde aquelas iniciais, ainda no interior das famílias, na mais prematura infância, até aquelas ministradas nas escolas e universidades. É inegável, no entanto, que grande parte da educação dos sentidos, do corpo e da mente, a educação em valores, hábitos e costumes se faz através dos meios de comunicação de massa, que têm uma enorme responsabilidade pela epidemia xenófoba que se espalha pelo mundo contemporâneo. Esses meios de comunicação, ao mesmo tempo em que colocaram os povos em maior contato, não se prepararam ou não contam com pessoas preparadas para lidar com essa maior proximidade. A presença de jornalistas e comunicadores que veiculam os mais básicos preconceitos sociais e culturais, que pode ser muito bem simbolizado pela cinegrafista húngara agredindo imigrantes, mas também pelos apresentadores de programas policiais no Brasil, faz com que esses meios de comunicação eduquem para o preconceito e a intolerância. À medida que estamos muito mais próximos, a convivência com o

estrangeiro é um dado inescapável da nossa experiência contemporânea. A globalização do capital e da cultura foi acompanhada da globalização dos fluxos humanos que, mesmo que não possam ter acesso aos melhores e mais velozes meios de transporte, se lançam, como fizeram há milhares de anos atrás, em embarcações as mais precárias, sem as quais a espécie não teria se espalhado para todos os continentes, para chegarem aos lugares onde esperam ter melhores condições de vida e onde possam evitar a morte iminente que os espreitava em seus locais de origem.

Este livro, além de ser dirigido a educadores e profissionais dos meios de comunicação, que precisam melhor se informar e se formar para efetivamente educarem e oferecerem informações e conhecimentos e não preconceitos e expressões irracionais de medo e aversão, é dirigido a todos os que militam no campo das artes, da literatura, do cinema, que também exercem um papel educativo fundamental no mundo contemporâneo. A educação no campo dos valores, a educação da sensibilidade, da percepção, a educação do corpo, a educação no campo dos costumes têm nas artes, na literatura, no cinema, campos privilegiados. Numa sociedade de intensa alienação do corpo, dos sentidos, como é a sociedade contemporânea, os vários campos das artes têm um papel fundamental em ressensibilizar os homens, inclusive para esse outro que parece estranho e estrangeiro. Mas este livro também se dirige àqueles que militam no campo da política que, em várias partes do mundo, e no Brasil muito especialmente, parecem há muito terem esquecido a visão dos gregos antigos que pensavam a política como o lócus privilegiado da educação da cidade e, portanto, da educação e formação do cidadão. A desqualificação sistemática da atividade política, mantra dos meios de comunicação monopolizados e oligopolizados do Brasil e de outros países, com a contribuição inestimável de grande parte da chamada classe política, vem nos fazendo esquecer que nós humanos somos seres políticos, por definição, que todas as soluções de problemas humanos e, por outro lado, a sua emergência é de conteúdo político. Dediquei um capítulo deste livro a mostrar como a crescente intolerância xenófoba que vivemos nas sociedades contemporâneas, mas que também já se manifestou em

outros momentos da história, tem motivações eminentemente políticas. Os profissionais da política muitas vezes parecem esquecer que suas práticas e seus discursos são educativos no bom ou no mau sentido. Pode-se educar, no exercício da vida pública, para a tolerância, o respeito, a solidariedade, a aceitação da diferença de cores, jeitos, nacionalidades, classes, crenças religiosas, concepções políticas, orientação sexual ou de gênero, ou pode-se, como vemos fazer algumas figuras danosas na política brasileira e internacional, educar para a intolerância, o preconceito, a rejeição, a aversão, até para a violência e a agressão contra o outro, o diferente, o que pensa, vive, nasce diferente, estranho, estrangeiro. Este livro é também dirigido às autoridades e líderes religiosos, aos crentes de todas as crenças, pois as religiões, os cultos, as crenças, não podem continuar sendo, como foram ao longo de toda a história humana, motivo de discriminação, rejeição, agressão e extermínio do outro, do estrangeiro à sua comunidade de crentes, de todo aquele que não professe a mesma fé. Está na hora de as religiões abrirem mão de suas pretensões a serem donas da verdade, de uma única verdade. Está na hora da pregação da tolerância e do respeito àquele que crê diferente e, também àquele que não crê. O não crer é um direito humano, tanto quanto o respeito a qualquer crença. Chega de banhos de sangue em nome de Deus ou de deuses, chega de caça às bruxas, de inquisições, de excomunhões, de guerras santas, de morte aos infiéis, aos hereges, aos apóstatas, aos ímpios, chega de ver o diabólico e o satânico em tudo que é diferente, estranho, estrangeiro. Se religiões são para religar o humano ao divino, por que não trabalharem no sentido de religar os homens e mulheres, de religar cada ser humano, notadamente, àqueles que são vistos e ditos, por algum dos motivos que aqui levantei, como estranhos e estrangeiros? Educar contra a xenofobia, único caminho para nos tornarmos menos desumanos, para construir novas maneiras de sermos humanos.

FONTES

A famigerada passeata contra a guitarra elétrica. In: <https://anos60.wordpress.com/2012/04/02/a-famigerada-passeata-contr-a-guitarra-eletrica/>. Acesso em: 10 jan. 2016.

África do Sul. *História Viva* n. 76. São Paulo: Segmento, fevereiro de 2010.

A guerra sino-japonesa, a guerra esquecida da II Guerra Mundial. *Euronews*, 03 de setembro de 2015. Acesso em: 23 jan. 2016.

AGU recorre à Justiça para libertar terrorista italiano. *Veja*, 12 de março de 2015. Acesso em: 12 jan. 2016.

AHMED, Azam; GARCIA, Sandra E. República Dominicana planeja expulsão de haitianos. *Folha de São Paulo*, 11 de julho de 2015. Acesso em: 13 jan. 2016.

ALTMAN, Max. Hoje na História: 1988 — Cidade curda de Halabja é bombardeada por tropas iraquianas com armas químicas. *Opera Mundi*, 16 de março de 2011. Acesso em: 07 jan. 2016.

_____. Hoje na História: 1943 — Milhares de corpos de soldados poloneses são encontrados na floresta de Katyn. *Opera Mundi*, 13 de abril de 2012. Acesso em: 23 jan. 2016.

_____. Hoje na História: 1879 — Nas mãos dos zulus o Império Britânico sofre a sua maior derrota na África. *Opera Mundi*, 22 de janeiro de 2014. Acesso em: 10 jan. 2016.

- ARROYO, Lorena; ESPARZA, Pablo. Diez cosas que quizás no sabía de Gibraltar. *BBC Mundo*, 12 de julho de 2013. Acesso em: 21 jan. 2016.
- Ataques recorrentes a alvos ocidentais. *Diário de Notícias*, 11 de março de 2010. Acesso em: 25 jan. 2016.
- A xenofobia do termo "hermano". In: <https://interferenciaurbana.wordpress.com/2014/07/12/a-xenofobia-do-termo-hermano/>. Acesso em: 11 jan. 2016.
- AZEVEDO, Reinaldo. Alckmin sobre a exportação de haitianos pelo Acre: "É preciso ter responsabilidade". *Blog Reinaldo Azevedo*, 30 de abril de 2014. Acesso em: 13 jan. 2016.
- _____. ENFIM A LIBERDADE! Escrava cubana do "Mais Médicos" consegue fugir com a família para os EUA e se livrar dos senhores cubanos e dos feitores brasileiros. *Blog Reinaldo Azevedo*, 31 de março de 2015. Acesso em: 21 jan. 2016.
- BARBOSA, Alexandre. Preconceito na América Latina. In: http://www.latinamericano.jor.br/artigo_preconceito_na_america_latina.html. Acesso em: 23 jan. 2016.
- BARRETO, Gustavo. Dois cubanos "refugiados" que não pediram refúgio: a persistência do anticomunismo na imprensa brasileira. In: <http://midia-cidadada.org/dois-cubanos-refugiados-que-nao-pediram-refugio-a-persistencia-do-anticomunismo-na-imprensa-brasileira/>. Acesso em: 21 jan. 2016.
- BARRIOS, Pablo Gómez. Muro entre Haití y República Dominicana: la difícil relación entre los dos países. *Radio Canada Internacional*, 21 de octubre de 2014. Acesso em: 13 jan. 2016.
- BARROSO, Luís Roberto. *Carta aos migalheiros: reflexões sobre o caso Cesare Battisti*. Migalhas, 01 de outubro de 2009. Acesso em: 12 janeiro 2016.
- Biutiful*. Direção: Alejandro González Iñárritu. Distribuição: Paris Filmes. México/EUA, 2010.
- BONIS, Gabriel. A milionária cadeia da pirataria na Somália. *CartaCapital*, 05 de novembro de 2013. Acesso em: 13 jan. 2016.
- Brasil autoriza residência permanente a mais de 43 mil haitianos. *Opinião & Notícia*, 17 de novembro de 2015. Acesso em: 13 jan. 2016.
- Caminhão abandonado na Áustria tinha mais de 70 corpos de imigrantes. *Uol notícias*. 28 de agosto de 2015. Acesso em: 05 jan. 2016.

- CAMBAÚVA, Daniela. A nova cara do conservadorismo: com grupos neonazistas, a extrema-direita conquista espaço na Europa. *Carta Maior*, 13 de março de 2014. Acesso em: 10 jan. 2016.
- CAMPOS, Amanda. Quase um terço do mundo vive em países que criminalizam a homossexualidade. *Portal Ig*, 26 de junho de 2015. Acesso em: 07 jan. 2016.
- CANDELORI, Roberto. Israel e o muro da discórdia: construção representa novo obstáculo à paz. *Portal Uol*, 01 de novembro de 2003. Acesso em: 08 jan. 2016.
- CARVALHO, Cleide. Acre sofre com invasão de imigrantes haitianos. *O Globo*, 01 de janeiro de 2012. Acesso em: 13 jan. 2016.
- Ceuta e Melilla. *Marrocos.com*, s/d. Acesso em: 23 jan. 2016.
- CHADE, Jamil. Expulsos pela fome, somalis lotem campo de refugiados. *O Estado de São Paulo*, 20 de agosto de 2011. Acesso em: 13 jan. 2016.
- “Charlie Hebdo” provoca indignação com caricaturas de menino sírio morto. *Portal Uol*, 15 de setembro de 2015. Acesso em: 09 jan. 2016.
- Chefe da Al-Qaeda pede ataques a países do Ocidente. *Portal G1*, 13 de setembro de 2015. Acesso em: 25 jan. 2016.
- Cinegrafista húngara que agrediu imigrantes diz que entrou em pânico. *Correio Brasiliense*, 11 de setembro de 2015. Acesso em: 09 jan. 2016.
- COLON, Leandro; FLECK, Isabel. Foto de menino refugiado morto na praia chama atenção para a crise. *Folha de São Paulo/Uol*. 02 de setembro de 2015. Acesso em: 04 jan. 2016.
- CONSTANTINO, Rodrigo. O começo do fim do bolivarianismo. *O Globo*, 24 de novembro de 2015. Acesso em: 23 jan. 2016.
- Coreia do Norte ameaça “destruir” Japão em caso de conflito. *Portal Terra*, 10 de abril de 2013. Acesso em: 23 jan. 2016.
- COSTA, Antônio Luiz M. C. China e Japão: o fantasma da guerra retorna. *CartaCapital*, 20 de setembro de 2012. Acesso em: 23 jan. 2016.
- COZÁR, Álvaro de. La triste vida de Amina Lawal. *Mujeres en Red: el periódico feminista*, agosto de 2005. <http://www.mujeresenred.net/spip.php?article389>. Acesso em: 07 jan. 2016.

- Costumes e tradições do povo cigano. In: http://ciganosopovoqueveio-do-oriente.blogspot.com.br/2009/05/costumes-e-tradicoes-do-povo-cigano_03.html. Acesso em: 07 jan. 2016.
- Cronologia do caso dos boxeadores cubanos. *O Estado de São Paulo*, 10 de agosto de 2007. Acesso em: 21 jan. 2016.
- CULLETON, Billy. A moda é discriminar argentinos. *Observatório da Imprensa*. 04 de julho de 2006. Acesso em: 11 jan. 2016.
- Dezenas de imigrantes são achados mortos em caminhão na Áustria. *Portal G1*. 21 de agosto de 2015. Acesso em: 05 jan. 2016.
- Dois terreiros de candomblé são incendiados no Entorno do DF. *Correio Braziliense*, 12 de setembro de 2015. Acesso em: 25 jan. 2016.
- Dominicanos apoyan construcción de muro en frontera con Haití. *HispanTV*. 19 de setembro de 2015. Acesso em: 13 jan. 2016.
- DONCEL, Luis. Ataque massivo contra mulheres causa indignação em Alemanha. *El País*. 05 de janeiro de 2016. Acesso em: 06 jan. 2016.
- Dossiê "Maus Médicos". *Facebook*, 19 de novembro de 2014. Acesso em: 21 jan. 2016.
- EICHENBERG, Fernando. Párias europeus: ciganos enfrentam pobreza, preconceito e perseguição. *O Globo*, 26 de outubro de 2013. Acesso em: 07 jan. 2016.
- _____. Extrema-direita vence na França e ganha terreno em toda UE. *O Globo*, 26 de maio de 2014. Acesso em: 10 jan. 2016.
- El balance definitivo de ETA: 2.472 actos terroristas y 197 ataques mortales sin esclarecer. *20 Minutos*, 02 de fevereiro de 2015. Acesso em: 11 jan. 2016.
- Embaixador denuncia preconceito em relação à Venezuela. *Brasil 247*, 21 de outubro de 2012. Acesso em: 23 jan. 2016.
- Entenda o que querem e como surgiram os grupos extremistas que ameaçam o mundo. *Portal Uol*, 27 de fevereiro de 2015. Acesso em: 08 jan. 2016.
- ESCHAPASSE, Baudoin. Ciganos: indesejáveis por cinco séculos. *História Viva*, n. 113. São Paulo: Segmento, março de 2013. Acesso em: 07 jan. 2016.
- Estabilidade europeia ameaçada por sentimento antirrusso. *Diário de Notícias*, 11 de abril de 2014. Acesso em: 21 jan. 2016.

- Estado Islâmico pede mais ataques em países ocidentais. *EBC: Agência Brasil*, 26 de janeiro de 2015. Acesso em: 25 jan. 2016.
- Estatuto do Estrangeiro*. São Paulo: Atlas, 1993.
- EUA na América Latina: um longo histórico intervencionista. *Cebrapaz*, s/d. Acesso em: 24 jan. 2013.
- Exército turco bombardeia posições da guerrilha turca PKK. *O Estado de São Paulo*, 14 de outubro de 2014. Acesso em: 21 jan. 2016.
- Extrema-direita vence em 11 cidades da França, mas socialistas mantêm Paris. *O Globo*, 03 de março de 2014. Acesso em: 10 jan. 2016.
- FERNANDES, José Pedro Teixeira. A Turquia e a questão curda. *Público*, 17 de outubro de 2014. Acesso em: 21 jan. 2013.
- _____. A Turquia, a Síria e os Curdos. *Público*, 29 de julho de 2015. Acesso em: 21 jan. 2016.
- FIGUEIREDO, Patrick. Muros do Mediterrâneo: notas sobre a construção de barreiras nas fronteiras de Ceuta e Melilla. *Cadernos de Estudos Africanos* n. 22, Lisboa: Centro de Estudos Internacionais do Instituto Universitário de Lisboa, 2011, p. 153-175.
- Fora da Ordem. Caetano Veloso. *Circuladô*, Phonogram/Philips, 1991.
- Foto chocante de menino morto revela crueldade de crise migratória. In: *Portal G1*. 02 de setembro de 2015. Acesso em: 04 jan. 2016.
- França cede à xenofobia contra os ciganos do Leste europeu. *Jornal de Notícias*, 22 de agosto de 2010. Acesso em: 07 jan. 2016.
- Gaijin: o caminho da liberdade*. Direção: Tizuka Yamasaki. Distribuição: Embrafilme e Unifilme. Brasil/Japão, 1980.
- GERAQUE, Eduardo; LOPES JR., Moacyr. Governo de SP critica governo do Acre por enviar haitianos. *Folha de São Paulo*, 24 de abril de 2014. Acesso em: 13 jan. 2016.
- GERSHENFELD, Ana. A diáspora dos ciganos começou a 1.500 anos no Noroeste da Índia. *Público*, 07 de dezembro de 2012. Acesso em: 07 jan. 2016.
- Gibraltar: historia e aspectos jurídicos del contencioso. Gobierno de España. *Ministerio de Assuntos Exteriores y Cooperación*, s/d. Acesso em: 21 jan. 2016.

- Gibraltar. Rochedo volta a intrometer-se entre britânicos e espanhóis. *Diário de Notícias*, 11 de agosto de 2015. Acesso em: 22 jan. 2016.
- GOMBATA, Marsílea. Haiti: quatro anos após o terremoto, nada mudou. *CartaCapital*, 10 de agosto de 2014. Acesso em: 13 jan. 2016.
- _____. Não consigo vislumbrar a Coreia do Norte em 2020, diz analista. *Portal Terra*, 01 de agosto de 2010. Acesso em: 21 jan. 2016.
- Governo petista do Acre envia haitianos para São Paulo. *Jovem Pan*, 24 de abril de 2014. Acesso em: 13 jan. 2016.
- Haiti. Caetano Veloso. *Tropicália 2*. Universal Music, 1993.
- HERSZENHORN, David. Nacionalismo e xenofobia se disseminam na Rússia. *Gazeta do Povo*, 20 de abril de 2014. Acesso em: 21 jan. 2016.
- Hungria aprova o envio do Exército para lidar com imigrantes na fronteira. *Correio Braziliense*, 21 de setembro de 2015. Acesso em: 08 jan. 2016.
- Hungria planeja estender muro até a fronteira com a Romênia para barrar refugiados. *O Globo*, 15 de setembro de 2015. Acesso em: 08 jan. 2016.
- Índia — Os intocáveis: a mais baixa das castas desafia o preconceito. *Revista National Geographic Brasil* n. 38. São Paulo: Abril, junho de 2003.
- Índia — Vida real no país das castas. *Revista Superinteressante* n. 266. São Paulo: Abril, junho de 2009.
- Israel ergue muro de segurança na fronteira com a Síria. *Tvi24*, 06 de janeiro de 2013. Acesso em: 08 jan. 2016.
- Israel e o muro da discórdia: construção representa novo obstáculo à paz. *Portal Uol*.
- Israel vai erguer muro de 30 quilômetros na fronteira com Jordânia. *Diário Digital*, 29 de junho de 2015. Acesso em: 08 jan. 2016.
- Japão paga por retorno de decasséguis, que denunciam xenofobia. *Portal Vermelho*, 01 de abril de 2009. Acesso em: 12 jan. 2016.
- Justiça húngara investiga jornalista que agrediu imigrantes. *O Globo*, 10 de setembro de 2015. Acesso em: 09 jan. 2016.
- “Las torturas siguieron en Abu Ghraib incluso después del escándalo”. Entrevista a Taha Azeez, portavoz del Frente de Lucha y Cambio. *Portal del diario Público*. 12 de dezembro de 2011. Acesso em: 05 jan. 2016.

LIMA, Wilson. Procuradoria denuncia professor por racismo e xenofobia no Maranhão. *Portal Ig*, 21 de março de 2012. Acesso em: 12 jan. de 2016.

LORENA, Sofia. Extrema-direita com vitória histórica nas eleições regionais francesas. *Público*, 06 de dezembro de 2015. Acesso em: 10 jan. 2016.

LORES, Raul Juste. "Xenofobia contra muçulmanos alimenta terrorismo", diz especialista. *Folha de São Paulo*, 12 de janeiro de 2015. Acesso em: 25 jan. 2016.

LUCENA, Laryssa Lyryanne M. de. O Brasil e a MINUSTAH: ou a busca de novos parâmetros para uma política externa brasileira "altiva" e "ativa" em operações de paz das Nações Unidas. *Revista Século*, v. 5. n. 1, Porto Alegre, jan./jun. de 2014, p. 129-149.

MAGALHÃES, Rômulo. Bolivianos sofrem ataques em série na cidade. *Folha Metropolitana*, 11 de novembro de 2015. Acesso em: 23 jan. 2016.

Mangue Beat: um passeio pelo mundo livre. *Superinteressante*, 23 de maio de 2015. Acesso em: 10 jan. 2016.

MARCEL, Yuri. Acre envia dois ônibus com imigrantes haitianos para a região Sul. *Portal G1*, 25 de maio de 2015. Acesso em: 13 jan. 2016.

MARINONI, Bruno. Brasil x Argentina: a promoção disfarçada do ódio. *CartaCapital*, 01 de julho de 2014. Acesso em: 11 jan. 2016.

MARTINEZ, Josefina L. Ultraderecha triunfa en Polonia: nacionalismo, catolicismo e xenofobia. *La Izquierda Diário*, 27 de outubro de 2015. Acesso em: 23 jan. 2016.

MATAIS, Andreza; MACÊDO, Fausto; CHAPOLA, Ricardo; HUPSEL FILHO, Walmar. Cesare Battisti é solto em São Paulo. *O Estado de São Paulo*, 12 de março de 2015. Acesso em: 12 jan. 2016.

MENDES, Vinícius. Ataque ao Charlie Hebdo potencializa onda xenófoba na Europa. *Portal Terra*, 09 de janeiro de 2015. Acesso em: 25 jan. 2016.

"Meus amigos brasileiros me queimaram", disse senegalês atacado em Santa Maria. *Diário de Santa Maria*, 13 de setembro de 2015. Acesso em: 12 jan. 2016.

Milhares de pessoas protestam na África do Sul contra a xenofobia. *Yahoo Notícias*, 16 de abril de 2015. Acesso em: 10 jan. 2016.

- MORAES, Isaias Albertin; ANDRADE, Carlos Alberto Alencar de; MATTOS, Beatriz Rodrigues Bessa. A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios. *Revista Conjuntura Austral*, v. 4, n. 20, Porto Alegre, out./nov., 2015, p. 95-114.
- MOURA, Paulo. Reportagem: xenofobia e racismo crescem entre jovens russos. *Público*, 01 de março de 2012. Acesso em: 21 jan. 2016.
- MOURÃO Mônica; BARBOSA, Bia. O atentado ao Charlie Hebdo e a regulação da mídia. *CartaCapital*, 11 de janeiro de 2015. Acesso em: 09 jan. 2016.
- MÜZELL, Lúcia. Preconceito contra ciganos é generalizado na Europa. *Portal Terra*, 28 de agosto de 2010. Acesso em: 07 jan. 2016.
- NOGUEIRA, Kiko. Médicos cubanos são vaiados em Fortaleza. *Diário do Centro do Mundo*, 27 de agosto de 2013. Acesso em: 21 jan. 2016.
- O Apartheid: um regime em pedaços. *Cadernos do Terceiro Mundo*, Ano VII, n. 82, Beatriz Bisso Editora, setembro de 1985.
- Obama anuncia oficialmente decreto para imigração. *O Estado de São Paulo*, 21 de novembro de 2014. Acesso em: 21 jan. 2016.
- O crescimento da xenofobia na Europa. *Carta Maior*, 16 de setembro de 2010. Acesso em: 07 jan. 2010.
- O inexplicável preconceito contra Cuba. *Jornal de Hoje*. 18 de dezembro de 2015. Acesso em: 21 jan. 2016.
- O PT está formando um exército de 20.000 haitianos no Brasil? *E-Farsas.com*, 27 de maio de 2014. Acesso em: 13 jan. 2016.
- O Roda Viva e a fábula dos lutadores cubanos deportados. *Luís Nassif On line*, 08 de outubro de 2013. Acesso em: 21 jan. 2016.
- Organizações médicas iniciam mobilização contra o programa Mais Médicos. *O Globo*, 08 de agosto de 2013. Acesso em: 21 jan. 2016.
- Os 300 de Esparta*. Direção: Zack Snyder. Distribuição: Warner Bross. EUA, 2006.
- OTAZU, Javier. Saddam Hussein, o aliado do Ocidente, tornou-se seu pior inimigo. *Portal G1*, 30 de dezembro de 2006. Acesso em: 08 jan. 2016.
- Palestinos comemoram nas ruas. *O Estado de São Paulo*, 11 de setembro de 2001. Acesso em: 24 jan. 2016.

- “Pensei que era uma pedrada”, diz haitiano atacado no Glicério. *Portal Terra*, 10 de agosto de 2015. Acesso em: 11 jan. 2016.
- PICAZO, Belén. Frontera en Melilla: drama humanitário. *Eldiario.es*, s/d. Acesso em: 22 jan. 2016.
- PONARIN, Eduard. Os EUA e o sentimento nacional russo. *Gazeta Russa*, 09 de julho de 2014. Acesso em: 21 jan. 2016.
- Porque os chineses são os piores turistas do mundo (depois dos americanos). *Diário do Centro do Mundo*, 26 de novembro de 2012. Acesso em: 11 jan. 2016.
- Preconceito contra a África é silencioso. *Jornal Opção*, 28 de novembro a 04 de dezembro de 2010. Acesso em: 25 jan. 2016.
- Preconceito contra muçulmanos é alto na Europa, diz UE. *Portal Terra*, 08 de abril de 2006. Acesso em: 25 jan. 2016.
- Prisioneiro de Guantánamo detalha tortura no primeiro livro escrito da prisão. *Portal G1*. 21 de janeiro de 2015. Acesso em: 05 jan. 2016.
- Professor no Maranhão é acusado de racismo contra africano. *Conversa Afia-da*, 30 de junho de 2011. Acesso em: 12 jan. 2016.
- PUFF, Jefferson. Racismo contra imigrantes no Brasil é constante, diz pesquisador. *BBC Brasil*, 26 de agosto de 2015. Acesso em: 11 jan. 2016.
- Que mal eu fiz a Deus*. Direção: Philippe de Chauveron. Distribuição: Outsiders Filmes. França, 2014.
- Quem luta contra quem na guerra síria. *BBC Brasil*, 02 de outubro de 2015. Acesso em: 08 jan. 2016.
- Quem são as 62 pessoas cuja riqueza equivale à de metade do mundo. *Uol Economia*, 21 de janeiro de 2016. Acesso em: 21 jan. 2016.
- Relatório do ACNUR mostra aumento do deslocamento forçado no primeiro semestre de 2014. *Site do ACNUR*, 07 de janeiro de 2015. Acesso em: 13 jan. 2016.
- RENOR, Roger de. Arriando minha sunga!!!. *Overmundo*, 26 de março de 2007. Acesso em: 10 jan. 2016.
- Republicanos querem anular decreto de Obama sobre imigrantes. *Bol*, 05 de dezembro de 2014. Acesso em: 21 jan. 2016.

- RIBEIRO, Assis. A passeata da MPB, em 1967, contra a guitarra elétrica. *Luís Nassif online*, 02 de março de 2014. Acesso em: 10 jan. de 2016.
- ROMAN, Clara. Haitianos no Brasil poderiam ser considerados refugiados, diz especialista. *CartaCapital*, 02 de fevereiro de 2012. Acesso em: 13 jan. 2016.
- ROSAS, Érika Guevara. Milhares de apátridas: a vergonha da República Dominicana. *Anistia Internacional — Brasil*, s/d. Acesso em: 13 jan. 2016.
- ROVAL, Renato. O médico cubano negro e a intolerância de nossa elite branca. *Portal Fórum*, 27 de agosto de 2013. Acesso em: 21 jan. 2016.
- SALATIEL, José Renato. Tragédia no Haiti: terremoto arrasa o país mais pobre das Américas. *Uol Vestibulares*, 21 de janeiro de 2010. Acesso em: 13 jan. 2016.
- SANCHEZ, Giovana. Maior campo de refugiados do mundo faz vinte anos em crise humanitária. *Portal G1*, 12 de agosto de 2011. Acesso em: 13 de jan. 2016.
- Seis haitianos são baleados em ataque no centro de São Paulo. *Folha de São Paulo*, 08 de agosto de 2015. Acesso em: 11 jan. 2016.
- Senegalês é atingido por banana e chamado de “preto”, “ladrão” e “macaco”. *Pragmatismo*, 01 de setembro de 2015. Acesso em: 12 jan. 2016.
- “Só nos dão osso” — releia entrevista com Ariano Suassuna. *Portal Fórum*, 26 de julho de 2014. Acesso em: 10 jan. 2016.
- Somália completa 20 anos de conflitos e anarquia. *Portal Terra*, 26 de janeiro de 2011. Acesso em: 13 jan. 2016.
- SOUZA, André de. Em 2013, 73 índios cometeram suicídio em Mato Grosso do Sul. *O Globo*, 23 de maio de 2014. Acesso em: 10 jan. 2016.
- SPERB, Paula. Haitiano é agredido até a morte em Santa Catarina. *Folha de São Paulo*, 20 de outubro de 2015. Acesso em: 11 jan. 2016.
- Suicídios de índios no MS em 2013 é o maior em 23 anos, aponta relatório. *Folha de São Paulo*, 26 de maio de 2014. Acesso em: 10 jan. 2016.
- Suprema Corte vai avaliar decreto pró-imigrantes de Obama. *Portal Terra*, 19 de janeiro de 2016. Acesso em: 21 jan. 2016.
- TOBACE, Ewerthon. Japão recebe críticas da ONU após onda de xenofobia nas ruas. *BBC Brasil*, 10 de setembro de 2014. Acesso em: 12 jan. 2016.

Três leis do cinema. <http://outubro.blogspot.com.br/2006/11/dirio-da-fonte-trs-leis-do-cinema.html>. Acesso em: 08 jan. 2016.

Trump quer muro e deportações contra a imigração ilegal. *Expresso*, 17 de agosto de 2015. Acesso em: 10 jan. 2016.

TURCI, Érica. Bálcãs — conflitos étnicos: As guerras da Bósnia e de Kosovo. *Uol Educação*, 22 de outubro de 2008. Acesso em: 24 jan. 2016.

Turquia inicia campanha decisiva contra militantes curdos. *Jornal Imprensa News*, 17 de dezembro de 2015. Acesso em: 21 jan. 2016.

Turquia volta a atacar redutos da guerrilha curda no norte do Iraque. *Portal Terra*, 12 de dezembro de 2015. Acesso em: 21 jan. 2016.

Violência xenófoba em Durban amedronta imigrantes na África do Sul. *Portal Uol*, 15 de abril de 2015. Acesso em: 10 jan. 2016.

Vítima de intolerância religiosa, menina de 11 anos é apedrejada na cabeça após festa de Candomblé. *Extra*, 16 de junho de 2015. Acesso em: 25 jan. 2016.

Xenofobia e racismo contra médicos cubanos. *Brasil de Fato*, 10 de setembro de 2013. Acesso em: 21 jan. 2016.

Xenofobia na África do Sul obriga presidente a lançar apelo. *Jornal de Notícias*, 18 de abril de 2015. Acesso em: 10 jan. 2016.

ZANATTA, Kênya. Distante dos favoritos, voto popular oscila entre extrema-direita e esquerda na França. *Operamundi*, 20 de abril de 2012. Acesso em: 11 jan. 2016.

11 de setembro de 2001: o maior atentado terrorista de todos os tempos. *Portal Terra*, 05 de setembro de 2011. Acesso em: 24 jan. 2016.

BIBLIOGRAFIA

- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- _____. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARISTÓTELES. *A Política*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BARBER, Benjamin R. *Jihad x McMundo: como globalismo e tribalismo estão transformando o mundo*. São Paulo: Record, 2003.
- BARRETO, Gustavo. *Dois séculos de imigração no Brasil: a construção da identidade e do papel dos estrangeiros pela imprensa entre 1808 e 2015*. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- BRAGA, Paulo Drummond. *Uma lança em África: história da conquista de Ceçã*. Lisboa: A Esfera de Livros, 2015.

- BRAUDEL, Fernand. *O espaço e a história no Mediterrâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BRENER, Jayme. *As guerras arabe-israelenses*. São Paulo: Ática, 1997.
- BUCK-MORSS, Susan. *Hegel, Haiti e la historia universal*. México: Fondo de Cultura Económica, 2013.
- BUSHKOVITCH, Paul. *Historia concisa da Rússia*. São Paulo: Edipro, 2014.
- CANEDO, Letícia Bicalho. *A descolonização da Ásia e da África*. 14. ed. São Paulo: Atual, 2005.
- CUNHA, Antônio Gerardo. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. 1. São Paulo: Editora 34, 2015.
- _____. 1440 — o liso e o estriado. In: *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 5. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 215-232.
- DURKHEIM, Emile. *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 2 v. São Paulo: Globo, 2008.
- FERREIRA, Túlio Sérgio Henriques. *O antiamericanismo de cátedra: desenvolvimento e nacionalismo no Brasil dos anos 50*. Tese (Doutorado em Relações Internacionais). Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- FIGUEIREDO FILHO, Valdemar. *Entre o palanque e o pulpito: mídia, religião e política*. São Paulo: Annablume, 2005.
- HINKLER, Pedro. *Unificação da vida na comunidade religiosa*. São Paulo: Loyola, 1981.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FRANCO JR., Hilário. *Idade Média: nascimento do Ocidente*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.
- _____. *Escritos sobre judaísmo y antisemitismo*. Madrid: Alianza, 1974.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 3. ed. São Paulo: Global, 2005.
- GALDINO, Luiz. *As Cruzadas*. Campinas: Quinteto Editorial, 2006.
- GOMES, Ana Carolina Vimieiro. La Venus Negra: el cuerpo como locus para la clasificación y diferenciación de los seres humanos. *Ciencias*, n. 105, jan./jun. de 2012, p. 56-63.
- GOMES, Renata Andrade. “Com que direito?”: análise do debate entre *Las Casas e Sepúlveda* — Valladolid, 1550-1551. Dissertação (Mestrado em Teoria do Direito). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GUTIÉRREZ, Jorge Luis. A controvérsia de Valladolid (1550): Aristóteles, os índios e a guerra justa. In: *Revista Usp* n. 101. São Paulo, março/maio de 2014, p. 223-235.
- GUTTMANN, Julius. *A filosofia do judaísmo*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- HATZFELD, Jean. *História da Grécia Antiga*. Lisboa: Europa-América, 1977.
- HOBSBAWM, Eric. *Nação e nacionalismos desde 1780*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- HOUTART, François. *Mercado e religião*. São Paulo: Cortez, 2003.
- JOMIER, Jacques. *Islamismo: história e doutrina*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus: de Abraão à queda de Jerusalém*. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.
- KAFKA, Franz. *Carta ao pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

- KERRIGAN, Michael. *A história secreta da Igreja: guerras religiosas, Inquisição e caça às bruxas*. Lisboa: Europa, 2005.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34, 2015.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- _____. *Raça e história*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- LIMA, Ana Gabriela Morim. *Hoxwa: imagens do corpo, do riso e do outro. Uma abordagem etnográfica dos palhaços cerimoniais Krahô*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- MARX, Karl. *Salário, preço e lucro*. São Paulo: Global, 1987.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *11 de setembro de 2001: a queda das Torres Gêmeas de Nova York*. São Paulo: Nacional, 2008.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MICHELAT, Guy; SIMON, Michel. *Les ouvriers e la politique: permanences, ruptures, réalignements (1962-2002)*. Paris: Press de Scienses Politiques, 2004.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. Políbio e Posidônio. In: *Os limites da helenização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991, p. 27-50.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro (1870-1920)*. São Paulo: Annablume, 1998.
- NOGUEIRA, Arlinda Rocha. *A imigração japonesa para a lavoura cafeeira paulista (1908-1922)*. São Paulo: IEB, 1973.
- NORTH, Joseph. *Nenhum homem é estrangeiro*. São Paulo: Scritta, 1991.
- ONFRAY, Michel. *Tratado de ateologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- PARRAGUEZ, Luísa; GONZALEZ, Francisco Garcia e TADEO, Joshua. América Latina: anti-EUA nas palavras, não nos atos. *Epoch Times*, 30 de outubro de 2013. Acesso em: 24 jan. 2016.
- PEREIRA, Francisco José. *Apartheid: o horror branco na África do Sul*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PIERONI, Geraldo. *Vadios e ciganos, heréticos e bruxas: os degredados no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

RENZO, Ana Maria di. *Estado, língua nacional e a construção das políticas linguísticas*. Campinas: Pontes, 2012.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. São Paulo: Achiamé, 1980.

ROLDÁN, Cristina Cruces. *El flamenco y la música andalusí — argumentos para un encuentro*. Sevilla: Carena, 2013.

RUFIN, Jean Christophe. *O império e os novos bárbaros*. São Paulo: Record, 1991.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. *Entre quatro paredes*. São Paulo: Abril, 1977.

SCARAMAL, Eliesse dos Santos Teixeira. *Haiti: fenomenologia de uma barbárie*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.

SCHILLING, Voltaire. *Ocidente x Islã: uma história de conflito milenar entre dois mundos*. Porto Alegre: LP&M, 2003.

SCHRÖDER, Ferdinand. *A imigração alemã para o sul do Brasil*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal (1640-1750)*. 2. ed. Lisboa: Verbo, 1982.

SERRES, Michel. *O terceiro instruído*. Rio de Janeiro: Instituto Piaget, 1997.

SIGAUD, Lygia. *Antropologia, impérios e Estados Nacionais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.

SIMMEL, Georg. *O conflito da cultura moderna e outros escritos*. São Paulo: Senac, 2013.

SIZA, Rita. Ministro do Interior espanhol classifica situação em Ceuta e Melilla como “emergência de Estado”. *Público*, 06 de março de 2014. Acesso em: 23 jan. 2016.

SLAHI, Mahamedou Ould. *Guantánamo Diary*. Edimburgo/Londres: Canongate, 2015.

ICONOGRAFIA

Capítulo 1: Menino morto durante imigração em Bodrum, Turquia. Foto autorizada pela ASSOCIATED PRESS (AP)/DHA/Nilufer Demir. 02/09/2015.

Capítulo 2: Acampamento de famílias ciganas romenas em Triel-sur-Seine perto de Paris (França). Foto: Benoit Tessier. Foto autorizada pela LatinStock/Reuters. 18/10/2013.

Capítulo 3: Migrantes na fronteira da Sérvia com a Hungria. Foto: Artur Widak/NurPhoto/Corbis. Foto autorizada pela LatinStock/Reuters. 16/09/2015.

Capítulo 4: Refugiado sírio com filho caindo após rasteira de cinegrafista húngara no vilarejo de Roszke, Hungria. Foto: Marko Djurica. Foto autorizada pela LatinStock/Reuters. 08/09/2015.

Capítulo 5: Homem portando escudo e bastão tribal nos ataques em Johannesburg, na África do Sul – Foto: Siphwe Sibeko. Foto autorizada pela LatinStock/Reuters. 17/04/2015.

Capítulo 6: Foto: Imigrantes haitianos reunidos defronte igreja Nossa Senhora da Paz, no bairro do Glicério em São Paulo. Foto: REUTERS/Nacho Doce. Foto autorizada pela LatinStock/Reuters. 16/09/2015. 28/04/2014.

Capítulo 7: Estudante nigeriano, vítima de xenofobia na UFMA. Foto de G. Ferreira publicada no Jornal Pequeno Online em 01/07/2011 gentilmente cedida por Lourival Bogéa, Diretor de Jornalismo.

Capítulo 8: Campos de refugiados na África em Dadaab, Somália, fronteira com Garissa County, Quênia. Foto de Thomas Mukoya. Foto autorizada pela LatinStock/Reuters. 19/10/2011.

Capítulo 9: Curdos na fronteira da cidade de Suruc na Turquia, cercados por tropas e arames farpados. Foto: Murad Sezer. Foto autorizada pela LatinStock/Reuters. 26/06/2015.

Capítulo 10: Ataque ao World Trade Center em New York (EUA). Foto: Sean Adair. Foto autorizada pela LatinStock/Reuters. 11/09/2001.